



JACBRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
JORNALISMO AAC COIMBRA

TERÇA-FEIRA
19 DE ABRIL DE 2005
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO N°131

UNIVERSIDADE ESTUDA POSSIBILIDADE DE ENSINO DAS ARTES

Comissão foi criada para reflectir sobre a eventual criação de uma escola voltada para o ensino artístico

Um grupo de trabalho constituído por 11 docentes tem por missão estudar a eventual criação de uma Escola das Artes na Universidade de Coimbra. O reitor Seabra Santos não traçou ain-

da como objectivo a criação de uma nova faculdade (que precisa de luz verde por parte do Ministério do Ensino Superior), mas acredita que a universidade pode criar "as condições orgânicas"

para um ensino que privilegie a prática das artes e não a formação de estudiosos, historiadores ou críticos. A comissão deve apresentar em Dezembro um relatório ao Senado Universitário. PÁG. 5

FRANCISCA MOREIRA



NOVO CENTRO COMERCIAL EM COIMBRA

Depois de dois anos de obras, o Dolce Vita Coimbra, situado na Solum, abre amanhã ao público. Ao todo são 115 lojas, um hipermercado, vários restaurantes, salas de cinema

e a maior Bertrand do País, numa área comercial que se estende por cinco pisos, com mais cinco de estacionamento coberto.

Paralelamente, é também inaugu-

rado o centro desportivo, composto pelo complexo de piscinas e o pavilhão multiusos. A infra-estrutura, parte do complexo Eurostadium, é inaugurada oficialmente hoje, com

um espectáculo de Rui Veloso e Sara Tavares, num palco montado na Rua General Humberto Delgado, dando um novo rosto a toda a área envolvente. PÁG. 8

Iº Workshop para futuros Escritores de Viagens

29 de Abril de 2005



Telefone 917252257 - Secção de Jornalismo AAC

Inscrições limitadas

SUMÁRIO

Destaque	2	Tema	12
Opinião	4	Desporto	14
Ensino Superior	5	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Estórias	22
Internacional	10	Vinte&três	23
Ciência	11		

O problema do primeiro emprego

Depois de terminado o curso surge a problemática entrada no mercado de trabalho. A CABRA foi falar com finalistas de diversos cursos e com alguns pós-licenciados e ficou a saber das suas expectativas, lembranças e frustrações. Face ao desemprego, a solução muitas vezes encontrada é continuar a estudar. Contudo, Rosário Athaíde, do Centro de Orientação e Emprego de Licenciados, diz que as pós-graduações podem significar "formação excessiva".

PÁGS. 2 E 3

Academia reúne amanhã em Magna

A campanha "UC à Lupa" termou ontem, com a segunda sessão do IV Fórum AAC, aberto a toda a comunidade estudantil, e um debate sob o tema "Que Univer(sc)idade?". Depois de terem analisado os problemas da universidade, os estudantes reúnem amanhã em Assembleia Magna.

PÁG. 6

Reportagem
Coimbra ao virar da página

A Câmara Municipal de Coimbra apresentou a candidatura a Capital Mundial do Livro de 2007. Dia 23 de Abril celebra-se o dia Mundial do Livro. A CABRA foi sondar o universo literário na cidade do Mondego: escritores, editoras, livrarias, eventos e projectos.

PÁGS. 12 E 13

Entrevista: Rão Kyao

"Porto Alto" é para ser tocado ao vivo"

O músico e a sua inseparável flauta de bambu vêm a Coimbra no próximo sábado. Rão Kyao fala de "Porto Alto", o novo disco, e de uma longa carreira. Para o palco do Gil Vicente, fica prometido um espetáculo com "muito lugar para o improviso".

PÁG. 17

19 DE ABRIL DE 2005

Falta de estatísticas não esconde dificuldades em arranjar emprego

Recém-licenciados enfrentam grandes obstáculos para entrar no mercado de trabalho

O reitor da Universidade de Coimbra defende que a criação de perspectivas de emprego não é apenas uma responsabilidade das instituições, mas também uma obrigação do Estado

Margarida Matos
Rui Simões

Concluídos os cursos, os recém-licenciados confrontam-se com as contrariedades do mundo do trabalho. Conseguir emprego na área de formação nem sempre se apresenta como uma tarefa fácil, numa altura em que o mercado de trabalho começa a ter dificuldade em responder à procura, sobretudo, de cursos da área das humanidades. De forma a orientar e inserir os estudantes a ingressarem na vida activa, foi inaugurado e apresentado em inícios deste mês, o Centro de Orientação e Emprego de Licenciados (COEL).

Este centro de emprego resultante de uma parceria entre a Universidade de Coimbra (UC) e o Instituto de Emprego e Formação Profissional está sediado na rua Padre António Vieira, número 5, em frente ao edifício sede da Associação Académica de Coimbra (AAC).

Este novo centro de emprego, vocacionado para um atendimento personalizado e especializado para detentores de habilitações superiores ou estudantes em final de curso, vai abranger os licenciados residentes na Região Centro (distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Guarda e Viseu), onde se es-



O Centro de Orientação e Emprego de Licenciados aberto este mês pretende ajudar recém-licenciados a conseguir o primeiro emprego

tima que anualmente adquiram a licenciatura entre 11 a 12 mil estudantes.

O COEL tem como finalidades promover a divulgação e procura de emprego, fomentar o empreendedorismo, orientar a decisão do projeto pessoal do emprego e ajudar ao estabelecimento de parcerias tanto em Portugal como no estrangeiro.

O reitor da UC, Seabra Santos,

justifica o envolvimento da instituição universitária neste projecto pela responsabilidade que tem na colocação no mercado dos quadros que anualmente forma. "Criar perspectivas de empregabilidade numa sociedade que não tem dado grandes facilidades é uma responsabilidade não só do Estado, mas também das instituições que formam", sublinhou, acrescentando que

anualmente saem da UC para o mercado de trabalho 2300 licenciados dos 2800 que em cada ano se inscrevem. Desta forma, este serviço "é uma solução satisfatória encontrada para tentar dar resposta a uma questão tão importante como é a das saídas profissionais", explica o catedrático de Engenharia Civil. E sublinha que este centro "vai dar uma nova forma de apoio aos estu-

dantes, complementando as estruturas já existentes, nomeadamente o Gabinete de Apoio às Saídas Profissionais da Universidade de Coimbra e o UNIVA", na AAC.

Seabra Santos refere ainda que o resultado de um estudo feito pelas Universidades de Coimbra e Aveiro conclui que a saturação do mercado, neste momento, abrange quase todas as áreas e mesmo os licencia-

O que vais fazer quando terminares o curso?

Rodolfo Loureiro, 23 anos, Antropologia

O meu curso não tem estágio. Só uma cadeira de seminário é que nos pode abrir algumas perspectivas de mercado. Estou a fazer um trabalho baseado numa prisão e pode ser que este me ajude em termos de saídas profissionais já que são os estudantes que têm que encontrar um local de estágio. Quando acabar a licenciatura vou tentar conseguir emprego em museus, escavações, ou câmaras municipais que são as nossas principais saídas, até porque o curso não é muito conhecido. Não rejeito fazer uma pós-graduação.

Carina Gomes, 24 anos, História

É muito difícil hoje em dia ser professora, mas não vou abandonar esta área de que gosto. Penso que uma das soluções seria diminuir o número de vagas a licenciaturas com poucas saídas. Uma hipótese seria, por exemplo, restringir algumas licenciaturas a determinadas universidades.

Vou tentar trabalhar nesta área ou fazer uma pós-graduação, mas ainda não sei. No entanto, acho que é essencial os estudantes terem acesso a mais informação e esta ser mais completa.

Manuela de Lima Vaz, 23 anos, Direito

Quando acabar o curso vou fazer o estágio obrigatório de dois anos e depois disso faço os exames para ingressar na Ordem de Advogados.

Sou uma privilegiada porque o meu pai é advogado e, portanto, vou trabalhar no escritório dele. No entanto, se não tivesse esta oportunidade, iria tentar as outras saídas da licenciatura, tal como a magistratura ou prestar apoio jurídico em empresas.

É necessário um maior apoio aos estudantes não só no último ano mas ao longo de todo o curso.

Luís Jesus, 24 anos, Ciências Farmacêuticas

Quando acabar o curso vou estagiar, pois o estágio está integrado na nossa licenciatura.

Quanto às perspectivas de mercado de trabalho, estas na saúde são relativamente fáceis. Mas não ponho de parte a possibilidade de poder vir a fazer uma pós-graduação, pois é sempre uma mais-valia.

Penso que deve haver um maior acompanhamento aos alunos, porque a maior parte das vezes, são os próprios estudantes a terem que pesquisar e a falar com as pessoas.

Ana Rita Jacinto, 24 anos, Psicologia, a estagiar na área da Psicologia Social do Desporto

Este ramo da área da Psicologia é inovador e há sempre muitas pesquisas e investigações a fazer, o problema é que não são remuneradas. Este aspecto de ter trabalho é uma vantagem em relação aos outros ramos da Psicologia em que há muita procura e pouca oferta. Como sou a única a estagiar nesta área não encontro bibliografia na minha faculdade, tendo que recorrer à faculdade de Desporto. Mas sem dúvida que vou continuar a trabalhar nesta área, de que gosto muito.

dos em engenharias estão com dificuldades em integrarem o mercado de trabalho. Quanto a possíveis soluções para combater a saturação, o reitor defende ser necessário uma "maior racionalização da oferta de cursos a ministrar nas instituições universitárias". Seabra Santos elucida "que não faz sentido existirem cursos homónimos e homólogos em universidades e politécnicos próximos uns dos outros", pois "esta situação não traz vantagem para

ninguém, nem para as instituições universitárias que poderiam canalizar as verbas investidas noutras áreas ou projectos, nem para os estudantes que são atraídos para cursos que depois acabam por não ter saídas profissionais". E conclui: "É preciso bom senso".

Pós-graduações nem sempre são mais valia

Uma das responsáveis do Centro de Orientação e Emprego de Licen-

cios, Rosário Athaíde, elogia o trabalho já feito pelo Gabinete de Saídas Profissionais da Universidade de Coimbra, nomeadamente ao orientar os licenciados para as empresas que fazem ofertas de trabalho. No entanto, lamenta que depois não existam dados estatísticos dos pós-licenciados que conseguem arranjar emprego ou de quanto tempo ficam à espera de ingressarem na vida activa, pois "posteriormente não há feedback

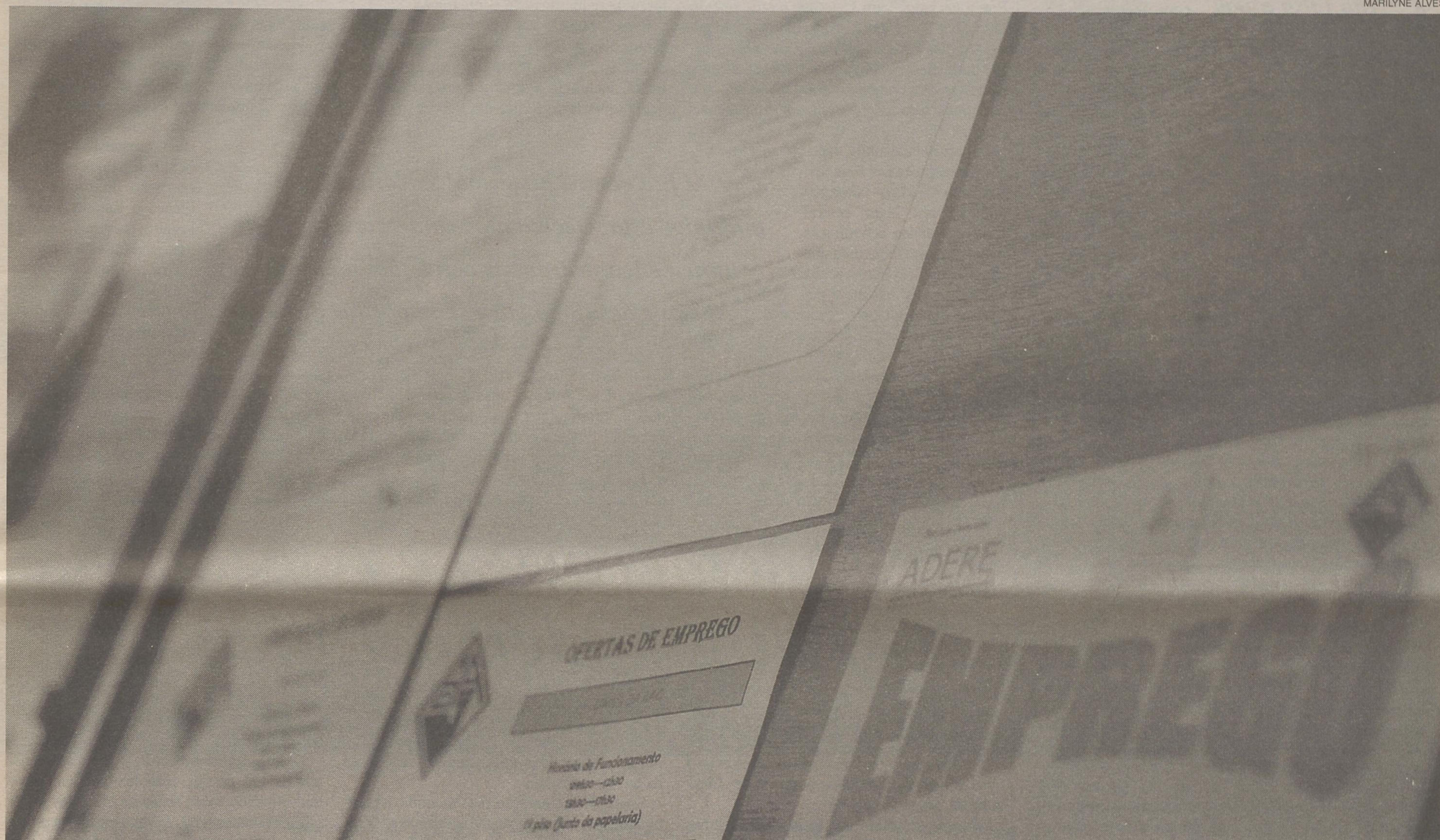
dos estudantes".

Quanto às áreas que encontram maiores dificuldades em conseguir saídas profissionais, Rosário Athaíde destaca a área de Letras, nomeadamente a vertente de ensino, como por exemplo os cursos de História e Filosofia, mas também as licenciaturas de Economia, Gestão e Sociologia. E acrescenta que "apesar de o mercado de trabalho estar complicado", os cursos de engenharias, principalmente a licenciatura em

Engenharia Informática são os que têm maior facilidade de colocação.

A especialista explica ainda "que nem sempre a opção de tirar uma pós-graduação em períodos sem emprego é uma mais-valia na procura de trabalho", pois "às vezes ter um doutoramento ou um mestrado não funciona da melhor forma na procura do primeiro emprego", já que "a pessoa não tem experiência profissional, mas formação excessiva".

MARILYNE ALVES



Os conhecimentos pessoais são, para quem procura emprego, uma porta de entrada no mundo do trabalho

A difícil tarefa de arranjar trabalho

Pós-licenciados contam o que passaram e pensaram enquanto encetavam a sua entrada no mercado de trabalho

Inês Coelho formou-se em Ciências da Educação em 2003/04. No mesmo ano lectivo, Vera Crisóstomo acabava a licenciatura em Biologia e João Blaze terminava o curso de Educação Física, todos na Universidade de Coimbra. Em comum têm o facto de terem iniciado ao mesmo tempo a procura do primeiro emprego. Diferentes, as peripécias por que passaram e o sucesso que tiveram.

Inês Coelho admite não ter sentido "grandes dificuldades" na procura do primeiro emprego. Fez o estágio curricular na Direcção Regional de Educação do Centro, sendo depois convidada para permanecer lá. Depois disso, a licenciada em Ciênc-

cias da Educação esteve a fazer um projecto de investigação para a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, estando neste momento a trabalhar num projecto de Campanha Global pela Educação, na condição de bolsista da Universidade de Aveiro.

Vera Crisóstomo e João Blaze não tiveram tanta sorte. Se a primeira se encontra a dar aulas no Colégio de São Martinho em Coimbra, o segundo está desempregado e a receber o fundo de desemprego da Segurança Social.

A licenciada em Biologia lembra que teve "algumas dificuldades em arranjar emprego", e que "só graças a alguns conhecimentos" é que arranjou colocação naquele colégio privado. Vera Crisóstomo recorda ainda que no ano passado, como apenas estava a fazer estágio profissional, não lhe foi permitido participar no concurso nacional de colocação de professores.

Do mesmo se queixa João Blaze que, dessa forma, ainda não conse-

guiu arranjar emprego e estará até Agosto à espera dos resultados do concurso nacional de colocação de professores para o ano lectivo de 2005/06. Admitindo ter sentido grandes dificuldades na procura do primeiro emprego, sem sequer ter conseguido trabalho "numa qualquer escola privada ou algo semelhante", sobrevive com o recebido do fundo de desemprego e com o que ganha num part-time de ensino de ténis.

No que diz respeito aos apoios recibidos na "travessia do deserto" da procura do primeiro emprego, os três recém-licenciados são unâni- mes em admitir que estes foram quase nulos. Sem terem qualquer acompanhamento da Universidade de Coimbra, João Blaze e Inês Coelho apenas lembram, respectivamente, a ajuda recebida da Segurança Social (o fundo de desemprego) e "aqueelas entrevistas normais" no Centro de Emprego. Vera Crisóstomo sublinha: "Não fossem conhecimentos pessoais e estaria em casa como as minhas colegas".

Conselhos e alternativas

Perante a perspectiva de um longo período parados, ou de modo a valorizarem ainda mais o seu currículo, são vários os pós-licenciados que optam por continuar os estudos, fazendo uma pós-graduação. Inês Coelho admite ter colocado esse hipótese, e mesmo estando ocupada neste momento, está a fazer um mestrado na sua área, especializando-se na formação e educação de adultos.

Do mesmo modo, Vera Crisóstomo diz ter pensado em continuar os estudos "logo após saber que não ia poder concorrer", mas o surgimento facilitado da proposta de trabalho no Colégio de São Martinho acabaria por fazê-la mudar de ideias. Também o licenciado em Educação Física João Blaze admite ter chegado a pensar fazer uma pós-graduação na Faculdade de Motricidade Humana em Lisboa, mas diz que o facto de ter arranjado o part-time "a dar umas aulinhas de ténis" no complexo Mira-Villas, que lhe ocupava dois dias da semana, não era compatível com a presença em Lisboa.

A perspectiva de enfrentar a procura do primeiro emprego é dos temas que mais assustam os estudantes finalistas que se preparam para entrar no mercado de trabalho. A estes, quem já passou por essa experiência deixa conselhos bastante dispares. Inês Coelho deixa aos recém-licenciados a mensagem de "não desistirem, não se fecharem em casa e não serem derrotistas com o primeiro 'não' que tiverem", dizendo-lhes antes para terem esperança. Vera Crisóstomo e João Blaze não deixam um recado tão optimista. A licenciada em Biologia, que se diz "uma privilegiada", sugere aos futuros licenciados que tenham "uma formação abrangente, e estejam dispostos a fazer um pouco de tudo", enquanto que o formado em Educação Física incentiva os futuros licenciados a "agarrarem a primeira oportunidade que tenham, mesmo que não gostem", já que neste momento, "está difícil arranjar emprego, principalmente na área da educação" e o melhor é aproveitar qualquer oportunidade, mesmo a curto prazo.

EDITORIAL

A geração canguru

"Não falta quem se esteja a formar sem saber porquê e para quê"

sós, uma privacidade e liberdade dentro da casa paterna que antes não existia, a dificuldade em entrar no mercado de trabalho e os baixos rendimentos dos primeiros anos de emprego. Estes últimos factores alargam o âmbito desta "bolsa marsupial" e permitem incluir no espectro da geração canguru todos aqueles que, embora morando fora da casa dos pais, não adquiriram ainda uma independência financeira.

Depois de terminado o curso, surge a preocupação de encontrar o primeiro emprego; e um dos problemas reside precisamente aqui: para muitos, a questão da empregabilidade surge na recta final da licenciatura e não antes da sua escolha. Não falta quem se esteja a formar sem saber porquê e para quê, vendo no curso uma forma de prolongar por alguns anos um estilo de vida que não teriam de outra forma e sustentando a esperança de que o diploma seja o passaporte para o mundo do trabalho. E, de facto, é o muitas vezes. É preciso desmistificar a ideia de que um curso não abre portas, de que licenciados há muitos e de que o investimento num curso superior é tempo e dinheiro perdidos. Embora as estatísticas não abundem, os estudos indicam que os licenciados conseguem mais facilmente emprego do que pessoas com menos formação e que são, por norma, melhor remunerados. Mas, é claro, há cursos e cursos. Formam-se, anualmente, centenas de professores que não conseguem colocação. Na área das humanidades a falta de empregabilidade é gritante.

Para quem não encontra emprego, prosseguir os estudos é, por vezes, a solução encontrada. O resultado acaba por ser formação em excesso. Depois há o empreendedorismo, um conceito em voga. Mas, se é certo que o espírito empreendedor é independente da formação que se tem, não é menos verdade que os cursos que mais saídas profissionais oferecem são também os que estão mais voltados para o empreendimento.

Torna-se necessário, por um lado, que as instituições de ensino superior se empenhem em fornecer dados sobre a empregabilidade das formações que oferecem e, por outro, que universidades, politécnicos e Governo definam mais claramente, à semelhança do que é feito noutras países, áreas prioritárias, de forma a que a formação ao nível do ensino superior esteja mais ajustada às necessidades do País e ponho fim à filosofia de formação "em tudo por todos". E, essencialmente, é preciso acabar com o espírito de tirar um curso (ou pós-graduação) na ausência de alternativa viável, uma situação de onde acaba por sair um indivíduo pouco formado. Afinal, frequentar um curso é uma oportunidade (única para muitos) de obter uma formação que se quer superior. João Pereira

Cartas ao director podem ser enviadas para direccao@acabria.net

A metáfora tem vindo a ser usada com frequência e traduz-se de forma simples: cada vez mais os filhos saem mais tarde de casa dos pais. Na base desta alteração do comportamento estão, dizem os sociólogos, o desejo de um conforto que não seria conseguido vivendo a

Mobilidade no centro histórico

João Casaleiro *

As questões de mobilidade nos núcleos mais antigos dos centros urbanos revestem-se, por via de regra de especial delicadeza e exigem, da parte das autoridades, uma sensibilidade particular. Isso sucede porque os centros históricos das cidades têm uma configuração urbana que convive mal (ou não convive de todo) com os meios de transporte rodoviário, sejam individuais ou colectivos. Por outro lado, é um facto que o crescimento explosivo das viaturas particulares ao longo das últimas décadas tem colocado uma pressão permanente sobre o tecido urbano, sendo, nestes casos, evidente que o chamado casco antigo das cidades, constitui a sua parte mais vulnerável.

Por outro lado ainda, sucede que nem sempre o núcleo histórico citadino consegue manter o seu "lugar" central das actividades económicas e que portanto, à medida que as cidades crescem, acaba por ficar mais distante e periférico das principais zonas de serviços urbanos. Nesses casos as questões de mobilidade não se colocam com tanta pertinência, acabando por ser mais fácil o desenho exclusivo de circuitos a pé para residentes ou turistas, os quais só nas proximidades dos centros históricos é que encontram

terminais para os serviços de transporte colectivo, ou para os parques de estacionamento para os seus próprios meios de transporte rodoviário individual. Esses exemplos são sobretudo nítidos naquelas cidades com zonas antigas de pequena dimensão e relativamente bem circunscritas, para as quais se preferiu adoptar uma estratégia de preservação ou de criação de um "museu vivo", a um esforço de requalificação e integração.

Parece-nos que não é esse porém o caso do centro histórico de Coimbra. Porque aí o que existe é um vasto território, desde a Alta à Baixa, incluindo a zona à beira rio na margem esquerda do Mondego. Porque aí verifi-

"Aí [no centro histórico] se concentram múltiplos estabelecimentos comerciais, (...) que nunca encontraram as condições ideais de espaço e desafogo para se impor na Baixa"

ca-se, desde sempre, um fervilhar de actividades económicas que mantém elevada centralidade no conjunto de todo o concelho. Porque aí se concentram múltiplos estabele-

cimentos comerciais, que têm sabido resistir à penetração das grandes superfícies, que emergem por todo o lado, mas que nunca encontraram as condições ideais de espaço e desafogo para se impor na Baixa de Coimbra.

O centro histórico de Coimbra é portanto um largo espaço urbano com funções de elevada centralidade e especialização económica, abrangendo desde o rio até às colinas da universidade e de Santa Clara, mas "tocando" ainda em Celas e Santo António dos Olivais. Todo este espaço vem registando dificuldades acrescidas de mobilidade, que resultam em larga medida dos novos serviços que aí se procuram implantar e da atração que a pro-

cura sente em relação a eles. A resposta a estas dificuldades, que consiste na execução do projecto do Eléctrico Rápido / Metro Ligeiro, assume portanto uma importância crucial.

Ora, a Baixa de Coimbra não pode ficar de modo nenhum ausente desta dinâmica. E nessa medida, as intervenções previstas, bem como algumas já em

curso, para valorizar a acessibilidade a toda a zona da Baixa de Coimbra, é um imperativo de modernidade e de requalificação urbana.

*Administrador da Metro Mondego

A co-incineração e o estado de direito democrático

Jorge Castanheira Barros *

No Programa que o Governo apresentou à Assembleia da República pode ler-se - Capítulo III, ponto 2, pág. 93 - :

No que se refere aos resíduos industriais perigosos, o Governo "retomará o processo tendo em vista a co-incineração nas cimenteiras".

Esta mesma expressão já constava "ipsis verbis" do manifesto eleitoral do PS que foi sufragado nas últimas eleições. Vem sendo questionado publicamente se não deverá considerar-se legitimada a co-incineração face aos resultados eleitorais de 20 de Fevereiro.

No seu bem estruturado artigo de opinião publicado em 11 de Março num jornal de Coimbra, Júlio dos Santos considerou legitimada a co-incineração a partir dos últimos resultados eleitorais.

Demonstrando consciência da gravidade do problema, o autor revela-se contudo resignado e disposto a aceitar a co-incineração ao afirmar, a dado passo do seu artigo: "o povo assim o quis, pois que assim seja".

É louvável o sentido democrático, que compartilho. A República Portuguesa é, efectivamente, um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, conforme dispõe o artigo 2º da nossa Constituição.

Assim, como democratas, devemos respeitar a vontade livremente expressa pelo Povo português.

Contudo a vontade expressa pela maioria tem de subordinar-se à lei num Estado que não é só "democrático", mas também "de direito".

Se a maioria dos portugueses decidisse que nos devíamos atirar todos a um poço, não ficaríamos seguramente obrigados a fazê-lo. O facto de a maioria dos portugueses ter votado no PS nas últimas eleições não significa que tenhamos que aceitar a condenação a vivermos, no futuro, no meio de quatro paredes impregnadas de lixo tóxico industrial,

porque construídas com cimento resultante da co-incineração.

Se da co-incineração resulta ainda, e principalmente, a produção de substâncias altamente cancerígenas, cujo efeito subsiste durante mais de 30 anos (dioxinas, furanos, etc), nunca a adopção de tal método de queima de resíduos industriais perigosos pode estar legitimado, porque viola direitos que a mesma Constituição consagra.

Abstraindo por ora da relevância criminal que poderá assumir a prática de actos de co-incineração, atento o disposto nos art.ºs 144º, 146º, 278º, 279º e 280º do Código Penal, im-

**"Ser ecologista (como agora se diz) não é pois, em Portugal, uma mera questão de moda, sen-
do sim um imperativo
constitucional."**

Deste último preceito legal resulta não apenas um direito, mas também um dever que impende sobre todos os cidadãos portugueses (e não apenas sobre os que vivem perto das cimenteiras) que é o de defender "um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado".

Ser ecologista (como agora se diz) não é pois, em Portugal, uma mera questão de moda, sendo sim um imperativo constitucional.

Quando promovi uma acção popular contra a co-incineração, através da interposição de um recurso contencioso de anulação no Supremo Tribunal Administrativo que visava a anulação do despacho do ministro José Sócrates, achei que seria suficiente, como foi de facto, a via dos tribunais administrativos para alcançar o objectivo de impedir esse grave atentado à saúde pública.

Em 21 de Janeiro de 2004 o Supremo Tribunal Administrativo julgou revogado o despacho do ministro José Sócrates que determinou a opção pela co-incineração em Souselas e Outão.

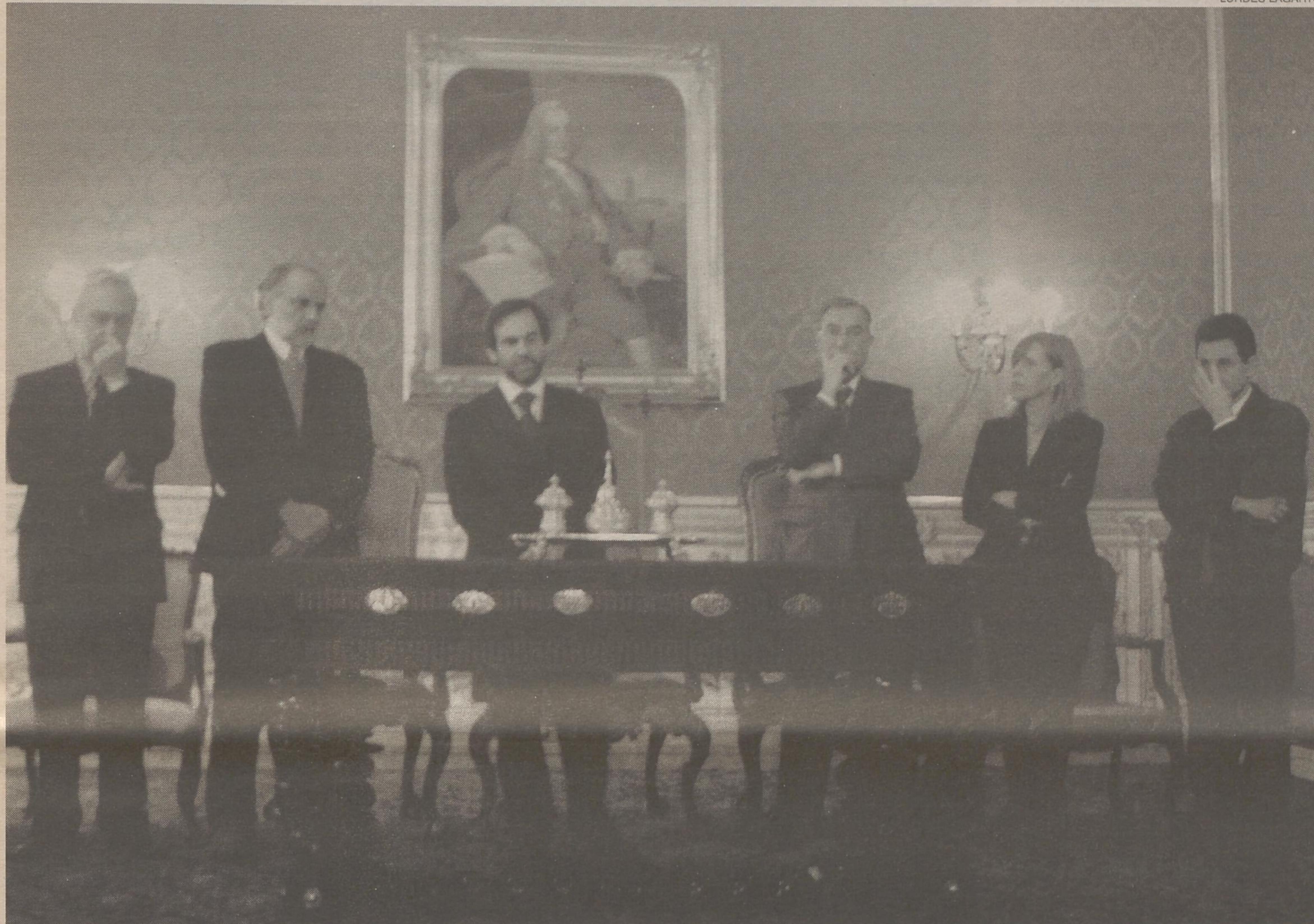
A Convenção de Estocolmo assinada pelo Estado Português em Maio de 2001, através do Secretário de Estado do Ambiente do então ministro Sócrates, consagra no seu artigo 5º diversas medidas para reduzir ou eliminar as libertações derivadas da produção não intencional "de Poluentes Orgânicos Persistentes, referindo o respectivo Anexo C que as dioxinas e furanos se libertam" de forma não intencional a partir de processos térmicos, que compreendem matéria orgânica e cloro, como resultado de uma combustão incompleta ou de reacções químicas", entre os quais (processos térmicos) se inclui a co-incineração de resíduos industriais perigosos em cimenteiras (alínea b) da Parte II).

É tempo pois de se deixar de brincar com coisas sérias.

*Advogado

UC vira-se para as artes

Conclusões da comissão de reflexão recém-criada conhecidas em Dezembro



Seabra Santos nomeou uma comissão de reflexão sobre o ensino das artes na Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra quer alargar a sua oferta ao ensino artístico tendo criado uma comissão para estudar a possibilidade de uma escola de artes. As conclusões vão ser apresentadas em Dezembro

Margarida Matos

Uma comissão de docentes vai reflectir sobre a introdução do ensino de artes na Universidade de Coimbra (UC), com a preocupação de que venha a assumir-se como referência europeia. Na cerimónia de nomeação da comissão de reflexão, que decorreu na quinta-feira, o reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, não adiantou se o objectivo final é a criação de uma nova faculdade, até porque se trata de uma realização que exige o aval da tutela, mas garantiu que até ao final do ano vai estar elaborado um relatório, que será sujeito à apreciação do Senado da Universidade, o órgão competente para dar o parecer.

Seabra Santos acredita que a UC "tem condições para criar condi-

ções orgânicas" e, apesar de ressaltar que a eventual criação da escola "depende do ministério, diz que "gostaria que incluísse as artes performativas e contemporâneas": "Mas não sei se é possível", afirmou, sem querer fazer prognósticos antes da reflexão que a comissão vai iniciar.

Trata-se, segundo o reitor, de "dar uma imagem de contemporaneidade à universidade, "abrigando-se a novas frentes de enquadramento nos domínios científicos e pedagógicos", como vem referido no despacho de nomeação da comissão. Seabra Santos defende uma formação de praticantes das artes e não apenas de estudiosos, historiadores ou críticos.

José Oliveira Barata, docente na Faculdade de Letras da UC, é o mais antigo docente a integrar a comissão, constituída por onze professores da "casa" e coordenada pelo reitor. Esta comissão de reflexão integra docentes ligados à arquitetura, música, teatro, dança, antropologia, história de arte e ensino de línguas.

No seu discurso, Oliveira Barata afirmou que a ideia de reflectir sobre o ensino das artes na UC "já podia estar em marcha há mais tempo": "Poderíamos estar nesta altura a avaliar a sua eficácia". E garantiu que esta comissão vai "desmentir a ideia generalizada de que as comissões se criam para se

fingir que se está a resolver quando se está a adiar".

Seabra Santos salientou no seu discurso que "o facto de esta comissão ser constituída só por docentes da UC não é um fim em si mesmo": "Temos a humildade de ir procurar contributos fora daqui", disse, acrescentando que à reflexão interna dos membros da comissão se vão juntar outros especialistas da UC, no âmbito de um colóquio que ainda não tem data agendada. O encontro de todos estes especialistas pretende apresentar "respostas concretas para levar às autoridades competentes", explicou o reitor.

Um projecto a longo prazo

Apesar de considerar que há um "longo percurso a percorrer", Seabra Santos mostrou-se confiante de que este projecto "chegará a bom porto". E assegurou: "Dentro de meses estaremos em condições de fazer propostas concretas para que o senado tome as suas decisões".

O reitor preferiu não adiantar pormenores acerca das valências que a eventual escola possa vir a ter, como as áreas a abranger ou os moldes de funcionamento. Para Seabra Santos, tudo está ainda em aberto: "Vamos abordar todas as questões", justificou, acrescentando que se pretende "alargar a área de intervenção da UC ao domínio das artes".

Apesar de todas as reservas do reitor em antecipar conclusões sobre o ensino artístico na instituição universitária, o despacho assinado por Seabra Santos, com vista à constituição da comissão, idealiza já um modelo de escola: "O ensino das artes que vier a ser criado na Universidade de Coimbra (UC) deverá ter como qualificativo essencial a atenção à cultura contemporânea". O documento defende também "que uma escola das artes na UC só faz sentido se conseguir ganhar lugar no panorama europeu". E acrescenta ainda que "deverá, no âmbito das licenciaturas, formar praticantes das artes. Deverá ser uma escola visual e performativa, na qual se articulem os diversos cursos e departamentos".

A ser implementada, esta escola de artes será a primeira escola pública do género em Coimbra. Ao contrário de instituições como a Universidade do Porto ou a Universidade de Lisboa, que possuem as facultades de Belas Artes, em Coimbra, à parte do ensino superior privado (ARCA), não existe uma estrutura autónoma dedicada ao ensino das artes.

Na Universidade de Coimbra, existem apenas algumas licenciaturas no domínio das artes tais como Estudos Artísticos e História de Arte, na faculdade de Letras, e Arquitectura, na faculdade de Ciência e Tecnologia.

Culturas Lusófonas enfrentam dificuldades

Suzana Marto

A Secção de Culturas Lusófonas da Associação Académica de Coimbra (AAC) voltou a abrir as suas portas aos estudantes, depois de um período de inactividade de três anos. Embora apresente actividades em agenda, a secção tem ainda alguns problemas para resolver.

As Culturas Lusófonas existem já há mais de dez anos, mas a falta de financiamento levou à sua suspensão em 2001. O processo de reactivação ocorreu no início deste ano lectivo. A revitalização da secção passou pelo estabelecimento de uma nova direcção, pela renovação dos estatutos da secção e pela adesão de novos sócios.

Um conjunto de estudantes que não se reviam nas várias secções culturais da AAC, convidou o actual presidente da secção, Pedro Cabral, a recriar este espaço.

A tomada de posse da nova comissão ocorreu a 31 de Dezembro de 2004. Paulo Cabral revela que "não há uma continuidade entre as duas". A nova direcção quer partir do zero, o que no entanto, levanta um problema burocrático, já que a antiga direcção não tinha informado a tesouraria da extinção das actividades. Esta situação dificulta as actividades da secção, mas esta a ser resolvida pelo Conselho Fiscal da Associação Académica de Coimbra.

A secção encontra também limites infra-estruturais por não ter um sítio permanente de trabalho. Desta forma os trintas sócios encontram-se todos os sábados, ao final da tarde, no mini-auditório Salgado Zenha. Além disso, depara-se também com problemas monetários, pelo que a falta de verbas impedi a realização de um concurso de poesia. Mesmo assim, já se realizou um espectáculo de música no bar da AAC e uma exposição que teve uma boa adesão de visitantes.

Para este ano, a secção tem um programa ambicioso, mas que depende da regularização da situação económica e dos limites físicos. Os objectivos são uma mostra de cinema lusófona (com apoio da RTP), a organização de um encontro de estudantes lusófonos em Agosto, e diversas exposições, convívios, mostras gastronómicas, entre outras actividades.

Outro dos propósitos "é tentar levar um grupo de fado de Coimbra a Cabo Verde," já que esta "é a comunidade lusófona com maior expressão em Portugal", afirma Paulo Cabral. Para o dirigente, esta iniciativa "enquadra-se numa das ideias mais importantes" da secção: "Divulgar as culturas lusófonas de cá para fora e vice-versa, de forma a que haja intercâmbio". No entanto, o presidente da secção recorda que "estes projectos ainda só são intenções".

Daqui a um ano, Paulo Cabral espera ver a Secção de Culturas Lusófonas dar um contributo para o "enriquecimento cultural não só de todos os estudantes como também da cidadania".

Magna reúne após análise às falhas da UC

"Com um balanço bastante positivo", segundo o presidente da direcção-geral, a campanha "UC à Lupa" terminou ontem com um debate, onde o reitor esteve presente.

Amanhã, há Assembleia Magna

Liliana Figueira
Margarida Matos
Soraia Ramos

Pela primeira vez, depois de a Assembleia Magna ter decretado o boicote a todas as cerimónias em que o reitor estivesse presente, o líder dos estudantes e o reitor estiveram juntos, num debate público, a discutir o futuro do ensino superior em Portugal. O debate contou também com a presença do ex-diretor do Teatro Académico de Gil Vicente, João Maria André.

Segundo o presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves a presença do reitor Seabra Santos neste debate "não compromete o que foi reiterado na primeira Assembleia Magna desta direcção-geral". O dirigente explica "que continuamos a dizer não ao protocolo, mas sempre que os interesses da Universidade de Coimbra e do país estiverem em jogo, então, os estudantes vão estar presentes". E garante "que apesar de os estudantes terem posições diferentes das de Seabra Santos", isso não significa, "que se vai deixar de trocar ideias com o reitor, tal como acontece nas reuniões do Senado Universitário". Desse modo, o estudante defende "que este debate não se tratou de uma forma de tréguas".

Já ontem teve lugar, da parte da tarde, no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras, a segunda sessão do IV Fórum Associação Académica de Coimbra (AAC). Depois de a quarta edição do Fórum AAC ter reunido pela primeira vez em Coimbra, em meados de Março, as conclusões foram apresentadas numa segunda sessão deste encontro, desta vez aberta a toda a comunidade estudantil.

A iniciativa decorre de uma decisão da última Assembleia Magna, pela qual o Fórum AAC, promovido pelo Pelouro dos Núcleos e Pedagogia DG/AAC, se iria realizar em Coimbra por uma questão de contenção de despesas. Além disso, foi também aprovado que esta iniciativa iria ser dividida em duas sessões: a primeira, a cingida apenas a dirigentes associativos, e a segunda aberta à comunidade civil.

Para Fernando Gonçalves, esta segunda sessão "é muito importante", pois "como sempre defendemos, é fundamental alargar a discussão do ensino superior e dos seus problemas a todos os estudantes".

Quanto à Assembleia Magna, de amanhã à noite, Fernando Gonçalves afirma vai ser feito um balanço da campanha "UC à Lupa", o agendamento de outras iniciativas de contestação e informações sobre a reunião da DG/AAC com o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mário Gago. O dirigente considera que, após a reunião com o ministro, que ocorreu no dia 8, "há indicações muito negativas quanto ao futuro do ensino superior em Portugal, nomeadamente no que diz respeito ao financiamento, às bolsas de estudo e à implementação das directivas da Declaração de Bolonha e do processo de internacionalização do ensino superior".



Apesar da pouca mobilização, Fernando Gonçalves faz um balanço positivo da "UC à Lupa"

"Conseguimos pôr as pessoas a questionar-se"

No que toca ao balanço da campanha "UC à Lupa", Fernando Gonçalves garante "que as expectativas iniciais da iniciativa foram superadas", pois a campanha apostou numa estratégia de informação e esclarecimento, não só aberta a toda a comunidade universitária mas também à sociedade civil. E concretiza: "Com esta campanha tivemos oportunidade de sensibilizar as pessoas (mesmo as de fora da universidade) para as dificuldades da UC no seu dia-a-dia, e muitas delas questionaram-se nem que fosse só por um minuto, o que é muito positivo". No entanto, quanto à mobilização da campanha, Fernando Gonçalves re-

conhece que a adesão dos estudantes "não foi a que se costuma ter por esta altura": "Estamos numa época em que o Governo ainda não concretizou as medidas que subscreveu para o ensino superior, encontrando-se todos os estudantes com enorme expectativas".

Segundo o dirigente estudantil, "a falta de infra-estruturas e as lacunas na qualidade pedagógica de muitos docentes foram os problemas mais identificados pela campanha nas oito facultades", "que pretendeu ouvir não só os estudantes como também os funcionários e os docentes". Entre outros problemas denunciados, Fernando Gonçalves destacou também "os insuficientes apoios de acção social escolar, um elevado esforço financeiro das

famílias no sentido de suportar os encargos com a educação, as taxas de inscrição elevadas e ausência de matrículas em diversas disciplinas".

Estas actividades foram determinadas no Encontro Nacional de Direções Associativas, que decorreu no mês passado, onde ficou também aprovada a preparação de um "CADERNO NEGRO DO ENSINO SUPERIOR", que visa congregar as principais problemáticas das diferentes instituições universitárias, quer a nível logístico, quer pedagógico. Esta foi uma iniciativa já lançada a 24 de Março (Dia do Estudante) pela DG/AAC, juntamente com outras associações de estudantes do ensino superior, que fizeram inquéritos aos respectivos alunos.

Academia recorda 17 de Abril de 1969

Eventos comemorativos dos 36 anos da crise académica de 1969 prolongam-se até final do mês com recitais de poesia e exibição de filmes

Elisabete Monteiro

Durante toda a semana e até ao final do mês vão decorrer iniciativas de comemoração dos 36 anos do dia 17 de Abril de 1969, organizadas pela Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Segundo o presidente da direcção-geral, Fernando Gonçalves "não se poderia deixar passar em branco esta data", pois "foi o ponto de partida da maior crise académica em que os estudantes ousaram contestar, não só em nome de uma universidade livre, mas também em nome da democratização do país, onde vigorava a ditadura".

Assim, já ontem, no bar "Alcântara-Mar", te-

veu início um recital de poesia que se vai prolongar até quinta-feira. Subordinado à temática da contestação estudantil da década de 60 e às suas consequências na sociedade. O recital vai hoje ter lugar na "Casa da Pedra", no Pólo II, pelas 18 horas. Amanhã, fica a cargo da "Oficina da Poesia", pelas 21h30, na faculdade de Letras.

Ainda a partir de hoje e até quinta-feira, tem lugar um ciclo de cinema no Centro Cultural D. Dinis, em colaboração com o Gabinete de Apoio ao Estudante da DG/AAC. "Amor e dedinhos de pé", "8 mulheres" e "Fala com ela" são os filmes em exibição.

Também no âmbito das comemorações, realiza-se quinta-feira um peddy paper, que, tendo como ponto de partida os jardins da AAC, tem como principal objectivo uma visita pela alta universitária.

"Vem sentir a casa" é o nome da iniciativa que vai decorrer dos dias 25 a 29 de Abril, nos jardins da AAC. Em jeito de Expo AAC, todos aqueles que fazem a academia (secções, núcleos e gabinetes) mostram o seu trabalho. Para o

coordenador do Pelouro de Cultura da DG/AAC, Nuno Sequeira, esta iniciativa "é fundamental para dar a conhecer o trabalho da associação".

Um dia na história

O dia 17 de Abril de 1969 foi o marco de um processo de contestação estudantil em que o "objectivo era pôr em causa a universidade para pôr em causa a sociedade", e que viria a terminar na Revolução dos Cravos, cinco anos depois.

Inaugurava-se nessa manhã o edifício das Matemáticas, cerimónia para a qual a recém-empossada DG/AAC tinha sido convidada, sendo-lhe, no entanto, negada a possibilidade de intervir. Em frente ao departamento, um grupo de estudantes rasgava a opressão imposta pelo regime fascista, empunhando cartazes com palavras de ordem: "Impõem-nos o diálogo de silêncio", "Ensino para todos", "Exigimos diálogo".

Na sessão da inauguração do edifício, na actual sala 17 de Abril, o presidente da DG/AAC, Alberto Martins, (actual líder parlamentar do PS), dirige-se a Américo Tomás e pede a pa-

vra: "Sua excelência, Sr. Presidente da República, dá-me licença que use da palavra nesta cerimónia, em nome dos estudantes da UC?". A palavra foi-lhe negada, e com esta, a possibilidade de denúncia da urgência de reforma e democratização do ensino. Porém, a força e indignação da Academia tinham sido afirmadas.

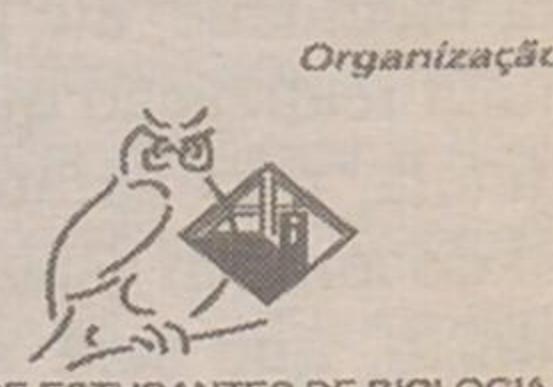
Nessa noite, por volta das 2 horas da madrugada, Alberto Martins é preso à porta da AAC. Os estudantes mobilizam-se e dirigem-se à sede da PIDE, onde acabam por sofrer uma carga policial. Alberto Martins é libertado ao meio-dia do dia seguinte. A partir desse dia, nas palavras de Alberto Martins, "os estudantes constituíram um poder alternativo no seio da UC". Estava iniciado o processo para transformar Coimbra na "ilha da liberdade de Portugal". Decretado o luto académico sob a forma de greve às aulas, transformadas em debates, o cancelamento da Queima das Fitas e a abstenção aos exames foram algumas das formas encontradas para desafiar o Estado Novo e que conduziram a uma remodelação política no sector da educação.

ECOS SIMPÓSIO urbanos
Coimbra. 27. Abril. 05

Inscrições para: NEB/AAC . Apartado 1006 . 3001-501 Coimbra . Tlm: 917 622 436 . Fax: 239 855 211

Ecologia para uma Sociedade Moderna

Auditório da Reitoria
da Universidade de Coimbra



www.uc.pt/nebaac e-mail: ecos_urbanos@ci.uc.pt

Privadas em disputa no mercado

Universidades Lusófona e Independente avançam com propostas de aquisição da Portucalense e da Moderna de Lisboa

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

Depois de terem adquirido, respectivamente, o Instituto Superior de Administração de Marketing (IPAM) e a Universidade Moderna do Porto, as universidades Independente e Lusófona disputam a compra da Portucalense e da Moderna de Lisboa.

No entanto, o presidente do Conselho de Administração da Universidade Lusófona (UL) de Humanidades e Tecnologias, Manuel Damásio, afirma que a entidade instituidora da UL "nunca esteve interessada em comprar qualquer estabelecimento de ensino" e esclarece que esta "apenas se disponibilizou para colaborar na reestruturação do ensino superior", tanto a nível de gestão estatal como privada. Esta política de gestão possibilitou ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior autorizar a transmissão da ex-Universidade Moderna do Porto para a entidade titular da UL.

No que diz respeito à Universidade Portucalense, Manuel Damásio prefere não comentar, uma vez que "para haver sucesso em qualquer processo deste género é indispensável que as notícias sejam divulgadas apenas quando tudo já está concluído".

De igual modo, a chefe de gabinete da Reitoria da Universidade Independente, Benilde Moreira, reconhece que "existem contactos e algum interesse", mas ressalva o facto "destas situações levarem o seu tempo".

Em 2002, a fusão destas instituições chegou a estar em debate, mas a oposição interna de estudantes e docentes da Independente inviabilizou o processo, na medida em que a polémica gerada em torno da Dinenso (proprietária da Moderna) arrastou o caso para os tribunais.

Segundo o presidente do Conselho de Administração da UL, "as fusões são necessárias no subsistema do ensino superior público devido à racionalidade política que a sustenta".

Manuel Damásio acredita ainda que este processo vai ser "moroso e complexo, consequência da matriz institucional e democrática e das forças de pressão e lobistas".

Neste contexto, distinguem-se dois tipos de racionalidades em cada um dos subsistemas do ensino superior: enquanto no subsistema do ensino superior público predomina a racionalidade política, no privado vigora a racionalidade de gestão empresarial. Assim sendo, é preciso ter em conta o facto de, no interior do sistema privado, "se moverem forças contraditórias, que ora pugnam pelo seu encerramento e extinção, ora procuram a sua consolidação e sucesso", explica Manuel Damásio.

Um processo inevitável

Por outro lado, Benilde Moreira refere que "o processo de fusão das universidades privadas era inevitável dentro de um quadro de crescimento demográfico que está a diminuir e que conduz ao baixo número de alunos a aceder ao ensino superior". Nesta perspectiva, a responsável é da opinião de que "as universidades unem os seus esforços no sentido de garantir alguma sobrevivência". O presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes de Ensino Particular e Cooperativo, Ricardo Freire, referiu recentemente que partilha da mesma opinião quanto à união das privadas.

A fusão das instituições é encara-

da como "um projecto do ensino superior em Portugal" à semelhança dos restantes países da Europa, avalia Benilde Moreira. Para além disso, "o ensino superior privado precisa de demonstrar uma maior força porque tem projectos válidos e com fundamento". A responsável pelo gabinete da Reitoria da Independente não esquece ainda que "a fusão com uma instituição implica o ajustamento de algumas estruturas", na medida em que esta situação exige a integração de dois universos. Neste âmbito, explica que todo este processo tem estado a decorrer dentro dos parâmetros normais e sublinha a importância de "ajustar as diferenças".

À margem destas quezilhas, é dada como certa a aquisição do Instituto Superior de Estudos Contabilísticos pela Lusófona. Estes factos têm provocado mudanças significativas no sector, redimensionando o "mercado" das privadas.

Apesar das dificuldades que atravessam algumas das instituições envolvidas, a crise das universidades privadas "já não é uma novidade", esclarece o presidente da Associação Portuguesa do Ensino Superior Particular, Jorge Carvalhal, em declarações ao "Diário de Notícias". Para além disso, considera ainda que "esta crise só é explicável no contexto da realidade do País".

Os responsáveis do sector prevêem novidades ainda durante este Verão e perspectivam que em Outubro o cenário esteja alterado.

A CABRA tentou ainda contactar a Portucalense e a Moderna de Lisboa (instituições alvo de propostas de compra), mas não obteve resposta atempadamente.



Depois da aquisição da Universidade Moderna do Porto, a Lusófona disputa a compra de outras instituições

Politécnico de Coimbra vai a votos na sexta

O actual presidente volta a candidatar-se. Os adversários são críticos face ao mandato de Torres Farinha e mostram-se preocupados com o futuro da instituição

Lurdes Lagarto

Na corrida à liderança do Instituto Politécnico de Coimbra (IPC) apresentam-se quatro candidatos, entre os quais o actual presidente, Torres Farinha. O processo eleitoral decorre sexta-feira.

Num debate promovido pela Associação de Estudantes do Instituto Superior de Engenharias de Coimbra (ISEC), os três concorrentes de Torres Farinha traçaram críticas à gestão do IPC e às políticas seguidas pelo actual presidente.

Fernando Páscoa, docente da Escola Superior

Agrária de Coimbra (ESAC), considera que "falta ao IPC uma estratégia, uma identidade e um projecto mobilizador". O docente afirma que é possível combater estes problemas através do diálogo entre as diferentes unidades do IPC, promovendo o atingir de metas estratégicas comuns". Para Fernando Páscoa não é só importante analisar os problemas dos institutos, mas também "identificar o que pretendem fazer no futuro". Para o docente, interessa pensar o IPC como um todo e não apenas como um agregado de escolas.

A estratégia de Fernando Páscoa assenta no desenvolvimento de três valências do ensino superior: o ensino, a investigação e a prestação de serviços. O candidato pretende aumentar a qualidade da instituição e promover a sua credibilidade, não só no país, mas também no estrangeiro. Outra das metas que Fernando Páscoa espera atingir, caso seja eleito, é a promoção da participação de docentes, estudantes e funcionários em projectos de mobilidade e investigação, que permitam o desenvolvimento e a afirmação da instituição.

Por seu lado, o presidente do Conselho Directivo da Escola Superior de Educação de Coimbra, Rui Antunes, considera que o IPC está a ser "ultrapassado" por outros institutos do país. O dirigente aponta como indicador o facto de a percentagem de docentes de carreira no IPC não chegar aos 30 por cento.

No debate, Rui Antunes afirmou que o ministro Mariano Gago "não precisa de fazer nada" para reduzir o Politécnico de Coimbra "à insignificância": "Se deixar caducar os contratos dos professores, passaremos a ocupar o 14.º ou 15.º lugar [no ranking dos politécnicos a nível nacional] e daí à fusão com a Universidade de Coimbra é um passo". O docente considera que este é um período de "grande perigo" para o IPC, pois a sua "estagnação coincide com a diminuição do número de alunos, de verbas e com a entrada em prática do processo de Bolonha".

Caso venha a ser eleito, Rui Antunes pretende reforçar a autonomia de gestão das unidades orgânicas do IPC e do próprio instituto perante a tutela. Outra meta é o aumento do prestígio e da qualidade de ensino da instituição, assim co-

mo da autonomia financeira.

Também o presidente do Conselho Directivo do ISEC, Benjamim Pereira, tece duras críticas a Torres Farinha, acusando-o de "incapacidade na definição de prioridades". O candidato alerta também para o que considera ser a "estagnação" e a "falta de transparência nos processos de decisão". Um dos pontos fortes da sua candidatura é "superar a degradação e estagnação em que esta presidência se atolou", afirma.

A candidatura de Torres Farinha centra-se no balanço do actual mandato, salientando pontos fortes e fracos. Como iniciativas positivas, destaca o investimento em infra-estruturas, como a nova residência de estudantes junto à ESAC, ou a criação da clínica do IPC, com seis especialidades a funcionar ao mesmo tempo. O actual presidente aponta ainda a investigação e a divulgação científica levada a cabo pelo instituto durante o seu mandato. Como pontos fracos, Torres Farinha salienta o insucesso na procura de sinergias com outras instituições. Assim, pretende melhorar a auto-avaliação e coesão do IPC.

II Encontro de Fotografia e Pintura

"Violação dos Direitos Humanos: Olhar com Olhos de Ver"

Fotografia a cores, a preto e branco e pintura

Regulamento em www.uc.pt/sddh ou na sala da secção

Organização:
Secção de Defesa
dos Direitos Humanos da AAC

Apoios:
QF2005

Prémios (para cada categoria):

- 1º lugar: 1 Bilhete Geral e 1 Pendrive
- 2º lugar: 2 Bilhetes Pontuais
- 3º lugar: 1 Bilhete Pontual

8 CIDADE

Dolce Vita abre as portas

Pavilhão multiusos acompanha área comercial

O maior centro
comercial da cidade
conta com 115 lojas e
1300 postos de trabalho.
Amanhã é a abertura
ao público

Ana Bela Ferreira
Carla Santos

O Centro Comercial Dolce Vita Coimbra, terceiro no país (os outros dois são no Porto), abre ao público amanhã pelas 10 horas. Este novo espaço comercial apresenta hoje um espetáculo de inauguração, num palco montado na Rua General Humberto Delgado. Rui Veloso e Sara Tavares são os artistas convidados.

A nova infra-estrutura integra o complexo Eurostadium, constituído também pelo pavilhão multiusos, o complexo de piscinas, o empreendimento Studio Residence e o Estádio Cidade de Coimbra.

As obras foram concluídas em 25 meses, com um investimento orçado em 114 milhões de euros. Este espaço apresenta uma área total de 73,500 metros quadrados, distribuídos por dez pisos: cinco comerciais e outros cinco de estacionamento coberto.

As áreas comerciais apresentam um hipermercado, 115 lojas, 17 restaurantes e dez salas de cinema, que oferecem 1300 postos de trabalho directos. De entre as lojas, inclui-se a maior livraria Bertrand. do país Segundo os responsáveis pelo projecto da Eurostadium, cerca de 30 por cento do espaço comercial está entregue a empresá-



Complexo comercial e desportivo está concluído após dois anos de obras

rios e comerciantes da cidade de Coimbra.

O centro comercial Dolce Vita possui um sistema de iluminação que valoriza as cores alegres no interior do espaço. A luz natural que chega também ao parque de estacionamento é assegurada por uma cúpula de vidro com 30 metros de altura.

Para além da área comercial e de lazer vai ser também inaugurado um centro desportivo que inclui um pavilhão multiusos e um complexo de piscinas, sendo uma delas de dimensão olímpica. O pavilhão multidesportos tem uma área de 1500 metros quadrados e possui três mil lugares sentados. As bancadas da piscina olímpica têm

capacidade para 1200 pessoas sentadas.

O complexo das piscinas possui, para além dos balneários femininos e masculinos, balneários para atletas deficientes motores. Este inclui ainda laboratório de controlo anti-doping, sistema para filmagens sub-aquáticas, salas de massagens e de primeiros socorros.

O pavilhão multiusos pode receber competições de várias modalidades, bem como espectáculos de nível internacional. A estrutura tem uma montagem de vidros térmicos e possui uma insonorização capaz de silenciar os ruídos provenientes do exterior.

As áreas desportiva e comercial es-

tão ligadas por uma ponte pedonal. Na zona envolvente regista-se a cara nova da avenida Humberto Delgado, com calçada portuguesa e passeios largos. A praça Heróis do Ultramar também foi alvo de uma remodelação, com a plantação de 120 árvores que, depois de crescerem, vão colorir o espaço em tons de roxo e amarelo, as cores da cidade.

Para além dos espaços verdes, o parque de estacionamento subterrâneo oferece 2700 lugares numa zona central da cidade.

O Dolce Vita Coimbra promete oferecer aos visitantes moda, acessórios, desporto, tecnologia, cultura e entretenimento.

Governador civil privilegia segurança

O meio universitário
será também alvo da
atenção de Henrique
Fernandes

André Miguel Ventura

Depois de ter assumido funções de governador civil do distrito de Coimbra no passado dia 5, Henrique Fernandes coloca como prioridades as questões da segurança e conseguir uma maior abertura aos cidadãos.

Antigo vice-presidente da Câmara Municipal de Coimbra e do Instituto do Desenvolvimento e Inspecção das

Condições de Trabalho, Henrique Fernandes substitui no cargo Fernando Antunes. O novo governador refere a questão da segurança em várias vertentes. Esta deve ser encarada do ponto de vista dos cidadãos em diferentes níveis, que incluem não só a segurança de pessoas e bens, mas também no trabalho e qualidade de vida. "Não há liberdade sem segurança, nem verdadeira segurança sem liberdade", sintetizou, adiantando que "a segurança tem de ser compreendida numa perspectiva integrada e polissémica". Neste âmbito, o novo governador entende que esta abrange a segurança rodoviária, alimentar e ambiental, bem como a segurança no trabalho ou a preven-

ção e a minimização das consequências de catástrofes naturais.

O sucessor de Fernando Antunes promete ainda "transparência e abertura" no exercício de funções, defendendo uma maior abertura dos representantes do Governo dos distritos aos cidadãos e entidades.

O meio estudantil de Coimbra também merece uma especial atenção pois "a universidade e os politécnicos são um polo indiscutível de atracção de inovação e de massa crítica que resulta da investigação e do saber universitário".

Henrique Fernandes considera que estes pólos geram "novas áreas de intervenção empresarial com capacida-

de de inovação e de gerar riqueza de uma forma completamente inovadora".

Henrique Fernandes afirma que estas são as suas principais linhas de ação e, embora admita que a agenda do Governo Civil é a mesma do programa apresentado pelo Executivo, advoga que vai ter uma "postura incómoda sempre que for necessário".

Quanto ao futuro do cargo de Governador Civil em Portugal, Henrique Fernandes considera que este cargo vai continuar a ter um papel muito forte junto dos cidadãos, além de que "o Governo Civil ainda é o espaço a que as pessoas recorrem quando percebem que as coisas não estão a correr bem".

Novo director no Machado de Castro

Cláudia Gameiro

Pedro Redol, o novo director do Museu Machado de Castro, tomou posse no passado dia 12 e sucede no cargo a Adília Alarcão.

O responsável máximo pelo museu refere que "a expectativa mais importante é ver as obras concluídas o mais rapidamente possível", estando confiante na previsão que aponta a conclusão das obras para o ano de 2008. Quando questionado no que respeita às condições encontradas, Pedro Redol mostra-se satisfeito, salientando ter encontrado o museu "nas melhores condições possíveis, tanto do ponto de vista do ensino do pessoal, como dos recursos".

Em relação à sua antecessora, Adília Alarcão, o novo director salienta que esta "continua a tratar dos assuntos mais importantes do museu".

Pedro Redol, licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tem um percurso como conservador nos mosteiros da Batalha e Alcobaça, tendo também sido director do Convento de Cristo, em Tomar. Apesar de constatar estas experiências como divergentes, o director considera-as importantes para esta nova fase. "Do ponto de vista da administração, da gestão dos assuntos correntes e mesmo daqueles que não são tão habituais, não é muito diferente", sublinha Pedro Redol, considerando a experiência em administração como "muito útil" para este novo cargo que vai desempenhar.

Relativamente às restantes vertentes, o museu tem uma vocação que, no entender do novo director, "é entendida como mais definida pelo próprio público", em comparação com as outras instituições em que esteve.

A análise das obras de arte, o incentivo ao estudo e o exame mais profundo de certas áreas são os objectivos a que Pedro Redol se propõe.

Após vários atrasos no projecto de remodelação do Museu Machado de Castro, devido a artefactos romanos encontrados no local, prevê-se agora uma continuação calma dos trabalhos. No que diz respeito a novos projectos, está previsto que decorra em Setembro uma exposição com o título "Conserver é Conhecer", a decorrer junto ao pátio Castilho. Para o próximo ano, está já agendado um museu virtual.

PHOTO AVA

CORO MISTO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CORO DA UNIVERSIDADE PORTUGUESA INFANTE D. HENRIQUE
THE CAUDERAMUS CHOIR - LIMA

CORO DA UNIVERSIDADE DA BIRBA INTERIOR
ECORUM
ACADEMIC CHOR OF LUBLIN UNIVERSITY OF TECHNOLOGY POLAND

CORO DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
CORO DO INSTITUTO DE CIÉNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR
COLLEGUM TECHNICUM LISBONA

ENCONTRO INTERNACIONAL de COROS UNIVERSITARIOS XI
organizado: CORO MISTO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA, 21 a 24 de ABRIL de 2005

PUBLICIDADE

NACIONAL 9



O ministro das Finanças defende uma visão plurianual para o Orçamento de Estado

Défice excessivo viola Pacto de Estabilidade

Ministro das Finanças reconhece que o défice orçamental será acima dos três por cento em 2005 e 2006

Ana Bela Ferreira

O ministro das Finanças, Luís Campos e Cunha, afirmou na semana passada, em Bruxelas, que "Portugal é um país que certamente vai apresentar um valor acima dos três por cento do PIB". Acrescentou ainda não ficar "surpreendido se houver um procedimento de défice excessivo" contra o País.

A Comissão Europeia (CE) pode vir a lançar uma "recomendação de política", um novo cartão amarelo criado pelo renovado Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC) para desvios na trajectória de correção. Bruxelas pode optar também pelo recurso a um alerta precoce que visa economias em risco de violar a regra dos três por cento. Ainda assim, esta é uma decisão que só deverá acontecer depois de Maio, altura em que é anunciado o programa de estabilidade português.

Perante os seus parceiros da União Europeia, Lisboa explicou que pretende proceder à "actualização do programa de estabilidade e crescimento". No entanto, Luís Campos e Cunha garantiu, no debate na Assembleia da República sobre as finanças públicas, no final de Março, que antes de enviar a actualização à CE a apresentaria no Parlamento nacional.

O objectivo é "transformar este

documento num verdadeiro programa de sustentabilidade" que vai constituir o "quadro de referência para a política orçamental desta legislatura", explicou Campos e Cunha na mesma ocasião. Este PEC pretende ser a "base do Orçamento Rectificativo (OR) para 2005", bem como a "linha orientadora do Orçamento de Estado (OE) para 2006", adiantou o ministro.

Ainda nesse discurso, Campos e Cunha asseverou que uma das metas é "cumprir o PEC no final da legislatura sem recurso a medidas extraordinárias", o que significaria "uma redução no défice em três pontos percentuais do PIB, ou seja, quatro mil milhões de euros".

As linhas directoras de consolidação orçamental "assentam em dois eixos: reduzir os gastos, invertendo a tendência de crescimento da despesa pública corrente; e aumentar a receita, apostando na luta contra a fraude e a evasão fiscais" enunciou.

Défice exige maior receita fiscal

Numa avaliação à possibilidade de reduzir o défice, Campos e Cunha reconhece que "não é realista pensar a redução sem um significativo aumento da receita fiscal".

Desta forma, a estratégia do governo assenta "num combate à fraude e à evasão nos impostos", na "simplificação do sistema fiscal", bem como, "no alargamento das bases tributáveis", esclareceu o ministro, por ocasião do debate parlamentar.

Nessa altura, o ministro das Finanças apontou ainda a "dramática tendência de subida da despesa cor-

rente" como a base da actual crise orçamental. E referiu que "a despesa corrente primária é hoje superior a 40 por cento do PIB", uma tendência de crescimento "particularmente acentuada nas funções sociais do Estado: saúde e pensões".

A reestruturação do funcionamento da Administração Pública foi mais uma vez apontado como um dos pontos para a redução da despesa.

O ministro das Finanças afirmou ainda que "é vital dotar o processo orçamental de uma visão plurianual" para que se possa resolver o problema do défice. Tendo em conta este quadro, vai ser apresentado, dentro de seis meses, o Programa Plurianual de Redução da Despesa Corrente.

A concretização do programa com "inteligência e determinação política, sem preocupações eleitoralistas" foi apontada como o "grande desafio".

Em relação às novas regras de aplicação do PEC, estas permitem mais tempo para corrigir um défice superior a três por cento do PIB, o que é "benefício para Portugal", uma vez que vêm ao encontro da estratégia lusa de consolidação orçamental, conforme explicou Campos e Cunha em Bruxelas.

A Itália é outro país cuja previsão de défice ascende aos 3,6 por cento e 4,6 por cento em 2005 e 2006, respectivamente, caindo assim no procedimento de défice excessivo. Deste modo, Roma, a terceira economia do euro, junta-se às dez economias europeias que apresentam um défice excessivo, embora a Holanda possa abandonar o grupo já em 2005.

CDS-PP procura novo líder

Congresso dos populares realiza-se no próximo fim-de-semana. Só Miguel Matos Chaves apresentou candidatura, mas Telmo Correia é o nome mais referenciado

Suzana Marto

Nos próximos dias 23 e 24 de Abril, vai-se realizar o XX Congresso do CDS-PP no Centro de Congressos de Lisboa, onde serão escolhidos os novos corpos dirigentes do partido.

Até agora, apenas Miguel Matos Chaves apresentou uma candidatura à direcção dos populares. No entanto, já foram apresentadas diversas moções estratégicas, ainda sem rostos a encabeçá-las. A primeira a ser anunciada foi a "moção das distritais", assim designada por ter recolhido o apoio de 13 presidentes de distritais populares, inclusive os do Porto e de Braga. O subscritor dessa moção é Nuno Melo, o actual líder parlamentar e presidente do CDS-Braga. Entre as dez moções que vão ser levadas a debate durante o congresso destaca-se também a moção do eurodeputado José Ribeiro e Castro.

Apesar de ter recusado até agora a ideia de ser candidato à liderança do partido, Telmo Correia é o nome preferido pelos dirigentes e colaboradores do CDS-PP. Contudo, o actual vice-presidente da Assembleia da República e ex-ministro do Turismo já reafirmou em várias ocasiões que não deseja avançar para a liderança. A apresentação de uma moção da distrital de Lisboa, incentivada por António Carlos Monteiro foi interpretada como um passo para facilitar a candidatura de Telmo Correia. Ainda assim, tal não deverá acontecer antes do congresso, visto que o ex-ministro já afirmou que não ia se candidatar na próxima semana. Perante esta posição firme, as dúvidas acerca uma eventual candidatura são grandes.

No caso de isso não acontecer, José Ribeiro e Castro já anunciou que avançaria com uma candidatura, enquanto que pela parte das distritais o apoio deverá ser dado a Nuno Melo. Contudo, um cenário de oposição entre os dois candidatos poderá levar a conflitos e mesmo a cisões no partido durante o congresso. É perante este cenário que se encara então a candidatura de Telmo Correia, já que ele representaria o consenso e a união, por ser o único a ter o apoio das principais moções.

Referendo ao aborto discutido amanhã

Realização do referendo sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez vai ser votada na Assembleia da República

Cláudia Carneiro
Ana Martins

que haja referendo, uma vez que será necessária a decisão favorável do Presidente da República, Jorge Sampaio.

A realização de um referendo à despenalização da interrupção voluntária da gravidez é contestada por PSD e PP e também não é vista como a melhor solução pelo PCP, que preferia vê-la aprovada directamente na AR. Contudo, a proposta socialista deverá ter garantida a sua aprovação no Parlamento devido à maioria parlamentar usufruída pelo partido do Governo.

Esta votação apenas se realizará, amanhã depois de o PSD ter recusado que esta se desse na passada terça-feira, recorrendo a uma norma que obriga a que uma proposta de lei seja discutida apenas 15 dias após depois de ter sido distribuída pelos diferentes grupos parlamentares. O PS pretendia acelerar o processo para poder levar o assunto a consulta popular ainda antes do Verão. No entanto, tendo a proposta que ser ratificada pelo Presidente da República e pelo Tribunal Constitucional, o propósito dos socialistas poderá não ser cumprido.

10 INTERNACIONAL

UE prepara novo alargamento

O tratado de adesão da Bulgária e da Roménia vai ser assinado no próximo dia 25

Os dois estados entram oficialmente no clube dos 25 a 1 de Janeiro de 2007. Croácia, Sérvia e Montenegro e Turquia mantêm aspirações de adesão

Sofia Carvalho
Lurdes Lagarto

O alargamento da UE aos dois países da Europa de Leste foi aprovado no passado dia 13 pelo Parlamento Europeu (PE). Assim, os deputados europeus reiteram a posição da Comissão dos Assuntos Externos, que havia aprovado a adesão da Bulgária e da Roménia em finais de Março.

A entrada dos futuros membros da UE estava prevista para Maio de 2004, aquando do alargamento a 25 membros. Contudo, estes não preenchiam alguns dos requisitos económicos e políticos designados por Critérios de Copenhaga. Entre esses critérios mínimos de adesão encontram-se a constituição de democracias estáveis, o respeito pelos direitos humanos, a proteção das minorias étnicas e a adopção das políticas económicas e da legislação comum da UE.

Assim, para garantirem a entrada na União em 2007, os dois países levaram a cabo um conjunto de medidas. A dívida pública era um problema comum a ambos: na Roménia atingia os 25 por cento do PIB e na Bulgária ascendia aos 48 por cento. A população romena enfrentava também níveis elevados de pobreza, com 44,5 por cento a viver abaixo do seu limiar em 2001. Por seu lado, a Bulgária debatia-se com a questão



Roménia e Bulgária vão assinar no próximo domingo o tratado de adesão à União Europeia

do desemprego, superior a 14 por cento. A Roménia pôs ainda em prática políticas de combate à corrupção, que pretende cumprir até 2007.

A aprovação de uma Europa a 27 não foi unânime no PE. Metade dos deputados do Partido Popular Europeu (PPE) e dos Verdes pediu que a votação fosse adiada, alegando o incumprimento por parte dos dois países dos requisitos exigidos pelos 25.

Para justificar o pedido de adiamento, o PPE apresentou três razões. Os populares europeus consideram que a decisão do parlamento de aprovar a adesão nesta data é pre-

matura; defendem que os governos de Sófia e Bucareste não têm feito progressos em relação aos critérios exigidos; e, por fim, que os novos membros apresentam poucos deputados que possam vir a integrar o PPE. Ainda assim, a adesão de ambos os candidatos foi aprovada por maioria absoluta: a Bulgária teve 552 votos favoráveis (70 contra e 69 abstenções) e a Roménia reuniu 497 a favor, contra 93 e 71 abstenções.

Apesar da assinatura do tratado ocorrer já a 25 de Abril, a entrada pode ser adiada se em 2007 os países ainda não respeitarem todos os critérios. Isto de acordo com a cláu-

sula de segurança estabelecida em Junho de 2004, que prevê o adiamento até um ano.

Mais três candidatos

No sexta-feira, a União Europeia suspendeu as negociações com a Croácia, até que este país aceite cooperar com o Tribunal Penal Internacional (TPI) para a ex-Jugoslávia.

As conversações com os croatas iniciaram-se em 2003, quando o país entregou a sua candidatura de adesão, tendo-lhe sido atribuído o estatuto de candidato oficial em Junho do ano passado. Para integrar a

UE foi exigido à Croácia o retorno dos refugiados sérvios da guerra que decorreu entre 1991 e 1995, a reforma do sistema judicial e a cooperação com a Organização das Nações Unidas (ONU) relativamente aos crimes de guerra no contexto do Tribunal de Haia. O objectivo da Croácia é entrar na UE juntamente com a Roménia e a Bulgária.

Outro país que se encontra em fase de negociações, desde 12 de Abril, é a Sérvia e Montenegro. Para tal, contribuiu a entrega recente de 13 suspeitos de crime de guerra ao TPI. A colaboração com aquele tribunal é condição essencial para o processo de adesão. O governo de Belgrado mostrou-se ainda disponível para negociar com a Albânia o futuro do Kosovo, administrado desde a guerra pela ONU.

Sem datas definidas continua a adesão da Turquia. As relações com a então Comunidade Económica Europeia (CEE) remontam ao ano de 1963, no entanto as negociações viriam a ser congeladas no início dos anos 80. Deste modo, o pedido de adesão foi feito em 1987 e apenas 12 anos mais tarde foi reconhecido o estatuto de candidato.

No sentido de cumprir os critérios de adesão, a Turquia levou a cabo algumas medidas a partir de 2001. O parlamento turco aprovou assim mais de 30 emendas à constituição e encetou várias reformas no campo dos direitos humanos. Além disso, no ano passado assinou um protocolo que pôs fim à pena de morte.

Apesar de todos os esforços, a Turquia não aderiu à UE em Maio de 2004, juntamente com os outros dez países, por decisão do Conselho Europeu de Copenhaga em 2002. Na altura, os 15 consideraram que o país não cumpria ainda os critérios mínimos.

CEI tenta reformas para fugir ao colapso

A cimeira de Maio da Comunidade de Estados Independentes servirá para planejar reformas que visem evitar o fim desta organização de países ex-soviéticos

Rui Simões

O presidente russo Vladimir Putin defendeu no início deste mês que a próxima cimeira da Comunidade de Estados Independentes terá de visar a realização de reformas na instituição, sob pena de esta colapsar.

Esta necessidade surge depois das recentes "revoluções coloridas" em países desta união de estados ex-membros da União Soviética. Depois das revoltas populares na Geórgia e Ucrânia, que rejeitaram o seu regime pró-soviético, foi a vez do Quirguistão, no mês pas-

sado, seguir o mesmo caminho. A abertura destes estados aos países ocidentais – e no caso da Ucrânia com uma tentativa de aproximação à União Europeia (UE) – leva a questionar o futuro da CEI enquanto organismo aglutinador dos países da ex-URSS, ainda sob a influência da Rússia.

A Comunidade de Estados Independentes foi criada há 14 anos, em Dezembro de 1991, na data em que morreu a União Soviética, sendo composta por Rússia, Ucrânia, Moldávia, Bielorrússia, Arménia, Geórgia, Azerbaijão, Tajiquistão, Turquemenistão, Quirguistão, Cazaquistão e Usbequistão. Apesar de esta ter como objectivo inicial manter os mecanismos políticos e económicos do império soviético, essa intenção nunca foi verdadeiramente alcançada. Agora, com a queda dos regimes ditatoriais pró-soviéticos até há pouco em vigor e com a sua crescente democratização e ocidentalização, o futuro da CEI parece estar cada vez mais em causa.

Putin já havia afirmado no final do mês de Março, aquando de uma visita ao estado vizinho

da Arménia, que a CEI foi criada para algo mais do que "permitir um divórcio amigável" das repúblicas soviéticas. Contudo, agora o presidente russo veio admitir que os seus parceiros da CEI "têm pontos de vista e posições diversas".

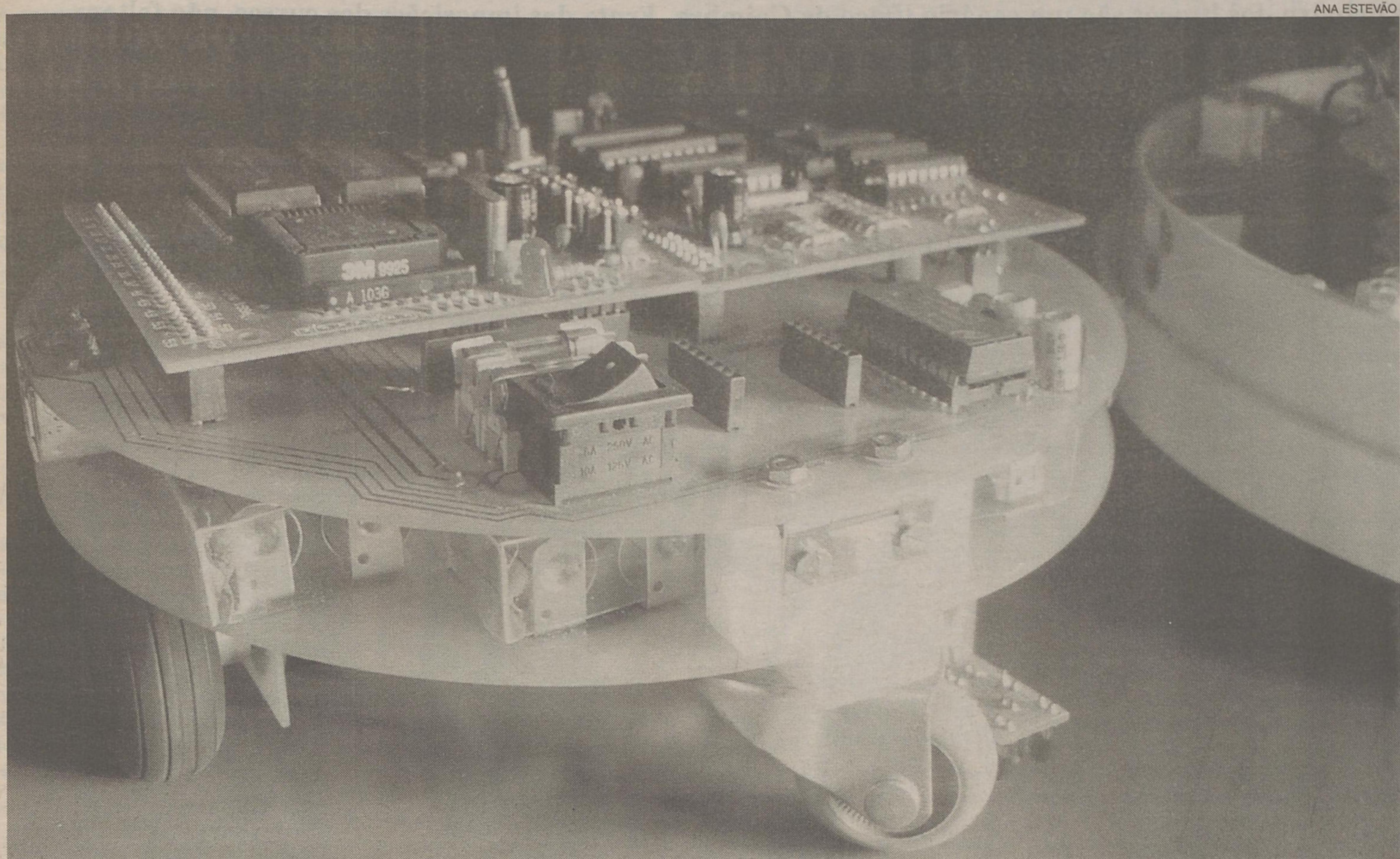
Especialista prevê colapso

O director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais (IEEI), Álvaro Vasconcelos, considera que Putin defende a necessidade de reformas na CEI por já se ter apercebido que a esta "perdeu a sua razão de ser" já que "os seus membros sentem uma enorme atracção pela UE". O especialista em relações internacionais concretiza dizendo que o presidente russo apenas "tentou falar de reformas para impedir que essa atracção se materialize fortemente". No entanto, Vasconcelos pensa que a CEI já não se constitui como uma "alternativa viável à perspectiva de aproximação e integração na UE pretendida por alguns destes estados" e que, neste momento, esta tem apenas um "significado simbólico" não sendo

uma "realidade política forte". O director do IEEI é claro: "A CEI está condenada ao fracasso".

Álvaro Vasconcelos ressalva ainda o facto de os países da região quererem ter boas relações com a Rússia, mas lembra "esta perdeu a liderança do grupo" surgindo agora como "um empecilho" devido ao seu "autoritarismo", por oposição à crescente democratização dos restantes estados. Deste modo, a Bielorrússia de Lukachenco é o "único bastião do autoritarismo". Vasconcelos diz ser "absolutamente inaceitável" o que se passa neste país e considera que este deveria merecer "uma forte pressão da UE".

Relativamente à onda de "revoluções" que tem assolado os países ex-soviéticos, Álvaro Vasconcelos diz ver esta como uma "continuação da anterior", que considera ter começado "com a queda do Muro de Berlim continuando, agora, em direcção ao Leste". Contudo, o especialista diz ser "impossível" dizer "qual será o próximo local desta vaga democrática".



A Universidade de Coimbra recebe evento onde robôs competem em várias modalidades

Robôs vêm à universidade para jogar futebol

Festival de robótica inclui ainda provas de dança e salvamento

Iniciado em Guimarães, em 2001, seguiram-se Aveiro, Lisboa e Porto. Chega agora a vez de Coimbra realizar o Festival Nacional de Robótica

**Joana Bogalho
Joana Gante**

Realiza-se de 29 de Abril a 1 de Maio, no Pólo II da Universidade de Coimbra, a quinta edição daquele que se tem vindo a tornar o maior evento na área da robótica.

O festival é dirigido essencialmente à comunidade estudantil a partir do ensino secundário, estando também aberto ao público em geral. Ao longo de três dias vão realizar-se diversas actividades, entre as quais variados tipos de competições, como o "Futebol Robótico" (em três categorias: júnior, tamanhos pequeno e médio), com regras muito semelhantes ao futebol humano. Contudo, segundo Norberto Pires, do departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra e membro da Comissão Organizadora Local, esta modalidade tem "algumas diferenças, uma vez que os robôs não têm olhos e têm de usar câmaras para distinguir as balizas, que têm cores diferen-

tes". É também levada a cabo uma prova de "Condução Autónoma", dirigida a universidades e institutos politécnicos, que tem lugar numa pista em forma de oito com diversos obstáculos, como, por exemplo, "um semáforo para o robô identificar e agir de acordo com o tipo de cor e desenho".

Já da "Categoria Júnior" fazem ainda parte quatro modalidades. Na "Dança de Robôs", é avaliado por um júri, não só o modo como os robôs reagem à música, mas também a qualidade técnica das máquinas.

A "Liga de Simulação" faz com que duas equipas de robôs simulados por computador se defrontem num ambiente também simulado. Por fim, na prova denominada "Seguimento de Pista, Busca e Salvamento", dirigida a escolas secundárias e profissionais, os robôs devem seguir uma linha branca para identificar e recolher a "vítima". De acordo com Norberto Pires, "o objectivo é mesmo substituir o trabalho do Homem nesta área". O responsável, contudo, explica que antes de substituir a mão-de-obra humana, os robôs vêm complementar e auxiliar nas tarefas menos seguras. Para esta edição, diz Norberto Pires, os apoios financeiros foram reduzidos, pelo que as equipas não tiveram dinheiro para se prepararem convenientemente de acordo com as regras do Festival de 2004 da Liga de Seguimentos de

Pistas.

Além destas actividades, decorrem alguns encontros científicos, que consistem na apresentação de projectos desenvolvidos pelos alunos em fim de curso, com o apoio e colaboração de alguns professores. Explica Norberto Pires que "estes projectos são aqui apresentados a título de divulgação. Por isso mesmo, é associada ao evento científico uma sessão técnica, onde se apresentam artigos, num modelo em tudo igual a uma conferência".

As palestras começam no dia 29 de Abril pelas 9h15, com "Current Experiences on Robotics at the RobInLab", por Pedro J. Sanz, da Universidade de Jaume I, Espanha. No mesmo dia, pelas 14 horas, os participantes podem assistir a "Uma viagem ao Mundo dos Robôs", por Isabel Ribeiro, do Instituto Superior Técnico. Já a 30 de Abril, também pelas 14 horas, tem lugar "A Física e a Robótica", por Carlos Fiolhais, da Universidade de Coimbra.

A robótica em Portugal

Em Portugal tem-se vindo a "trabalhar a sério" no campo da robótica em várias universidades portuguesas, "nomeadamente em Aveiro, Porto, Coimbra, Minho", diz Norberto Pires. O docente afirma que em Portugal a robótica "evoluiu bastante em várias áreas", como, por exemplo, na robótica móvel, com aplicações industriais e partici-

pações em projectos europeus, na robótica de manipulação, também conhecida como "braço" e que tem muitas aplicações a nível industrial. Tem havido também "muito desenvolvimento na área de software aplicado para a robótica, com capacidade para oferecer autonomia aos robôs". Trata-se, no entanto, de uma "evolução à nossa escala, uma vez que Portugal é um país pequeno".

A atribuição da organização deste evento à Universidade de Coimbra é, de acordo com um comunicado à imprensa, "reconhecimento do trabalho que, desde meados da década de 80, tem sido realizado na área da robótica, em vertentes que incluem a investigação, o desenvolvimento, a transferência de tecnologia, bem como as actividades didácticas para promoção da engenharia e da ciência".

Robótica 2005 é um evento incluído no programa do Ano Mundial da Física 2005 e serve de pré-qualificação para o RoboCup, que é semelhante ao Festival Nacional de Robótica, mas à escala mundial. Este realizou-se pela primeira vez em Guimarães, com a participação de 21 equipas, e o seu crescimento levou a que, na última edição, organizada no Porto, tivessem estado presentes 142 equipas, mais de 500 participantes e um público visitante muito acima dos dois milhares de pessoas.

Jornadas do Ambiente

Começaram ontem as "Jornadas Ambiente '05". Depois de o Auditório da Reitoria ter recebido o debate "Co-Incinerção: Solução ou Problema?", o departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra acolhe hoje e amanhã uma série de conferências.

Durante a manhã, Pedro Carvalheira, docente no departamento, fala do "Eco-Veículo". Trata-se de um projeto já com vários anos e que conta com participações na Shell Eco-Marathon. O ano passado, no circuito de Nogaro, em França, a equipa de Coimbra conseguiu a melhor classificação portuguesa (20º lugar) e prepara-se agora para voltar à competição em Maio. Em seguida, Teresa Vieira explica o conceito da "Casa XXI", uma habitação amiga do ambiente que economiza água e energia e é construída com matérias-primas recicladas, recicláveis ou com um longo ciclo de vida. Da parte da tarde, Fausto Freire e António Portugal, ambos do departamento de Engenharia Mecânica, debatam-se, respectivamente, sobre ecologia industrial e a utilização de biodiesel.

Já amanhã, vão estar em cima da mesa temas como "Tecnologia de limpeza de gases", "Agricultura e Ambiente" e "Produção de hidrogénio através de resíduos perigosos".

A organização está a cargo do Pelouro do Ambiente da Associação Académica de Coimbra e a entrada é gratuita.

Testar Einstein em casa

Tal como o seu homólogo para a procura de vida extra-terrestres, o Einstein@home pretende usar os computadores pessoais de voluntários para tratar dados obtidos pelos laboratórios Laser Interferometer Gravitational Wave Observatory (EUA) e GEO 600 (Alemanha). Os dois laboratórios procuram as ondas gravitacionais previstas desde 1916 pela teoria da relatividade.

O trabalho dos computadores pessoais é feito através de um "screen-saver" que pode ser obtido em <http://www.physics2005.org/events/einsteinathome/>. Tal como em projectos semelhantes – o SETI@home ou o Climate Prediction – um servidor envia a cada computador um pacote de dados para que estes o analisem e devolvam os resultados. Neste processo, são tidas em conta as características dos computadores de forma a que não sejam enviados dados que o computador não possa tratar por falta de capacidade de processamento ou memória.

Com um total de 130 utilizadores, Portugal é o 30º país com maior adesão, num conjunto de 131 países. Em primeiro lugar estão os EUA (quase 13 mil), seguidos da Alemanha (3700) e Inglaterra (cerca de 2000).

Coimbra ao virar da página

Estudantes com livros debaixo dos braços são um cenário típico de Coimbra. Fruto das imposições dos cursos, não faltam compradores para os livros científicos e técnicos. Mas o mercado dos livros não se fica por aqui, A cidade à Beira-Mondego movimenta-se todos os dias em torno do livro, a maior fonte de investimento da cidade. Apesar das dificuldades, os jovens escritores encontram na cidade alguns incentivos à literatura e, muito raramente, editoras dispostas a arriscar num novo talento

Por Bruno Vicente (texto) e Rui Velindro (fotos)

No próximo sábado Coimbra celebra o dia Mundial do Livro. A cidade recebe a feira anual do livro na Praça da República. Mas a actividade literária coimbrã não se esgota em eventos pontuais. Recentemente foi apresentada a candidatura a Capital Mundial do Livro em 2007. O presidente da câmara municipal, Carlos Encarnação, considera que "a cidade tem capacidade para receber o evento". Esta opinião é partilhada por Mário Nunes, vereador da cultura, que considera que Coimbra, com uma universidade, editores e com uma economia apoiada no livro, "tem todas as condições para ser feliz na sua candidatura".

O facto de a proposta ter sido elaborada em apenas três dias, causou alguma agitação no universo literário. Carlos Encarnação defende-se dizendo que essas críticas "não têm sentido".

A opinião mais consensual nos ambientes literários é a de que a cidade do Mondego tem condições e tem o direito à candidatura, devido ao seu passado na cultura e no livro. Porém, há divergências. O poeta João Rasteiro tem mesmo que esta candidatura, caso tenha sucesso, não seja aproveitada ao máximo, "como aconteceu com a capital da cultura em 2003".

Em relação aos espaços físicos necessários ao evento e à divulgação da literatura, Mário Nunes considera que "tem feito um esforço nesse sentido", mas admite que "não há os espaços suficientes nesta altura". No entanto, admite que "a pouco e pouco estão a surgir". É o caso do Parque Verde do Mondego que vai receber o evento "Ler ao Cubo", a ter lugar no dia 23 - Dia Mundial do Livro. O certame pretende criar as condições para que os leitores se sintam protegidos e ao mesmo tempo num ambiente de harmonia para ler um bom livro".

Entretanto a Câmara Municipal de Coimbra prepara também a edição de 2005 da Feira do Livro, que este



Em Coimbra as livrarias oferecem ao leitor muitas possibilidades de escolha. Os livros estrangeiros são mais vendidos do que os de autores nacionais

ano decorrerá entre a próxima quinta-feira e 8 de Maio, na Praça da República. O vereador da Cultura recorda que este certame vai ser a última feira do livro na Praça da República, uma vez que esta vai entrar em obras "e a sua fisionomia vai ser completamente alterada".

O estado da arte

As opiniões em relação ao panorama actual da literatura em Coimbra variam. O consenso surge quando se fala das capacidades da cidade a nível literário, onde as pessoas li-

gadas ao meio consideram que existe um potencial notável, mas que não é aproveitado. Outra opinião unânime, admitida também pela câmara, é a falta de espaços físicos que têm limitado as iniciativas que promovam a literatura na cidade e que não possibilitam o encontro de escritores, a produção de workshops e a divulgação da literatura.

Um dos responsáveis do Secção de Escrita e Leitura da Associação Académica de Coimbra (SESLA), Rui Silva, admite "não ver grande diferença em relação a outras cidades, se calhar até maiores do que Coimbra". Já João Rasteiro, trabalhador-estudante e poeta, lamenta que exista um cliché para caracterizar a cultura, "quando a verdade é que a cultura em Coimbra, espremidida, é quase zero". O poeta tem uma visão diferente da apresentada pela câmara e considera que a entidade "fala muito em projectos, mas na prática faz pouco. O factor político só intervém se considerar que vai haver alguma visibilidade".

Por seu lado, o escritor António Arnaut considera que "a câmara e outras instituições culturais deviam apoiar estas iniciativas sobretudo através da criação de prémios literários", o que não acontece frequentemente.

Também Amadeu Carvalho Homem, historiador e docente na faculdade de Letras, chama a atenção para o facto de, regra geral, as empresas editoras da cidade de Coimbra, não terem correspondido ao desafio actual, pois "para além de

terem uma visão radicalmente economicista nem sequer cumprem na sua maior parte as condições contratuais".

Escritores: a visão do criador

Viver da escrita em Portugal é um projecto extremamente ambicioso, longe de estar ao alcance de qualquer aventureiro. Ao longo do processo criativo são vários os obstáculos que se impõem ao pretenso escritor.

Em Coimbra, os autores manifestam o seu desagrado com algumas atitudes de dirigentes da cidade. No campo universitário, Amadeu Carvalho Homem confessa: "Eu pasmo que a Universidade de Coimbra tenha criado um prémio para distinguir personalidades estranhas a esta universidade, o Prémio Universidade de Coimbra, que magnanimamente dirige a pessoal exterior, mas não faz nada de comparável ao nível interno. Acho isto perfeitamente lamentável".

Por sua vez, João Rasteiro, em início de actividade, que já obteve alguns prémios internacionais, confessa que "até hoje não houve uma única pessoa do departamento cultural da câmara que me dirigisse uma palavra de reconhecimento".

Questionado acerca da importância da escrita nas suas vidas, António Arnaut confessa que "ser escritor é uma condição". O também grão-mestre do Grande Oriente Lusitano considera que o escritor escreve para deixar testemunho e uma mensa-

gem de esperança para a construção do futuro, de modo "muitas vezes incontrolável".

A realidade é que são poucos os escritores que vivem exclusivamente da escrita e, assim, esta é relegada para os tempos livres. Para António Arnaut, que celebrou o ano passado cinquenta anos de vida literária, o ideal seria que quem tem realmente vocação para a escrita pudesse estar livre e não condicionado pelas preocupações quotidianas. "Mas ainda não chegamos realmente a esse tempo. Talvez no futuro", lamenta.

O escritor tem que contar com o factor lucro, importante no mundo editorial. Por isso, escritores em início de carreira dificilmente chegam a uma editora e conseguem publicar uma primeira obra sem participações. A alternativa é passar por pequenas editoras que arriscam algum dinheiro. A alternativa pode passar pela aposta de alguns privados.

Dos estudantes para os estudantes

A literatura em Coimbra depende, em grande parte, das actividades produzidas pela Universidade de Coimbra. Paralelamente à apelidada literatura científica, produzida por docentes (ver caixa), os próprios estudantes direcionam esforços no sentido de promover a literatura. Neste contexto são levadas a cabo anualmente diversas actividades.

O núcleo de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (NEFLUC) realiza duas

Blogues literários e bookcrossing: o futuro da literatura?

Tal como outras áreas da cultura, a literatura está em evolução constante. Actualmente existe uma aposta de escritores e de leitores nos blogs literários e no bookcrossing.

O bookcrossing assenta numa forte prática social, uma vez que consiste num género de biblioteca universal onde os livros circulam pelo mundo, passando de mão em mão e podendo ser encontrados nas "crossing zones". Em Coimbra existem duas zonas deste tipo: na Casa Municipal da Cultura e no café-bar Shmoo.

Outra aposta nesta área, principalmente por parte dos mais jovens, são os blogues literários. Existe um debate no meio literário, onde se discute se este tipo de blogue constitui uma mais-valia para a literatura ou, pelo contrário, uma banalização da mesma. Rui Silva vê este fenómeno como "algo positivo". O membro da direcção da Secção de Leitura e Escrita da Associação Académica de Coimbra nega que este fenómeno seja uma banalização da literatura, uma vez que "é na quantidade que se procura a qualidade, e não se pode procurar a qualidade se não há espaços para as pessoas discutirem". Já João Rasteiro, poeta em início de carreira, considera que os blogues podem ser positivos no sentido em que "podem cativar algumas pessoas para o hábito de leitura". Mas o poeta alerta que "as pessoas podem viciar-se e ficarem dependentes" de um blogue. "O não agarrar o livro, o não cheirar o livro, o chamado não sentir o livro é para mim uma tragédia", conclui.

iniciativas para promover o gosto pela leitura e pela escrita. A primeira é a publicação da revista RELER, de natureza literária, ensaística e, por outro lado, concursos de leitura e de conto.

A presidente do núcleo de estudantes, Luísa Santos, considera que "faltam essencialmente mais iniciativas para que as pessoas se reúnham e discutam. Faltam clubes de leitura". Por isso, para o ano, o núcleo pretende lançar um curso de leitura.

Por seu lado, o coordenador geral do Pelouro da Cultura da Associação Académica Coimbra (AAC), Nuno Sequeira, refere que este ano o pelouro vai realizar a habitual feira do livro da AAC. O dirigente associativo salienta que nestes certames nota-se um aumento do público e lembra que "a feira do livro nos jardins o ano passado foi um sucesso".

A Direcção-Geral da AAC promove, hoje e quinta-feira, recitais de poesia, ligados ao 17 e ao 25 de Abril. Está programado também o concurso de conto e prosa que o Pelouro da Cultura organiza anualmente.

Por seu turno, o SESLA tem o objectivo de promover actividades no âmbito da escrita e da leitura e fazer com que "as pessoas adiram a estas iniciativas", adianta Rui Silva, tesoureiro da secção. O SESLA reali-

zou recentemente uma apologia literária, onde participaram estudantes e funcionários, e também realiza concursos de literatura com estudantes da universidade, bem como recitais, "para que as pessoas possam ouvir poesia".

Livrarias e editoras

Uma das características do mercado livreiro português é a clara superioridade de vendas de livros com o cunho de autores estrangeiros. A gerente da livraria Bertrand, Florbela Almeida, salienta que actualmente "os leitores procuram muito Paulo Coelho, Gabriel García Márquez e Dan Brown". Já Fátima Baía da livraria Almedina na rua Alexandre Herculano afirma que "as pessoas compram mais do que há dez anos atrás".

Apesar de os livros portugueses normalmente não venderem bem, há exceções. É o caso de Lobo Antunes e José Saramago, destacam as editoras, e ocasionalmente alguns livros da chamada "literatura light".

Para além de romances, também se vendem bem os livros técnicos, o que se entende por Coimbra ser uma cidade universitária. É o caso da Bertrand no edifício da AAC, onde se vendem sobretudo livros jurídicos, com o público alvo bem definido - os estudantes de Direito.

O gerente da Livraria 115 e da Casa Castelo Editora, Fernando Freixo, sumaria: "Há três focos de vendas, que variam com as épocas - a procura escolar, universitária e os romances, que variam também conforme os lançamentos dos best-sellers". Em relação às faixas etárias, quem mais procura os livros são os estudantes "e a faixa etária que compreende as idades entre os 30 e os 40", completa Fátima Baía.

Para além das diversas livrarias generalistas e especializadas que existem em Coimbra, há outras que procuram sair do conceito estandardizado. É o caso da livraria XM, que se apresenta como um espaço alternativo. Centrada especialmente na arquitetura e na arte, este local não esgota as suas actividades na venda de livros, havendo também espaço para, por exemplo, a venda de cd's. Neste local, o leitor pode encontrar livros como "The Wood Book" (com todos os tipos de madeira do Mundo) ou "A Cozinha Canibal".

Outro espaço insólito pode ser encontrado por baixo do Arco da Almedina: a Feira Permanente do Livro. Nesta velha livraria, o leitor pode encontrar toda a espécie de livros antigos, todos ao valor de um



Há espaços onde é possível comprar livros antigos a preços muito baixos

euro. E a escolha é vasta, seja em autores portugueses ou estrangeiros.

Procurar a nova geração de 70

A actualidade literária de Coimbra é bastante diferente da vivida na geração de 70. A cidade recorda essa geração de ouro, e espera uma nova geração de criadores.

Amadeu Carvalho Homem considera que homens como Eça de Queirós, Antero de Quental e Teófilo de Braga pertenceram a uma geração notável: "Talvez incomparável, que se imobilizaram e agiram no plano cultural, onde publicaram imensas revistas e jornais". João Rasteiro concorda com esta perspectiva: "A década de 70 tinha pressupostos próprios, onde a política não estava alheia ao trajecto literário e, hoje em dia, ou não ligamos à política, ou estamos fartos dela". O poeta considera que, na actualidade, a literatura por si só não consegue mudar o panorama cultural português.

Amadeu Carvalho Homem defende que o período em questão deveria ser largamente inspirador para a academia de hoje, principalmente para

os estudantes, mas avança que "não temos de ficar agarrados a esse paradigma, mas sim agarrados a essa inspiração, porque era muito bom que um idêntico movimento cultural se verificasse hoje. Com isto, o historiador não quer dizer "que o panorama actual seja catastrófico": "A academia de Coimbra faz coisas e

faz coisas muito bem feitas, mas eu quereria ainda mais", conclui.

Por seu turno, João Rasteiro afirma que discutir literatura nos moldes dos grupos da geração de 70 já não se faz, "mas há pequenos grupos com um interesse literário que pode ser essencial no despontar de uma nova geração de ouro".

Literatura especializada

A produção literária em Coimbra depende, em grande parte, da produção científica especializada em áreas do saber perfeitamente definidas, produzida pela Universidade de Coimbra.

Amadeu Carvalho Homem considera que a literatura académica de especialidade produzida na cidade "não tem que se envergonhar quando comparada com a produção de outras universidades". O historiador declara que, para que esta realidade seja possível, muito contribuiu a criação da imprensa da universidade que "veio dar alguma esperança a um panorama que era muito negro".

Apesar de considerar que a literatura académica de especialidade "está pujante e tem criadores, há pessoas interessadas que produzem bem", Amadeu Carvalho Homem não deixa de referir as enormes dificuldades que existem em algumas áreas do saber, onde são produzidos livros para os quais há enorme dificuldade em lhes dar publicidade. Por outro lado, salienta que "há muito pouca gente interessada em publicar aquilo que é criado e infelizmente toda a universidade portuguesa enferma desse mal".

Dolce Vita: maior Bertrand do País

Coimbra apresenta ao cidadão um leque diversificado de livrarias e editoras. No entanto, a partir de amanhã o cidadão conimbricense vai poder contar com nova opção. O Dolce Vita acolherá no seu interior a maior Bertrand portuguesa. A mega-store terá a dimensão de cerca de 600m².

Paralelamente à livraria propriamente dita, o espaço conta ainda com um auditório-galeria, um pequeno bar, um local para utilização de Internet e outro de venda de bilhetes.

António Santos, responsável pelo espaço da Bertrand no Dolce Vita, considera que esta loja "vem ocupar o espaço que faltava e melhorar o comércio geral da área". De resto, a Bertrand apostava na formação dos mais novos, havendo "uma zona infantil forte", com livros e actividades ligadas aos jovens.

Sabia que Coimbra se candidatou a Capital Mundial do Livro? Como está a literatura na cidade?

Freitas Simões,
engenheiro,
58 anos

Não sabia. A literatura em Coimbra é razoável. Mas atendendo a que é uma cidade com responsabilidades, que tem uma universidade bastante antiga, acho que devia ter mais literatura do que tem. As livrarias e as editoras sentem dificuldades. Apostar em novos escritores é sempre um risco.

José Vieira,
empregado de mesa,
60 anos.

Não. A literatura em Coimbra está péssima, péssima, péssima! A população de Coimbra em relação à literatura está toda abaixo de zero. A câmara não aposta nada na literatura. Eles querem é tachos. Não sei o que se pode fazer para desenvolver a literatura. Eu leio, agora os outros não sei.

Gustavo Blanco,
estudante de
Antropologia,
32 anos

Sei. A nível literário acho que a nossa cidade não é das mais desfavorecidas. Mas a nível de estruturas para receber um evento dessa dimensão tenho as minhas dúvidas. Apesar de achar que as pessoas deviam estar mais ligadas à literatura, também acho que vão acolher bem o evento.

Patrícia Solha,
estudante de
História da Arte,
26 anos

Sim. Eu acho que a literatura está muito mal. A divulgação dos livros em Coimbra é precária e não chama as pessoas para estes eventos.

Acho que as pessoas não ligam muito à literatura, principalmente os estudantes. Todos os anos vou à feira do livro e noto que há menos pessoas.

Célia Santos,
telefonista,
31 anos.

Sim, eu li no jornal a semana passada. Mas acho que a literatura em Coimbra está muito pouco desenvolvida.

Não se aposta nessa área, embora tenhamos a universidade cá. Infelizmente a aposta na literatura tem que ser pessoal, porque há pouca aposta por parte das instituições.

14 DESPORTO

A vitória da tranquilidade

Decidida e eficaz, a Académica somou mais três pontos na luta pela manutenção

Ao golear por 4-1 o Penafiel, a Briosa cumpriu uma série invejável de nove jogos sem perder na Superliga

Tiago Almeida

Depois do ponto conquistado frente ao Belenenses, na jornada anterior, a Académica regressou a casa, no passado sábado, para enfrentar um dos adversários directos na fuga aos últimos lugares.

Nelo Vingada apostou no mesmo onze inicial apresentado no Restelo, com Paulo Adriano e Hugo Leal a municiarem o trio de ataque composto por Dário, Marcel e Luciano.

Apesar do "pressing" inicial do meio campo penafidelense, a Académica não podia entrar melhor no encontro. À passagem do nono minuto, Nuno Luís ganha espaço para o cruzamento na direita do ataque académista e cruza largo, com precisão, para o cabeceamento vitorioso do oportuno Marcel. Estava inaugurado o marcador.

O Penafiel acusa o golo e a Académica consegue chegar mais vezes à baliza adversária. No entanto, as ocasiões de perigo escasseiam e a bola, predominantemente, ocupa, ao longo da primeira parte, a zona intermédia do campo.

Muito perto do intervalo, num lance fortuito, a equipa da casa amplia a vantagem. Dário desmarca Luciano na ala esquerda da Briosa e o brasileiro, depois de prosseguir no terreno, devolve o esférico ao moçambicano. Dário, à entrada da área nortenha, remata fraco, mas aproveita a tabela em Wellington para surpreender o desamparado Nuno Santos, muito mal batido neste lance.

Motivada pelo segundo golo numa altura decisiva do jogo, a Académica domina o primeiro quarto de hora da segunda parte. No único lance de perigo Celso evita, com um corte providencial, o remate, em boa posição, de Dário.



O guarda-redes do Penafiel, Nuno Santos, também deu uma ajuda na vitória da Briosa, com um "frango" monumental

Nada fazia antever o golo do Penafiel, nesta fase do jogo. Contudo, Roberto recebe um passe longo de Wesley e, perante a passividade de Zé António e de Zé Castro, faz um golo de bandeira, não dando hipótese de defesa a Pedro Roma.

Segue-se o melhor período do Penafiel e só a tranquilidade dos camisolas negras permite à equipa sustentar a vantagem.

A quinze minutos do final, Dário sentencia o jogo com o terceiro golo da Académica. Na sequência de um canto apontado por Hugo Leal e da insistência de Zé António, numa disputa aérea entre vários jogadores, a bola sobra para o coração da área, onde o moçambicano "fuzila" Nuno Santos.

O Penafiel atira a toalha ao chão e, cinco minutos depois, apanhado em contra-pé, sofre o quarto golo dos "estudantes". Dário, mais uma vez decisivo, de forma inteligente, recupera um lance que parecia perdido

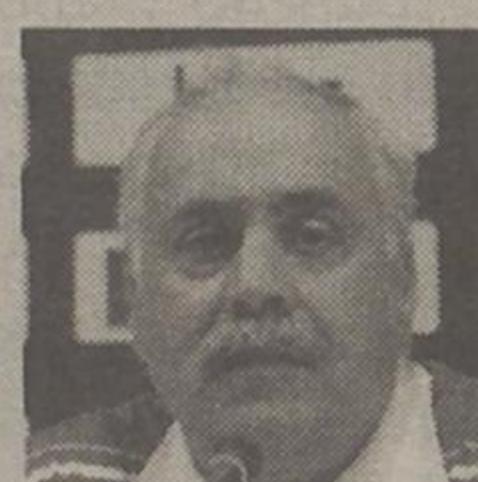
na esquerda do ataque e oferece o golo a Sarmento que, tranquilamente, desvia a bola do "keeper" nortenho.

Até ao final, Tixier ainda é expulso da partida, na sequência de pro-

testos.

Ao fim de 29 jornadas, a Académica ocupa a 14ª posição com 32 pontos, agora mais desafogada na tabela. O próximo adversário chama-se Sporting.

Nas cabines...



Nelo Vingada, treinador da Académica



Luís Castro, treinador do Penafiel

- "Sem ter jogado bem, terminámos a 1ª parte a vencer por 2-0. De facto, não fizemos um super-jogo, mas fomos sérios e profissionais e jogámos com as nossas armas".

- "A minha equipa revelou mais confiança, mais tranquilidade e níveis de experiência mais elevados".

- "Este foi um passo importante para aquilo que pretendemos".

- "A Académica não fez tanto para marcar quatro golos, nem nós fizemos tão pouco para merecer este resultado".

- "Perdemos porque a Académica teve um grau de aproveitamento elevado e transferiu tranquilidade para o seu sector defensivo".

- "O segundo golo da Académica a fechar a 1ª parte foi um grande revés para nós".

Voleibol inicia play-out com vitória

Num jogo bastante intenso a Briosa venceu a A.D. Machico por 3-1 e luta por se manter na 1ª divisão

Sandra Camelo
Sara Simões

No passado sábado, em jogo disputado no pavilhão 3 do Estádio Universitário de Coimbra, a Académica levou de vencida a A.D. Machico por 3-1.

Não foram precisos mais do que

quatro sets para que os "estudantes" levassem a bom porto os seus esforços para se manterem na 1ª divisão. A equipa da Madeira iniciou a partida com grande motivação, e nesta luta pela subida de divisão, conseguiu ganhar o primeiro set por um resultado parcial de 15-25, em apenas 12 minutos. Neste tempo assistiu-se a um jogo ameno, maioritariamente junto à rede, destacando-se vários blocos da Briosa.

Após a mudança de campo, já no decorrer do segundo set, os "estudantes" reagiram, dando uma reviravolta no resultado e impondo um ritmo de jogo intenso, que duraria até

ao final da partida, vencendo o set por 25-12 e empatando a partida. Foi também um set bastante contestado por parte do treinador madeirense junto aos árbitros, cujos protestos quase motivaram a expulsão.

Na terceira parte, a equipa local continuou em vantagem. Foi um set bastante equilibrado, apesar de várias falhas no posicionamento da equipa do Machico e da amostragem de um cartão amarelo para o jogador número oito, José Vieira. O resultado esteve sempre lado a lado até ao último minuto, acabando por favorecer mais uma vez a Académica (25-23).

A Briosa continuou com o mesmo

ânimo na quarta e última parte, o que deu a vitória aos pupilos de Rui Castro pelo parcial de 25-17. Neste set houve remates fortes por parte da Académica, assim como serviços bem realizados, favorecendo a soma de pontos e salientando a dinâmica dos "estudantes", os quais após um certo tempo tomaram conta do jogo.

Na opinião de Daniel Costa, da Federação Portuguesa de Voleibol, "a Académica enquanto jogou como habitualmente foi perdendo pontos, mas quando decidiu mostrar o que vale conseguiu desequilibrar a outra equipa, trazendo mais uma vitória para a casa".

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

As 10 verdades que abalaram o futebol português

"Um bom dirigente é aquele que põe os interesses do clube adversário à frente dos seus"

As verdades nem sempre são absolutas. Ou melhor, são sempre absolutas, até que algo aconteça que faça desaparecer para dar lugar a novas verdades que serão absolutas até ao dia em que sejam postas em causa.

No futebol, acontece o mesmo. Aquelas verdades que tínhamos por sacrossantas, foram de alguma forma abaladas por acontecimentos recentes, abalando as convicções dos mais crentes.

Para os mais distraídos, fica uma espécie de manual de sobrevivência para que se possa acompanhar com convicção o maior espectáculo do mundo.

Eis, então, as novas verdades do futebol nacional:

1 – Nem sempre ganham as melhores equipas. Ganham as que têm mais e melhores argumentos.

2 – Podemos jogar em casa a 300 km de distância. Para tal, basta que existam muitos adeptos da equipa adversária nesse local.

3 – Porque um bom dirigente é aquele que põe os interesses do clube adversário à frente dos seus.

4 – Uma má arbitragem pode sempre dar uma boa nota. Basta que se favoreça a equipa certa.

5 – O sexo, ao contrário do que dizia Paulo Futre, não acaba à sexta-feira. Apenas começa aos domingos.

6 – À meia dúzia é mais barato, mas ao trio, gasta-se o que for preciso.

7 – Um bom empresário não arranja apenas bons jogadores. Arranja o que for preciso.

8 – Os campeonatos não se ganham apenas com "black-out". Depende da escolha do freguês.

9 – Afinal, é verdade que as mães dos árbitros não devem ser o alvo dos insultos. Apenas as companhias de alguns deles.

10 – O futebol é, definitivamente, um desporto de meninas.

Queima Sports está em marcha

Programa desportivo está a decorrer desde o mês passado e amanhã realiza Jogos sem Fronteiras

Diana do Mar

O programa desportivo Queima das Fitas é uma iniciativa da responsabilidade do pelouro do desporto da Comissão Organizadora da Queima das Fitas de Coimbra 2005 e está em curso desde 18 de Março.

As actividades inseridas neste projecto contemplam diferentes tipos de modalidades, desde o rafting, mergulho e canoying até ao judo, taekwondo, ténis, râguebi e hóquei. A comissão organizadora agendou os Jogos sem Fronteiras para amanhã, enquanto que o Queima Sports Beach Party ficou marcado para o próximo domingo, na Figueira da Foz.

Até agora só se realizaram duas actividades (campo montanha e rafting) e o presidente do pelouro do desporto da comissão organizadora da Queima das Fitas 2005, Eduardo Gonçalves, ressalva o facto de "a adesão ter sido muito boa", e faz referência ao facto de não haver disparidade sexual, na medida em que "a participação tem sido recebida pelas duas partes de igual modo".

Segundo o comissário esta adesão tem tido como adjuvante o facto de os "preços serem acessíveis à maior parte dos estudantes", uma vez que "normalmente, para praticar muitas destas modalidades são exigidos rendimentos monetários médios ou elevados". Apesar disso, em alguns casos o número de participantes é muito superior ao número de vagas, tanto que "há possibilidade de se fazer uma segunda



Canoying foi uma das modalidades já realizadas no âmbito do programa desportivo da Queima das Fitas

edição de algumas práticas desportivas", explica Eduardo Gonçalves. Mas no passado sábado, não houve possibilidade de fazer mergulho (que ia decorrer nas Berlengas) devido às condições climatéricas.

Na realização de algumas actividades, nomeadamente no mergulho, o pelouro do desporto trabalha em parceria com entidades nacionais para que "seja possível proporcionar práticas desportivas com qualidade aos estudantes", explica Eduardo Gonçalves.

O programa desportivo abrange

duas vertentes: uma integra as actividades referentes ao respectivo pelouro e outra diz respeito às modalidades desenvolvidas pelas secções desportivas da Associação Académica de Coimbra. No que toca às inovações em relação ao ano anterior, o presidente do pelouro do desporto refere o facto de "se ter dotado o evento de uma maior variedade de práticas desportivas e destas serem em maior número".

Neste âmbito, para o dia 25 de Maio, a comissão organizadora da Queima das Fitas de Coimbra 2005

agendou o "Desporto em alta", uma iniciativa que se prende com a realização de uma feira desportiva interactiva na alta da cidade, que "pretende chamar a atenção da comunidade em geral para o desporto e para a dinamização deste espaço", afirma Eduardo Gonçalves.

Os principais objectivos deste evento desportivo são "fomentar o desporto dentro da comunidade estudantil, publicitar a Queima das Fitas de Coimbra no panorama nacional através da prática desportiva e promover um estilo de vida saudável

na população universitária", esclarece o comissário. Para além disso, este projecto visa incrementar "hábitos de interesse pela frequência dos espaços outdoor, de uma forma lúdica, desportiva, cultural e educativa", acrescenta.

Relativamente, às expectativas criadas em torno do programa, Eduardo Gonçalves afirma que espera que "a adesão se mantenha". As actividades, que já duram desde Março, até 27 de Agosto, data em que finda o University Ladies Open.

Basquetebol vence Maia

Na penúltima jornada da Proliga a Académica recebeu e venceu o Maia, por 109-90. Os "estudantes" controlaram sempre o jogo

Bruno Vicente

Apesar da presença nos play-off ser apenas uma possibilidade remota que depende de contas matemáticas e de resultados de terceiros, a Académica entrou em campo com a clara ambição de arrancar ao Maia

os dois pontos a que a vitória dá direito.

Com um cinco inicial composto por Hugo Loureiro, Zane Gilliard, Alexandre Pinto, Cléber Silva e Fernando Sousa, os "estudantes" entraram bem na partida, mostrando aprumo colectivo e controlando de imediato as investidas ofensivas do adversário.

Perante um Maia Basket pouco ambicioso, a falhar inúmeros lançamentos por baixo da tabela e também no jogo exterior, a frente académica encetou um verdadeiro festival de pontos, principalmente por Fernando Sousa (29 pontos) no jogo interior, e por Hugo Loureiro (24 pontos) e Zane Gilliard (30 pon-

tos) no jogo exterior. De resto, estes três jogadores foram sempre o motor de jogo da equipa académista.

Com esta tendência de jogo o resultado ao intervalo apresentava-se perfeitamente justificável, com a equipa da casa a vencer por 68-43.

João Jaime Moutinho, treinador da Brisa, aproveitou a vantagem alcançada de 25 pontos, para fazer rodar os jogadores disponíveis, alterando entre o cinco inicial e os habituais suplentes. Esta aposta no banco, com alguns jogadores a jogarem pela primeira vez esta época, não fez desvanecer o avanço académico na marcha do marcador, que se pautou sempre na casa dos 20 pontos e culminou com um 109-90,

favorável à Académica.

Após o encontro, João Jaime Moutinho considerou que o Maia "não soube arranjar soluções para a superioridade da Académica e optou por destabilizar com o trabalho da arbitragem".

Pensar o futuro

Com esta vitória, a equipa de Coimbra ascende à 12ª posição da Proliga e, com uma jornada para jogar, encontra-se apenas a um ponto do oitavo lugar, que dá acesso aos play-off. Não obstante, o mais provável é que a Académica dispute os play-out, onde se encontra em boa posição para se manter na Proliga.

Entretanto, com o aproximar do

final da temporada, a direcção da Secção de Basquetebol da Associação Académica de Coimbra prepara já as eleições para a direcção de 2005/2006. O novo grupo será formado, na sua maioria, por dirigentes não pertencentes aos quadros da direcção actual. Outra novidade é a realização do primeiro campeonato All Star da Proliga, onde as estrelas das equipas do escalão secundário do basquetebol português se encontram para disputar diversos concursos. Pela equipa da Académica foram chamados dois jogadores: Fernando Sousa vai integrar a formação All Star Sul e Hugo Loureiro foi convocado para o concurso de lançamento de três pontos.

Baptismo de Mergulho

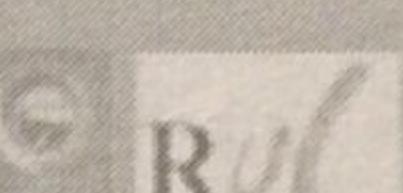
Tem agora a oportunidade de realizar um primeiro mergulho e descobrir a maravilhosa sensação de entrar num mundo diferente. Esta oportunidade terá lugar na praia da Barra, no dia 27 de Abril, pela tarde. Cada participante terá à sua disposição todo o material necessário e apoio constante de profissionais.



Para mais informações:
<http://lage.dei.uc.pt/~bmergulho>

Apoios:

ACABRA



PUBLICIDADE

Abril em cheio para Desportos Motorizados

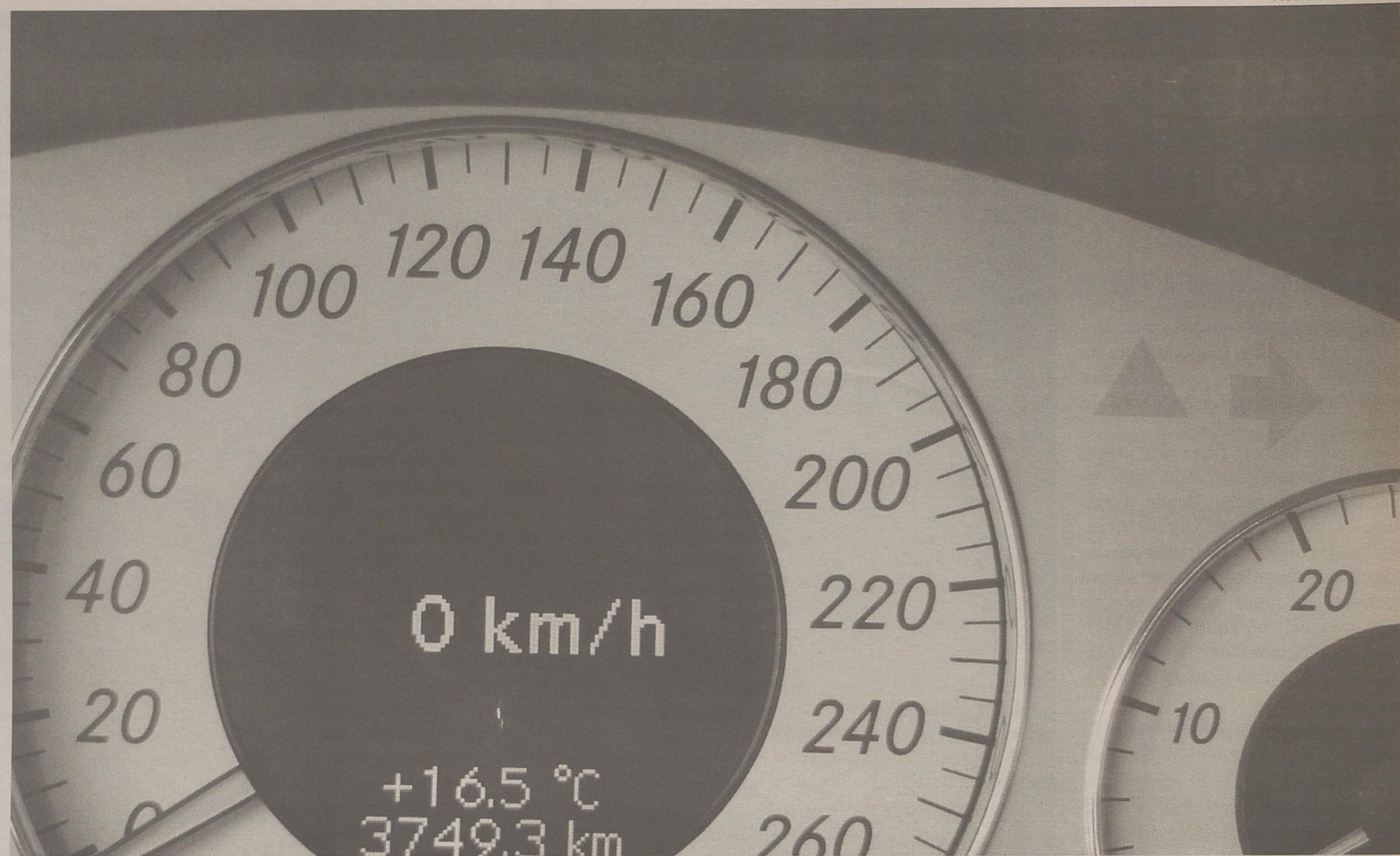
FRANCISCA MOREIRA

Para os próximos meses, os Desportos Motorizados da Associação Académica de Coimbra apresentam uma agenda cheia, mesmo tendo dificuldades financeiras

Pedro Galinha
Jens Meisel
Rafael Pereira

Apesar de algo afectada por dificuldades financeiras e logísticas, a pró-Secção de Desportos Motorizados (SDM) arrancou com novas iniciativas, sendo esta a época em que se mostra mais activa. Dentro do calendário de eventos, no mês de Abril realiza-se no dia 24 o 3º passeio TT em São Martinho da Cortiça e, no dia 27, a Kartada Queima das Fitas. Já no próximo dia 4 de Maio a secção organizará o Passeio Puzzle-Rally Paper, também inserido no programa desportivo da Queima das Fitas 2005. Contudo, a prova mais importante está prevista para Novembro. Esta prova, que conta para o Campeonato Nacional de Navegação Todo-o-Terreno, requer bastante apoio financeiro. Assim, nas palavras do presidente da SDM, Pedro Santos, a secção está aberta a qualquer tipo de patrocínio, pois "uma prova desta envergadura envolve uma grande logística".

Para 15 de Maio está agendada a apresentação oficial da Team AAC/SDM, num sítio ainda a definir. A equipa é constituída por oito pilotos – cinco elementos participam no Campeonato Nacional de Kart-Cross, dois no Campeonato Nacional de Navegação Todo-o-Terreno, e um no Campeonato



Desportos Motorizados apostam na aproximação a mais estudantes

Nacional de Moto 4. A atestar a qualidade da equipa refira-se o actual título de campeã nacional de Kart-Cross. O presidente da SDM frisou ainda a vontade da secção em estar aberta ao universo estudiantil, estando por isso receptiva a propostas de participação por parte de todos os estudantes, pois a secção está interessada em alargar o número de sócios e, quem sabe, contar no futuro com pilotos que representem o Team AAC/SDM.

Envolvida em algumas provas

oficiais a nível nacional, a Team AAC/SDM tem obtido resultados bastante positivos, isto mesmo tendo em conta os obstáculos com que se depara. De entre eles, diz Pedro Santos, destacam-se o preço elevado que a substituição de peças nos veículos envolve e a falta de equipamento – note-se que a equipa de Navegação TT obteve um excelente 4º lugar numa prova sem recorrer ao sistema GPS usado pelas outras viaturas concorrentes. As verbas avultadas envolvidas na própria or-

ganização dos eventos (e que muitas vezes os patrocínios não chegam para cobrir) e o conciliar dos estudos universitários com a elevada dedicação que a alta competição exige são dificuldades adicionais com que a SDM se depara. Desse modo, e dada a conjuntura económica actual, é difícil conseguir apoios para os pilotos, tendo estes que suportar todos os custos, explica o presidente da secção. Apesar das ajudas da academia, a secção só consegue contribuir com o valor

das inscrições nas respectivas federações. Mesmo com estas dificuldades, Pedro Santos afirma que o sonho da secção é "ter veículos próprios disponíveis a quem quiser ter um contacto mais próximo com os desportos motorizados".

Formada há cerca de um ano, a pró-Secção de Desportos Motorizados (SDM) é constituída por cerca de 50 sócios e divide-se em duas componentes principais: a organização de eventos e a equipa oficial Team AAC/SDM.

Hóquei consegue vitória fácil

Na recta final do campeonato da terceira divisão de hóquei em patins, a Académica voltou a ganhar, desta vez contra o Bombarralense por 7-2

Nuno Braga

Foi no sábado, pelas 18h, no Estádio Universitário que os "estudantes" conseguiram um resultado seguro contra um Bombarralense que se deixou dominar nesta 23ª jornada.

A Académica iniciou a partida to-

mando o comando e exercendo pressão sobre os adversários que não conseguiam manter a posse de bola. A Briosca atacava bastante perante a passividade do Bombarralense e assim o primeiro golo surgiu com alguma facilidade.

Os primeiros minutos foram de grande velocidade, com sucessivas jogadas perigosas por parte da Académica. Ocasionadamente, os visitantes chegavam à baliza do guarda-redes João Duarte com perigo.

A meio da primeira parte já o jogo começava tornar-se mais calmo e pensado, as jogadas eram mais planeadas, com os "estudantes" a chegarem ao golo por mais três vezes antes do apito para o intervalo.

Na segunda parte os "estudantes"

entraram com calma e segurança, atitude que se revelou adequada pois o Bombarralense não pressionou a Académica. Assim, o jogo tornou-se apático, e foi nessa apatia que os visitantes conseguiram o seu primeiro golo. Com uma defesa adormecida a Briosca sofreu o primeiro golo por culpa própria. Como resposta, e numa das poucas jogadas rápidas da segunda parte os "estudantes" marcaram de novo.

O Bombarralense ainda voltou a marcar antes da equipa da casa arrumar o jogo com mais dois golos, fixando o marcador em 7-2. Com esta vitória a Briosca consegue o inovulgar feito de "não perder em casa, para jogos do campeonato, há mais de dois anos" adianta o treinador

dos "estudantes", Francisco Vilhena.

O treinador da Académica, em declarações ao Jornal Universitário de Coimbra – A CABRA, referiu que o jogo perdeu muita vivacidade não por culpa dos "estudantes": "A equipa encaixou-se de acordo com a qualidade do adversário". Já em relação ao resultado e à prestação na segunda parte, Francisco Vilhena afirma sem medos que jogaram para a vitória mas tentaram não gastar muitas energias: "Apostámos nos três pontos. O jogo não foi difícil e por isso tem que haver uma gestão de esforço".

Com este resultado a Secção de Patinagem mantém o segundo lugar na classificação, com 58 pontos, a

três pontos do primeiro, o SC Torres que tem 61, e com o Stella Maris na perseguição com 56 pontos.

Os próximos jogos vão ser cruciais para os "estudantes" já que não podem perder nenhum ponto, sob o risco de perder a oportunidade de subir à segunda divisão. O treinador Francisco Vilhena mostra-se confiante nas qualidades dos seus jogadores e dá o mote: "Temos obrigação de ganhar", referindo-se ao próximo jogo contra o Rio Maior. Das três partidas que a Briosca tem que jogar duas são em casa e um fora, pelo que Francisco Vilhena se mostra calmo mas atento, uma vez que "as condições são muito semelhantes às do ano passado e os jogadores sentem a pressão".

II noite de Fados @ DEI
3MAIO'2005_21h30

ESCADARIAS DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA INFORMÁTICA
PÓLO 2 DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

“Sempre que estou a tocar flauta penso que estou a cantar”

“Porto Alto”, último disco de Rão Kyao, é o “percurso de um sonho através da música de Portugal, país do pão, do azeite e do vinho”.

Viagem povoada de sons, para ouvir, em concerto, no próximo sábado, no Gil Vicente

João Vasco

Com uma carreira de quase 30 anos, Rão Kyao já fez um pouco de tudo. Debruçou-se sobre o fado, a música chinesa ou mesmo o jazz. Viveu no Oriente, que redescobre a cada momento e que diz ser o local onde tudo nasce – “Até o Sol”. Depois de ter lançado o “Fado Virado a Nascente” em 2001, reaparece com uma jornada de trabalho à portuguesa. Sempre acompanhado, é claro, pela flauta de bambu.

“Porto Alto” é um regresso às origens?

Não digo que seja um regresso às origens porque nunca as larguei. Talvez me tenha aproximado delas mais numas formas do que noutras (tenho discos ligados ao fado, à música popular portuguesa). O que acontece é que tento que cada disco tenha uma característica diferente e que apresente qualquer coisa de novo às pessoas, dentro da minha linha de pensamento e de sentir a música.

E o que é que este disco traz de novo?

É uma série de situações musicais, que no fundo são lembranças minhas. Recordações dos tempos de miúdo: os flautistas à frente dos “Zés Pereiras” no meio da rua como se via muito no Norte, uma música que tem a ver com a Lua e com os lobos, uma outra que tem a ver com as músicas de roda (a que chamo “Rodinha na Eira”). Várias situações musicais de que me lembro desde criança e que tentei recriar dando-lhes um arranjo novo.

Este álbum mistura música cigana, flamengo...

Isso anda tudo ligado, não é bem mistura. Se nós formos ouvir a nossa música como era no princípio do século, vemos que tinha muito de ibérico. Não havia uma fronteira muito demarcada entre Portugal e Espanha. Era uma música de raiz ibérica. Eu tento fazer uma junção entre Portugal e Espanha, porque na realidade na música não há fronteiras.

E ainda há as raízes árabes...

As raízes árabes são comuns a toda a nossa música. A música tradicional recebeu uma influência gigantesca da música árabe, porque os árabes são dos maiores músicos do mundo. São um povo com uma música antiquíssima e evoluidíssima que se estende até à Pérsia e, portanto, deixaram uma influência muito forte. Muita da nossa música que tem que ver com o lamento, com a saudade, vem do lamento árabe.

Neste álbum há uma espécie de representação de uma jornada de trabalho em locais diferentes de Portugal. Como lhe surgiu a ideia de fazer um disco desta forma?

Foi surgindo. Queria apresentar muitas coisas que tivessem a ver com o trabalho. Tenho por exemplo um tema sobre a apanha da azeitona (onde tento reproduzir sonoramente o ambiente de trabalho na apanha da azeitona, à minha maneira). Outros temas falam do vinho. São dedicatórias a toda a simbologia do vinho e ao efeito que ele tem sobre o homem...

“A música indiana para mim é uma paixão!”

Este álbum tem também cruzamentos com as sonoridades indianas...

Sim. É uma influência muito profunda na minha música. Todos os músicos se sentem influenciados por algo. Na música clássica, certos músicos são influenciados pela música folclórica, pelo jazz, etc. O músico na sua evolução sente sempre uma simpatia por determinada sonoridade e no meu caso foi a música indiana. A música indiana para mim é uma paixão!

Desde que começou a ser músico?

Sim. É uma música que tem uma raiz muito forte, mas que ao mesmo tempo se lança por caminhos novos e que tem muita profundidade espiritual e emocional. Essa música, com toda essa antiguidade, modelou a nossa através dos persas e dos árabes que vieram até nós. Nós, através dos Descobrimentos, arranjamos com eles uma ligação muito forte.

“Tudo nasce no Oriente”

Essa sua vontade de descobrir e redescobrir o Oriente vem desde o início da sua carreira. Sente que em 2005 conhece melhor o “outro lado”, o Oriente? Ou não lhe chama sequer “outro lado”?

Para Portugal não é o “outro lado”. Victor Hugo disse um dia que o “Oriente” começava em Espanha. Isso é totalmente verdade! A música de raiz



Este disco “não é um regresso às origens”. “Nunca as larguei”, diz Rão Kyao

popular real, que se formou por si, pelo relacionamento dos homens e desafios com Deus, é na realidade universal. Estamos a perder esse sentimento pela presença massiva da televisão e da rádio, que estão a apagar essa música que tem uma riqueza imensamente superior àquela que nos estão a querer dar. Mas não é só isso: também tenta misturar a música com conflitos de civilizações. Isso são confrontos inventados por homens de outras secções, não os homens da música. No fundo, tento fazer uma aproximação, que à partida não seria necessária, através da música.

Em todos os temas deste disco recorre-se à flauta de bambu. Uma paixão? É uma espécie de prolongamento de si?

Obviamente. Acho que qualquer instrumento, se não for o prolongamento daquele que o toca, então é melhor que o músico se dedique a fazer outra coisa. Cada flauta é diferente da outra, tem a sua sonoridade própria e ainda por cima é um instrumento que vem da terra. Há também qualquer coisa que tem que ver com a voz humana.

Em “Porto Alto”, pelo menos no tema “Rabela de Vilarinho”, canta. Em outros temas também trauteia. Como surgiu a ideia de colocar a sua voz num disco?

Nem sequer é a apresentação. Digamos que é uma série de espectáculos que dão muito lugar para a improvisação. A pessoa senta-se e não sabe bem o que vai ouvir, o que acho uma maravilha! (risos) Gosto sempre de ser surpreendido...

Não é a primeira vez. Nos espectáculos faço isso. Complemento certas coisas que toco na flauta através da voz. A flauta tem uma característica vocal muito grande e, sempre que estou a tocar flauta penso que estou a cantar. Ligo as duas coisas e também uso coros (muitas vezes sem palavras). Outras vezes junto quadras, como neste caso da “Rabela de Vilarinho”.

Muitos temas reportam-se a sítios de Portugal. E porquê “Porto Alto”? É também nome de uma terra?

É verdade, mas este “Porto Alto” é outra coisa. Toda esta música tem a ver com um porto, um sítio de entrada, onde se conjugam sonoridades. O “Porto” tem a ver com isso. O “Alto” é porque há muita música neste álbum que tem que ver com a montanha.

“Um teatro é um sítio ideal” para tocar

Para o fim da conversa fica a apresentação deste disco. Vai ser a apresentação pura e dura do álbum? Vai haver extras?

Nem sequer é a apresentação. Digamos que é uma série de espectáculos que dão muito lugar para a improvisação. A pessoa senta-se e não sabe bem o que vai ouvir, o que acho uma maravilha! (risos) Gosto sempre de ser surpreendido...

Mas há um alinhamento...

Obviamente. Temos uma certa base. Depois, como temos excelentes músicos, que são improvisadores, damos azo à improvisação. Mas, este foi um disco já feito para ser tocado ao vivo.

Como tem sido a aceitação por parte do público? Foi boa em Lisboa. Será assim no resto do país?

Espero que sim. Uma das alegrias do músico é precisamente a ligação que consegue com o público.

Os públicos em Portugal são muitos diferentes? Há sítios onde lhe dê especial prazer tocar?

Gosto de tocar em salas não muito grandes e que tenham uma boa acústica. Onde haja um certo aconchego. Um teatro é um sítio ideal. Há uma ligação com o público.

Depois de “Porto Alto”, o que se vai seguir?

É difícil. Vou compondo. Vou para o campo e toco juntamente com os pássaros. Há muitas coisas que me saem. Outras vezes vou escrevendo. Mas, nesta altura, se me dissessem “grava”, ainda não teria um conceito.

Esta entrevista pode ser ouvida na íntegra na Rádio Universidade de Coimbra, quinta-feira às 8 horas e domingo às 21 horas.

Morte e orgânica da Gulbenkian no TAGV



"O Canto do Cisne", de Clara Andermatt, é apresentado em Coimbra na próxima sexta-feira

A morte e a construção da personalidade são o mote das duas peças que o Ballet Gulbenkian traz a Coimbra, em espectáculos dirigidos por nomes fortes da dança nacional. Coreografias onde a música tem um papel determinante

Ana Maria Oliveira
Liliana Guimarães

O Ballet Gulbenkian volta ao Teatro Académico de Gil Vicente esta quinta e sexta-feira. "Organic Spirit, Organic Beat, Organic Cage" de Paulo Ribeiro e "O Canto do Cisne" de Clara Andermatt são as obras a apresentar na digressão. Duas peças de grande carga emocional.

Paulo Ribeiro apresenta uma obra assente na dicotomia indivíduo/collectivo. De acordo com o criador "o indivíduo, quando está sozinho adquire visibilidade e projecção". Quando uma pessoa dança "transparece toda a sua humanidade e inteligência, a sua respiração e também a sua capacidade de ser um pouco mais do que carne". Em "Organic Spirit, Organic Beat, Organic Cage" a massa aniquila e destrói. "O somatório de indivíduos passa a ser a personalidade", afirma o coreógrafo.

O director artístico do Ballet Gulbenkian traz ao Gil Vicente um coreografia repleta de "existências fortes, tão fortes que interpelam as pessoas". Apostava numa dança total, "um movimento que acontece dentro do palco e que vem para fora dele". Defende uma dança com "capacidade de chegar ao público, de contagiar as pessoas".

Paulo Ribeiro, conhecido pela "não vassalagem" da dança à música, aceitou uma sugestão para o acompanhamento musical - o som

do americano John Cage. Sobre a junção da dança com a música, Paulo Ribeiro afirma: "São dois amantes que caminham lado a lado e não às cavalitas um do outro. São dois cúmplices que trabalham para construir uma obra".

A convite do Ballet Gulbenkian, Clara Andermatt dá forma ao desconhecido usando a morte como tema. Para o justificar, a criadora diz que a morte "é de facto aquilo que é mais desconhecido". Deste modo, "O canto do Cisne" é todo ele constituído por variações musicais da obra "A morte do cisne". A reinvenção musical ficou a cargo de Vítor Rua.

A peça incorpora elementos tanto do bailado clássico, como do bailado contemporâneo. Clara Andermatt confessa que nunca consegue "desassociar a técnica da emoção da mensagem". Estes são os "dois lados muito orgânicos e emotivos" que podemos encontrar no espetáculo. Apesar da sua formação clássica, a coreógrafa afirma que "aquilo que interessava era precisamente ver as

coisas agora, consoante aquilo que sou hoje".

A par dessa "selvajaria", salienta ainda a performance dos bailarinos da Gulbenkian, que diz terem "uma técnica fantástica". Foram dezasseis intérpretes escolhidos para "O Canto do Cisne".

Os dois artistas que agora coreografam para a Gulbenkian têm as suas próprias companhias. A Companhia Paulo Ribeiro "está óptima e continua residente no Teatro Viriato" em Viseu, diz o coreógrafo. A companhia festeja este ano dez anos de existência e tem já uma digressão agendada para Portugal e Brasil. Clara Andermatt tenta "conciliar a actividade da companhia com as propostas" que lhe são feitas e que aceita "de bom grado". "Este ano aceitei muitos convites para fazer espetáculos exteriores à Companhia Clara Andermatt, como foi o caso da Gulbenkian", confessa. Dentro dessas propostas salientam-se trabalhos em Londres, na Madeira e para a Faro Capital Nacional da Cultura 2005.

O Ballet Gulbenkian

Fundado em 1965, o Ballet Gulbenkian (BG) teve a sua direcção artística entregue ao coreógrafo britânico Walter Gore, até 1969. Este chamou a atenção para as carências existentes no ballet português e consegui dar ao BG uma grande consolidação e profissionalismo. Gore exerceu também uma divulgação do repertório do bailado tradicional junto do público.

Quando o croata Milko Sparembek, em 1970, toma conta da direcção artística, o BG volta-se para a dança moderna. No entanto, os clássicos não foram esquecidos, tendo até o próprio Sparembek sido responsável por algumas criações.

Em 1977, o bailarino e professor Jorge Salavisa torna-se no primeiro português a exercer o cargo de director artístico do BG. Desde essa altura, até 1996, a orientação da companhia definiu-se por uma linha de contemporaneidade, com grande abertura a estilos muito diversos. Salavisa fomentou tanto a produção de coreografias nacionais, como a formação de bailarinos portugueses.

Seguiu-se-lhe a professora brasileira Iracy Cardoso, entre Março de 1996 e Julho de 2003. Preservando a actualidade e a diversidade, o BG incorporou outras linguagens coreográficas. Apostou-se num conjunto de bailarinos versáteis e que fosse capaz de acompanhar a diversidade das obras escolhidas. Já em Setembro de 2003, o coreógrafo Paulo Ribeiro assumiu o cargo de director artístico da companhia.

Com mais de 35 anos de existência, o BG tem colaborado com vários coreógrafos. Desses, três se destacam, quer pela sua importância individual, quer pela sua contribuição para o desenvolvimento da companhia: Carlos Trincheiras, Vasco Wollenkamp e Olga Roriz.

Para além das habituals temporadas em Lisboa, o BG efectua, anualmente, digressões por várias cidades portuguesas e também digressões a nível internacional.

O povo saiu à rua

GEFAC apresenta a 24ª bienal de cultura popular. Este ano, celebram-se a cultura mirandesa, sãotomense, paulista e italiana, através do teatro, cinema, fotografia e conferências

Sónia Nunes

A Oficina Municipal do Teatro recebe na quinta-feira "As Desventuras de Isabella", o mais recente espetáculo de Commedia dell'Arte produzido por Filipe Crawford, um dos maiores responsáveis pela recuperação do teatro de máscaras. A iniciativa insere-se nas XI Jornadas de Cultura Popular promovidas pelo Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), que até dia 4 de Maio celebra a cultura popular europeia e sul-

-americana.

Inspirado em "Canevas", de Flamínio Scala, "As desventuras de Isabella" recriam os comediantes da época renascentista e a origem da Commedia dell'arte, o "teatro europeu por excelência", segundo Adérito Araújo, membro do GEFAC e principal promotor do evento. A "exuberância das máscaras, a música, a mímica e a acrobacia" são as principais características que distinguem este género de teatro, reforça o actor. A jeito de contextualização, o espetáculo é antecedido por um colóquio sobre a técnica da máscara. "Uma conferência interactiva onde Filipe Crawford, o mestre da máscara em Portugal, falará da técnica que conhece há já 18 anos", explica Adérito Araújo.

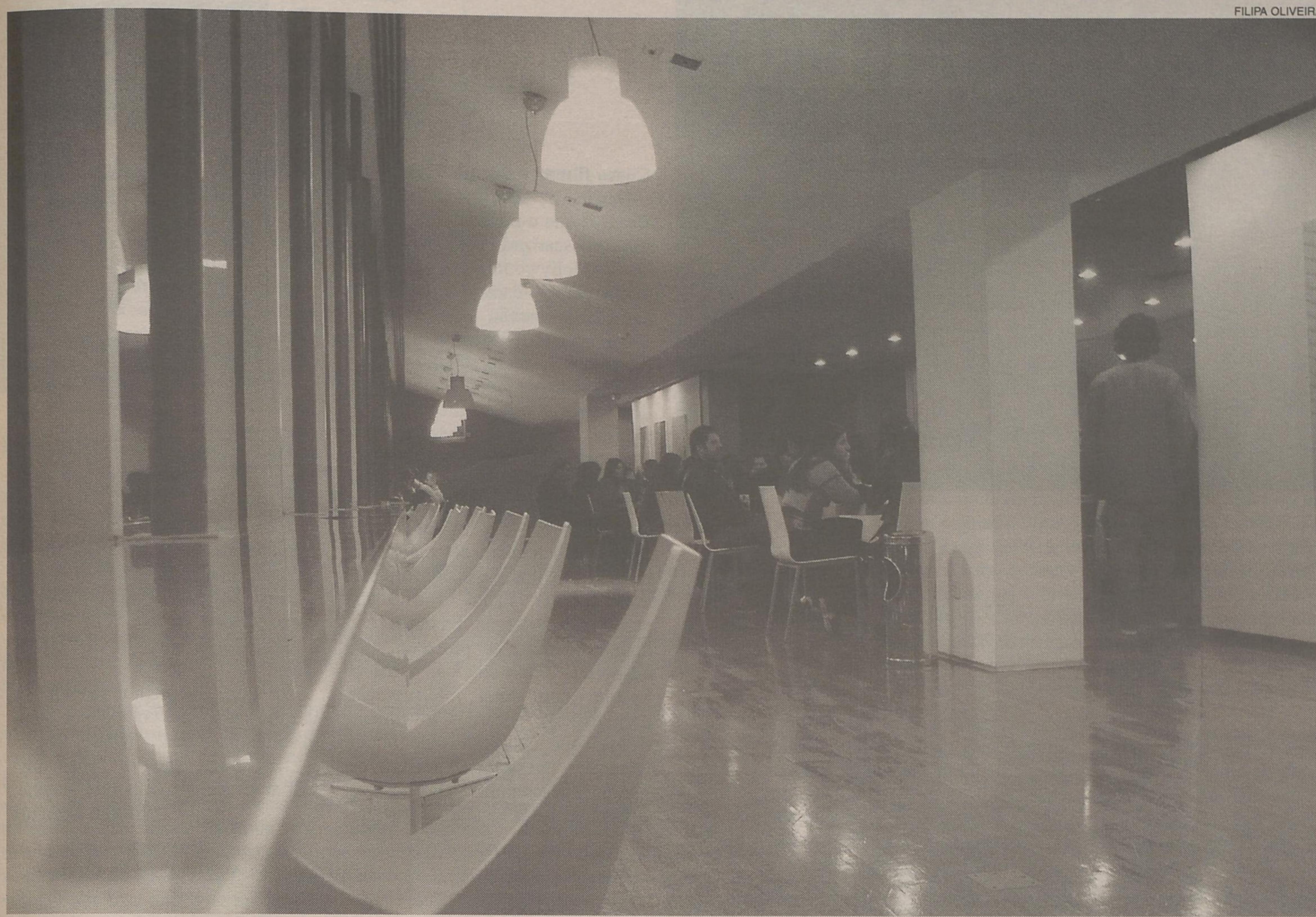
28 de Abril marca o momento alto das XI Jornadas de Cultura Popular. O Teatro Académico de Gil Vicente assiste à apresentação do livro "Teatro Popular Mirandês, textos de cariz religioso". Trata-se, nas palavras do organizador, do "culminar de um trabalho de edição que o GEFAC tem vindo a promover". Recorde-se

que o grupo lançou no ano passado uma recolha de textos populares de cariz profano, também de Miranda do Douro. Adérito Araújo conclui que o grupo conseguiu reunir o "maior espólio de teatro popular português editado em Portugal". Há 39 anos que o GEFAC recolhe expressões culturais das comunidades rurais e teve a "sorte de chegar a Miranda do Douro antes de toda a gente e encontrar pessoas com textos e muitas indicações cénicas sobre o teatro popular", acrescenta.

As XI Jornadas de Cultura Popular pretendem marcar o encontro de cada cidadão com a sua própria cultura e com a cultura de outros povos. Assim, dia 3 de Maio, Coimbra recebe o grupo de S. Paulo, Fraternal Companhia de Arte e Malas-Artes, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte. O colectivo propõe "Auto da Paixão e da Alegría", uma recriação cómica do "Auto da Paixão de Cristo" – que, por sua vez, será evocado pelo documentário "Acto da Primavera", assinado por Manoel de Oliveira. Filmada em Miranda do Douro, a pe-

lícula fará o "contraponto com a peça", pela "visão muito objectiva, não romanceada, do Auto da Paixão de Cristo".

A cultura popular de S. Tomé e Príncipe será também celebrada pelo cinema, através do documentário "FLORIPES – O Auto de Floripes na Ilha do Príncipe", realizado por Afonso Alves e Teresa Perdição. Trata-se de uma aproximação do "Auto de Floripes", peça popular portuguesa, à realidade cultural sãotomense. "O texto é reproduzido fielmente mas com muita dança e música", esclarece Adérito Araújo. A chave de ouro desta adaptação é o Tchiloli: manifestação cultural que acrescenta ao texto trágico a música e a dança mais profundas da cultura de S. Tomé e Príncipe. Rosa Clara Neves, docente universitária e responsável pela edição de um cd com música tchiloli, será convidada para uma conversa no TAGV. Institucionalizadas há 24 anos, as jornadas promovidas pelo GEFAC "têm proporcionado a Coimbra múltiplos momentos de reflexão sobre a cultura popular", realça António Araújo.



Ó foyer do teatro académico: um bar que também serve cultura

Um café com cultura

Muito mais do que um espaço de convívio ou do que de uma bebida, o café do TAGV apresenta-se como uma extensão do palco principal

Filipa Oliveira
Inês Subtil

Em pleno coração da cidade, o foyer do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) consegue juntar pessoas diferentes em eventos diversificados. Criado há cerca de uma década, começou por ser palco de música clássica todos as semanas ao final da tarde, mas cedo se percebeu que o espaço poderia ser também utilizado para conversas. Mais tarde vieram os recitais de poesia, os lançamentos de livros, os debates.

Com um design contemporâneo, o café-teatro abre-se à luz da cidade através de amplas janelas e de uma disposição privilegiada – em plena Praça da República. Símbolo de modernismo e de cultura o bar começou por estar apenas aberto à hora dos espectáculos, mas foi concessionado de maneira a que estivesse disponível ao público todo o dia. A designação café-teatro surgiu, paralelamente a um programa cultural, com o intuito de as pessoas se aperceberem de que não era mais um bar que ia abrir.

As potencialidades do espaço não se esgotam, portanto, na sua dimensão física, o que se pretende é que seja sinónimo da dinâmica cultural de uma cidade de estudantes. Nas paredes, entre conversas ou simples olhares que descobrem o que os rodeia, os frequentadores do primeiro piso do TAGV encontram exposi-

ções que caracterizam o espaço. Nos cantos surgem artefólios, a chamada livraria de bolso, servindo de suplemento às iniciativas do foyer. Nesses blocos ambulantes podem-se encontrar as publicações cujo lançamento ocorre no local.

Sendo um dos únicos teatros ligados a uma universidade a nível europeu e o único de grande dimensão em Coimbra, o café-teatro é indissociável da sua função pedagógica. A ausência de outros locais idênticos na cidade, obriga-o a fornecer grande parte de serviço público cultural, que de outra forma não teria oportunidade de acontecer. Na opinião do director interino do TAGV, Francisco Paz, “a falta de espaços de discussão na cidade” e a necessidade de responder a todas as solicitações faz com que não haja uma programação, mas “uma manta de retalhos”. Nesse sentido, o que se passa no foyer pode ser uma ajuda. Francisco Paz salienta que “há muitas coisas que acontecem no café-teatro como su-

plemento, mas também há muitas coisas que as pessoas solicitam”.

A longo prazo, a direcção do TAGV deseja o “estabelecimento de parcerias com as editoras, estipulando dias para as apresentações de lançamento de livros ou discos”, o que a actual conjuntura não permite, visto que a administração do teatro académico se encontra numa fase de transição.

Quem por lá passa...

Muitos são os que frequentam o bar sem se aperceberem de que se trata de um café-teatro. Por vezes, a descoberta dá-se como um tropeçar minutos antes do início de um colóquio. Para Patrícia Costa, cliente habitual, o café é “um espaço muito agradável, com imensa luz e boa música, onde se pode trabalhar em vez de estar só na conversa”. Em relação aos debates, apesar de geralmente ter conhecimento do programa do foyer, explica que já aconteceu ser surpreendida com um evento e permane-

cer. E conclui: “Quando me interessa fico, mas se não me diz nada vou-me embora”.

Já Ana Fernandes, também frequentadora assídua, considera que o café-teatro deveria ser mais explorado e divulgado. “Às vezes, calha apanhar alguma coisa que está a acontecer, não pela divulgação mas sim porque estávamos no café nessa altura”, acrescenta. Ana Fernandes acha que “surpreender é a função de um café-teatro, cativando as pessoas que estão presentes no momento”. Também João Paulo Dias, coordenador do Grupo da Cultura do Conselho da Cidade de Coimbra elogia as várias iniciativas que têm lugar no foyer. “Para o lançamento de livros é um sítio bastante agradável”, diz.

A presidente do conselho da cidade, Maria de Lurdes Cravo, avança com uma explicação para o sucesso deste café-teatro: “Hoje em dia as pessoas procuram espaços mais informais pois já não têm pachorra para a formalidade”.

Depois da festa, o livro

O foyer do TAGV vai ser hoje palco do lançamento do livro “Coimbra 2003 - E depois da festa?”, pelas 18 horas. A publicação resulta de um encontro que decorreu a 24 de Janeiro de 2004, organizado pelo Grupo de Cultura do Conselho da Cidade de Coimbra (CCC). Durante o evento, debateu-se o que tinha sido a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 e o que se seguiu em termos culturais na cidade.

O coordenador do Grupo da Cultura do CCC, João Paulo Dias, considera “importante manter uma dinâmica cultural mais elevada do que tínhamos em 2002”, pelo que destaca a importância de “uma avaliação pública”. O livro pretende compilar não só as comunicações dos oradores convidados, mas também as questões e intervenções da assistência. João Paulo Dias refere que “os autores têm uma opinião positiva em relação ao que foi o ano de 2003”, defendendo, no entanto, que se deve apostar numa estratégia de desenvolvimento cultural para a cidade.

Apesar da resposta à questão que dá nome ao livro

não ser consensual, os colaboradores concordam que se deve apostar em pilares essenciais dos quais se destacam a formação, a recuperação e criação de equipamentos e condições culturais e uma maior articulação e diálogo entre os vários agentes envolvidos na cultura da cidade.

O comissário da Coimbra Capital da Cultura 2003, e um dos colaboradores do livro, Abílio Hernandez, considera necessário “aprofundar a noção de cultura como um direito inalienável dos cidadãos”, tecendo fortes críticas ao modelo de gestão, “à falta de autonomia administrativa e financeira e à impressionante burocracia da administração pública”.

Confrontada com o desfasamento temporal entre o debate e a publicação do livro, a direcção do CCC explica que na altura “era demasiado cedo para fazer balanços”. No entanto, o lançamento justifica-se como sendo uma crítica à ausência de recolha e discussão pública, nos meses seguintes, por parte das entidades oficiais, dos efeitos de Coimbra 2003.

Em palco...

Daniel Boto

Opinião

O poço sem fundo

“A Ilha de Deus”
Encenação Pedro Marques
Teatro Estúdio do CITAC
Até quinta-feira
21h30

Completa-se mais um círculo de iniciação teatral do CITAC e mais doze pessoas apresentam ao público aquilo que aprenderam durante um ano de formação de actor. Mais: apresentam, sem que o saibam talvez, de forma definitiva e inequivocável as suas aptidões e inaptidões para o teatro e para a arte de representar.

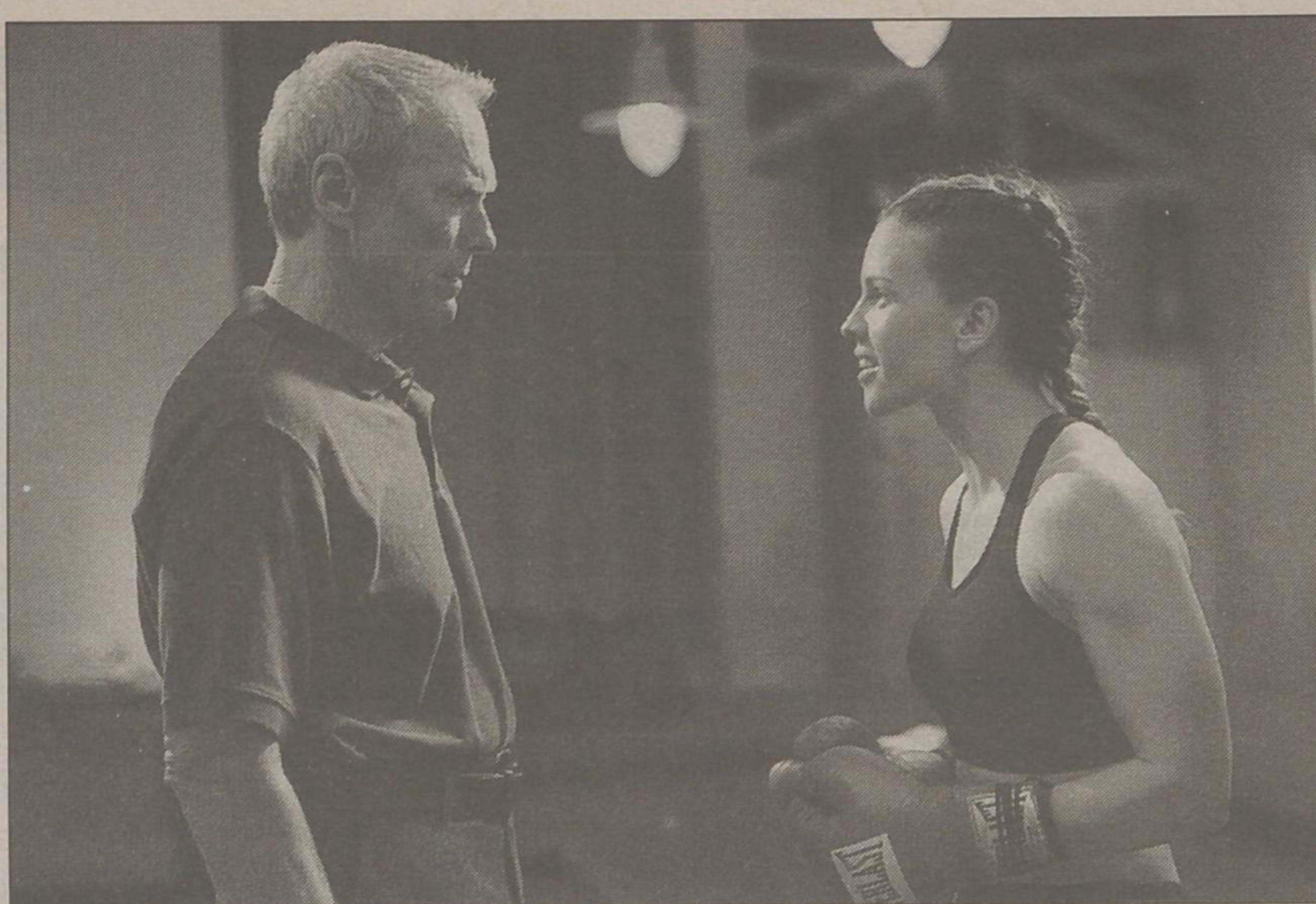
É, portanto, um duplo desafio, o de mostrar ao espectador o que aprendeu e revelar ao mesmo tempo o que poderá vir a desenvolver no futuro. E entrever nalguns rostos precoces a certeza de um bom actor profissional é sempre uma surpresa agradável. Como em tudo, muitos outros ficam para trás, perdidos na negrura do teatro-estúdio – Caixa de Pandora impiedosa que dita regras, explora vícios do corpo, da alma e do amoroso, máquina de avaliação que no final decreta apenas uma veredito, claro e directo: sim ou não.

O texto original de Motton não parece fácil. O tema é delicado, feito de personagens bíblicas amesquinhasadas com um prazer astuto. Deus, todopoderoso, requintado deficiente sobre uma cadeira de rodas, é absurdamente envinagrado, ente cínico que delira com a desgraça que derrama sobre os homens. O seu infinito poder expira desde que o seu mais apurado anjo, o Diabo, o não possa empurrar. Metáfora encantadora, esta da inversão de papéis e de temperamentos; será que aquele por quem todos clamam nas horas de miséria é Belzebu e aquele que todos esconjuran é afinal quem mais intercede pela raça dos homens?

Questões interessantes, executadas com uma ironia salutar – embora não original. Mas um bom texto é sempre um pau de dois bicos. E talvez por isso mesmo a encenação de Pedro Marques pudesse ser mais dinâmica. 105 minutos são demasiado tempo se a ação definha por impossibilidade da espessura e profundidade do texto. Embora o espaço cénico seja aproveitado de forma muito funcional, o teatro-estúdio continua a haver 12 pessoas que têm uma hora e quarenta e cinco para mostrar aquilo que valem. A diversidade de sapatos e maquilhagem não chega para nos dissuadir da demorada passagem do tempo, que o Diabo vai monopolizando, à luz da vela, com pequenas preocupações existenciais. Mesmo assim, é meritório o empenho de alguns actores, que em teatro pouco ou nada tinham feito antes, e que dizem o texto como se o fossem.

Em resumo, teria corrido melhor se durasse menos tempo e se fossem adaptadas algumas das cenas a esse mesmo tempo. As menos interessantes prolongam-se, enquanto que as mais divertidas pouco se exploram. É ritmo, o que falta nesta peça. Que propõe, a dada altura, uma certa energia, que depois não é continuada. Mas o poço sem fundo tudo redime.

Vê-se...



Amargo

Há cerca de 15 dias atrás, depois de sair da sala de cinema, bastante tarde, perto das três da madrugada, prometi a mim mesmo que nunca mais ia ver este filme, que nunca mais ia pensar ou escrever sobre este filme. Mas, como é habitual, uma vez mais, não vou cumprir o que prometi a mim mesmo, e vou voltar a pensar e a escrever sobre este filme. Pelo menos durante alguns minutos, no âmbito desta espécie de crítica que não é bem crítica nem pretende ser crítica e acaba por não ser, de facto, crítica, mas um simples comentário. Um comentário crítico, ainda assim.

Antes de qualquer outra coisa, uma rectificação. Por manifesta ignorância, sugeri que os Óscars de melhor filme e melhor realizador deste ano deveriam ter sido entregues a "The Aviator" e Martin Scorsese,

respectivamente. Reconheço agora o meu erro. "Million Dollar Baby", de Clint Eastwood, é manifestamente superior. Custa-me imenso escrevê-lo, até porque sou um confesso admirador de Scorsese e nutro uma embirração milenar por Eastwood, mas é verdade. É deprimente, mas é verdade.

Mas não tão deprimente, sublinhe-se, como o próprio filme. Com excelentes interpretações de Clint Eastwood, Hillary Swank e Morgan Freeman, "Million Dollar Baby" é um filme intenso, doloroso e especialmente amargo. Deixa uma ferida profunda na pele que custa muito a sarar. Por isso é que é tão difícil pensar ou escrever sobre ele – é como voltar a abrir a ferida, voltar a sofrer, voltar a sentir toda aquela agonia humana. Por isso é que fico por aqui.

Gustavo Sampaio

Como filmar a dor no limite

Desde o soberbo "American Beauty" que o melhor filme do ano não era oscarizado como tal, na gala de Hollywood. Com "Million Dollar Baby" renova-se um formato de fazer cinema.

O grande atributo da nova obra de Eastwood é, nesse sentido, o desprendimento de todas as armadilhas dos filmes que perseguem uma dimensão intemporal. Senão vejamos: a construção da intriga não se afasta de muitas outras, porém saímos da sala desamparados por termos sido surpreendidos; as personagens nucleares não podiam ser mais referenciais – Clint Eastwood é o homem pouco social que acaba persuadido, Morgan Freeman é o homem humilde e protector, que desperta consciências, Hilary Swank, com uma interpretação transcendente, encarna a jovem ambiciosa que consegue tudo o que pretende – apesar disso, todas estas figuras interpretam, como se estivessem sentadas ao lado do especta-

dor, reféns de uma estupenda contemporaneidade cinematográfica; por fim, o filme não se limita a persegui um só conceito, já que apela a uma percepção circular do argumento: o invulgar enquadramento da paternidade e do amor, a anti-naturalidade do boxe e a filmagem da dor.

Experienciar "Million Dollar Baby" é pairar nessa dor, nessa angústia que nos desabriga e oprime, enquanto seres frágeis e fugazes que somos. Um filme amargo até ao limite, que nos prende à cadeira e ao ecrã com amarras de prazer.

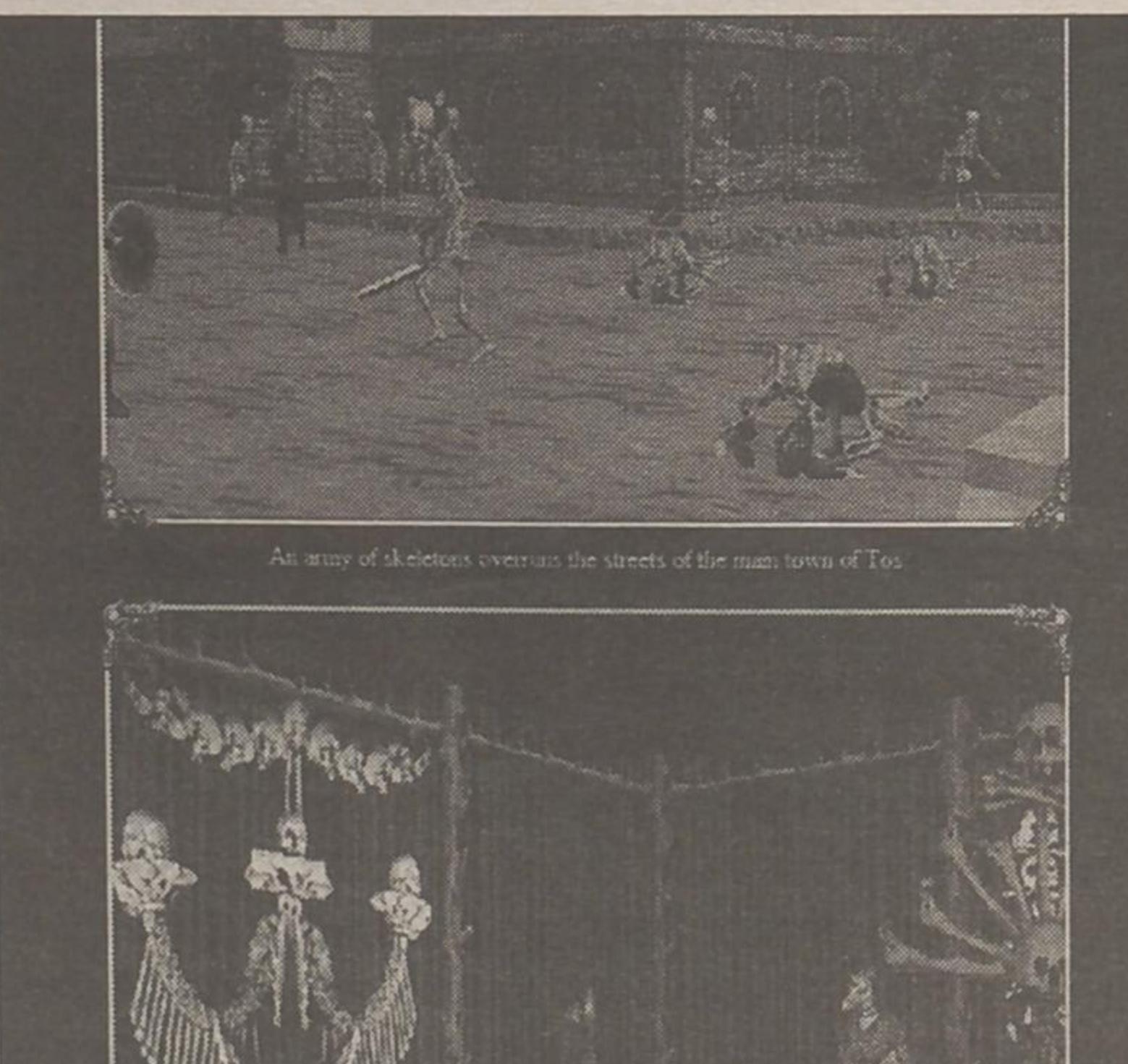
Esta é mais uma obra sagrada na filmografia de Clint Eastwood, para lembrar ao lado de obras enormes como "Blood Work", "The Bridges of Madison County" ou de "Mystic River".

Por vezes, a melhor maneira de dar um soco, num combate de boxe, é voltar para trás. "What's the rule?", pergunta Frankie. "Protect myself at all times", responde Maggie.

Tiago Almeida

Título do Filme / Realizador

Gustavo Sampaio	Deixa uma ferida profunda na pele que custa muito a sarar.	
Jorge Vaz Nande	Eastwood continua a ser o maior gigante moral do cinema americano.	
Rui Pestana	Os melhores filmes de Eastwood nunca são sobre o que parecem ser.	
Tiago Almeida	Um filme amargo até ao limite, que nos prende à cadeira e ao ecrã com amarras de prazer.	
A evitar		Fraco
		Podia ser pior
		Vale o bilhete
A Cabra aconselha		A Cabra d'Ouro
Todas as críticas em acabra.net .		



Jogos online

"Meridian 59"

<http://meridian59.nearheatstudios.com>

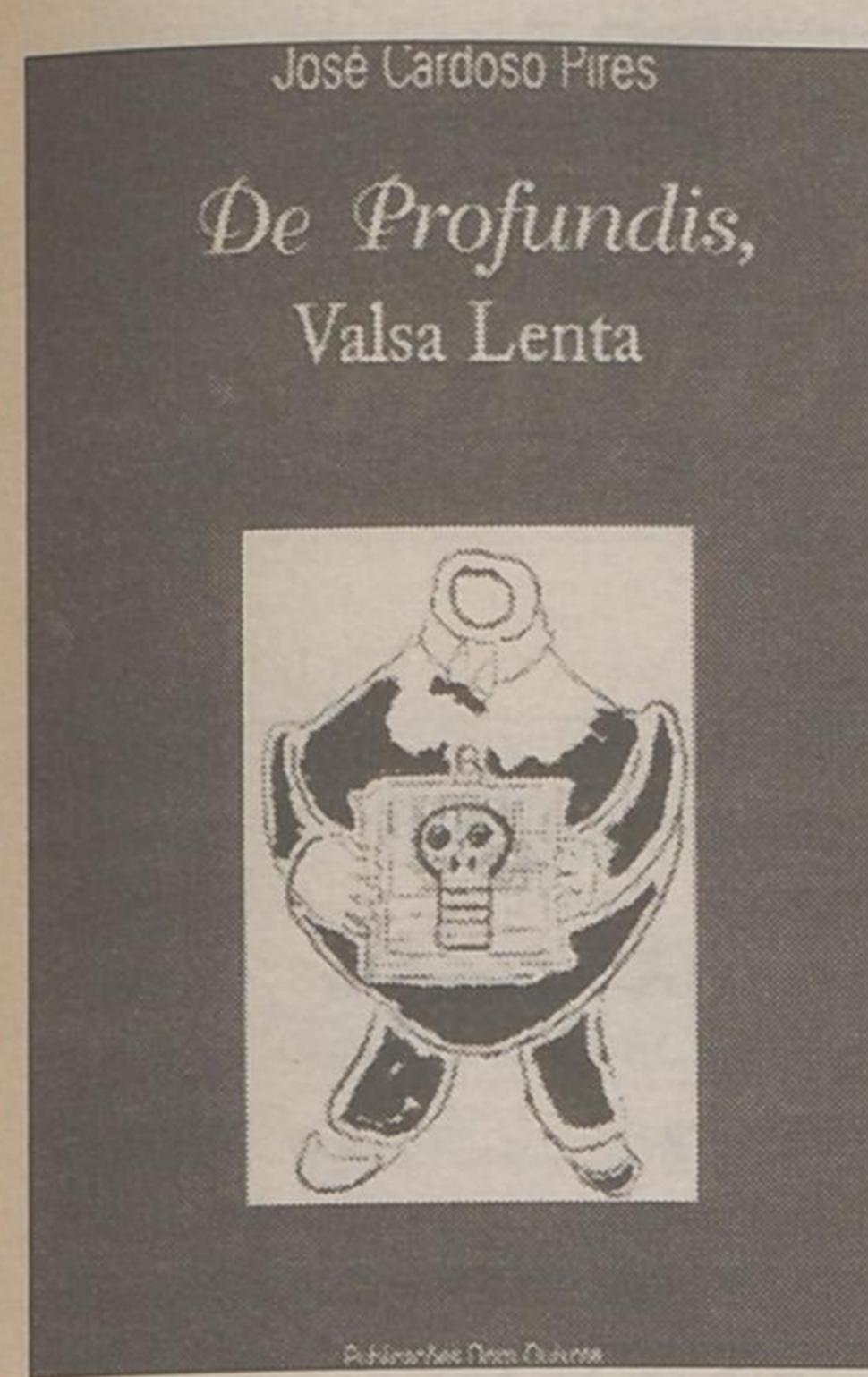
ze euros. Apesar de estes jogos serem originários dos EUA, foi na Coreia do Sul que os MMORPG atingiram níveis nunca vistos. A empresa de Jake Song começou por lançar no mercado o "Nexus: The Kingdom of the Winds" (em 1996) e mais tarde o "Lineage" (1998). O primeiro passou o milhão de assinantes e o segundo chegou aos dois milhões. Até agora não houve nenhum jogo ocidental a atingir estes valores, embora o "World of Warcraft" esteja perto. Na primeira semana em que foi posto à venda na Europa vendeu cerca de meio milhão de exemplares. Para a próxima edição continuo com os MMORPG, mas agora com uma crítica ao "World of Warcraft".

<http://www.mudconnector.com>
<http://www.mudmagic.com>
<http://www.mmorpg.com>
<http://terranova.blogs.com>

Nuno Curado

Após algumas horas de utilização, o resultado é sempre o mesmo: adorável.

Lê-se...



José Cardoso Pires
"De Profundis,
Valsa Lenta"
Publicações Dom Quixote, 1997.

9/10

Do Outro Lado do Espelho

Foi há dez anos a experiência limite de José Cardoso Pires, aguardando-se então um desfecho menos feliz. Dois anos após, depois do luto da memória, Cardoso Pires fixa na folha – e na memória renascida –, o processo da recuperação de um AVC, que o fez órfão do seu mundo.

A brevidade do livro, talvez não um romance, mas apontamento, contrasta com a longa permanência em nós, sem que haja outra densidade que não seja a de existir e saber disso.

O pathos, o padecer e, por isso, acto contínuo, a passividade da não referência, da incomunicabilidade e da ausência sem mais, são o mote da narração pungente, na crueza de análise.

Com a memória branca, "José marcha" entre sombras, ausências e impotência para ser conforme: as chinelas de quarto são cachimbos, em BANHOS lê o avesso. Já nada nele é ele. Há nele (e José perscrute-se ao espelho procurando-se) o Ele apagado e o OUTRO que em dormência permanece. Coloca-se então a questão limite: estará louco? E é esta questão que contamina, parece, enquanto possibilidade, a sua existência mais íntima, mesmo depois de "curado". A loucura terá a vantagem de não sentir o outro que se instala e domina, mas José, embora na solidão do não-chão e da falta de pé no mundo, ainda coloca a questão, o que revela, já por si, a não loucura.

É um livro sobre o humano, mais do que um diário de um internamento; sobre a, parafraseando Kundera, a insustentável leveza do ser, da solidão mais profunda que ultrapassa a não-companhia, a solidão branca, sem memória e, por isso, sem sentir. A história de uma viagem ao mais fundo de nós, sem melodramas, mas trágica, em que somos joguetes perante forças que não controlamos, que padecemos, em que sucumbimos no máximo do nosso heroísmo: o de sermos. Mas é também ainda um relato do quotidiano do hospital, das paredes brancas, das visitas do mundo lá fora no qual, de certo modo, já não participamos, da democracia da doença, dos medos e da esperança.

Uma obra inquietante, humana, e por isso sem artifícios, com um tranquilo e informativo prefácio de João Lobo Antunes. Andreia Ferreira

Ouve-se...



Vários
"Angel of Ashes,
A Tribute to
Scott Walker"
Transformadores, 2005.

6/10

Um anjo renascido das cinzas vale por si só

Em primeiro lugar, porquê um disco de tributo a Scott Walker? Porque este é visto como um ícone do rock anglofone dos últimos 40 anos.

Em segundo lugar, como surge este tributo? Este surge da união de uma mescla de bandas portuguesas, britânicas e norte-americanas, sob a égide da editora Transformadores. Agora, o disco: chamado "Angel of Ashes" - nome do tema de Scott Walker interpretando pelos britânicos Back World no disco - faz, precisamente, renascer das cinzas o anjo de Scott Walker. O álbum condensa em si toda a atmosfera dos anos (60/70) áureos de Walker, mas consegue valer por si só, evitando comparações as versões originais dos temas interpretados.

E que temas? Vamos lá falar das que nos dizem mais (e por ordem do seu aparecimento no disco):

"We Came Through" é toda uma música impregnada da dinâmica e energia próprias que lhe são impregnadas pelos Plaza.

"Angel of Ashes" é o som épico, psicadélico, sombrio e sagaz de Scott Walker na performance dos Back World.

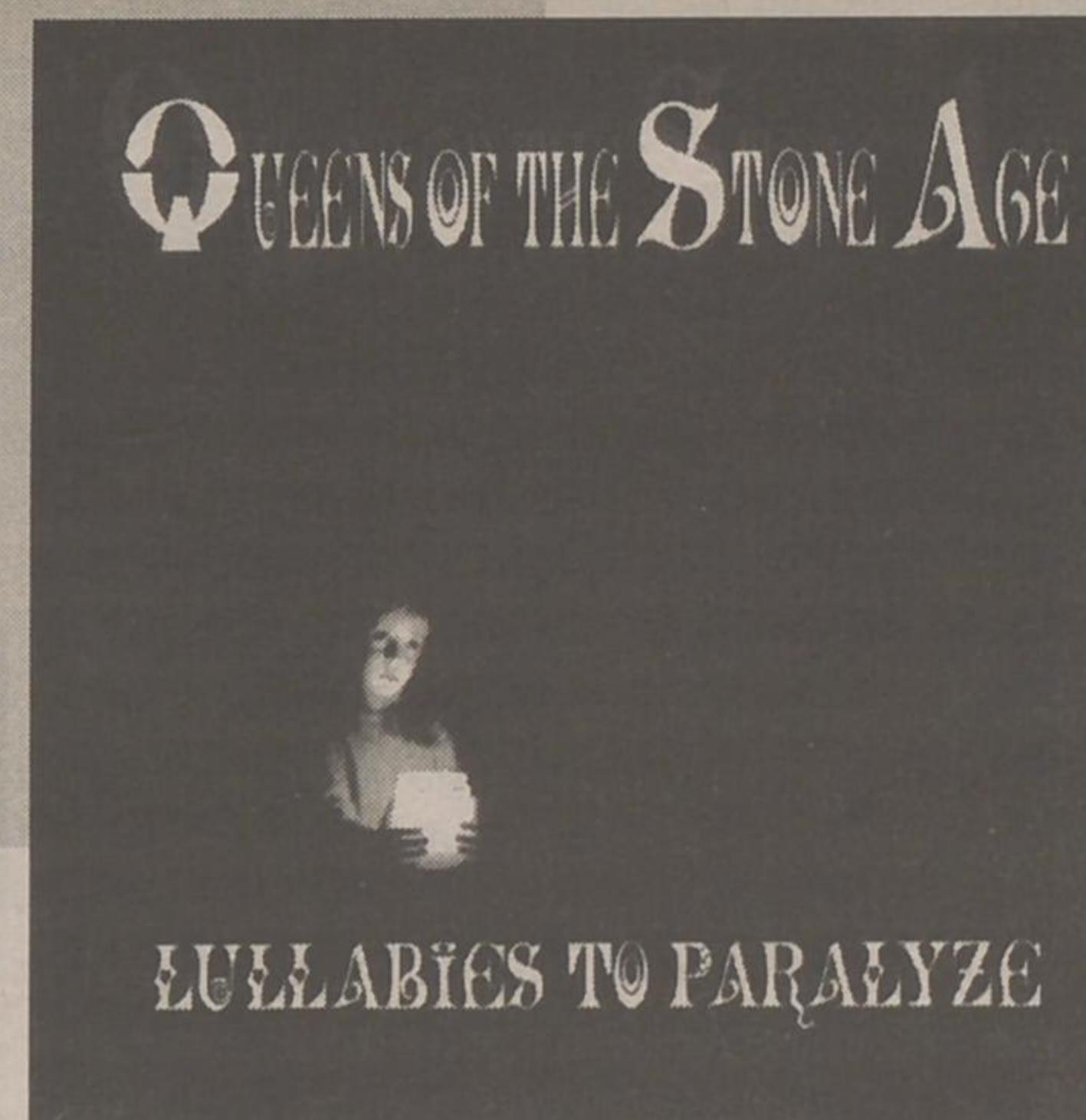
"If You Go Away" é uma tremenda melancólica melodia na voz de Sally Doherty.

"Two Ragged Soldiers" é Jorge Palma. Ponto. O sempiterno Palma só que em língua inglesa ainda que sem nada de novo.

"Rosemary" é uma versão... aliás, "Rosemary" são duas versões. Uma é de Xana e Flak (dos Rádio Macau), outra é de JP Simões e Sérgio Costa. Uma (a primeira) é banal. Outra (a segunda) é densa e interessante e lembra Belle Chase Hotel numa versão anglo-saxónica mais a preto e branco.

O resto? Bem, o resto é Dies Natalis, Corsage, Naevis, Raindogs, Matt Howden, Rose MacDowell, Sword Volcano Complex, Aranos, BCBN, Spiritual Front, Sleeping Pictures e David E. Williams numa lista de nomes que mostra Scott Walker e que, sem inovar, consegue entreter.

O bom, as versões acima referidas. O mau, as versões em causa não serem originais. Ainda assim, as cinzas transmitem vida. Rui Simões



Queens of the Stone Age
"Lullabies to Paralyze"
Interscope, 2005.

7/10

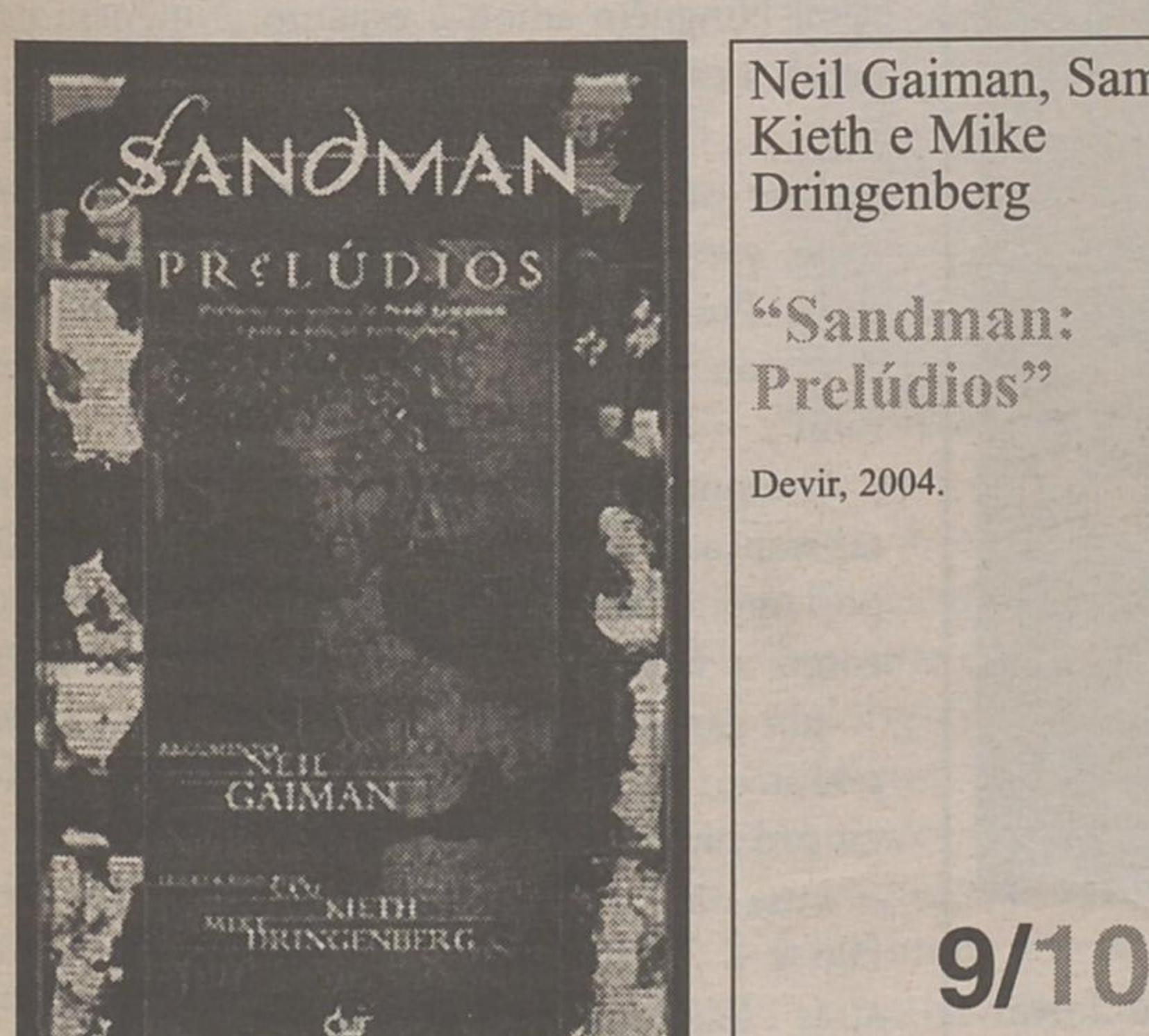
A fera amansada

Depois do sucesso de "Songs for the Deaf", os Queens of the Stone Age (QOTSA) tinham uma espinhosa tarefa de sucessão. Além disso, a banda foi-se confrontando ao longo destes quase três anos de interregno com saídas de membros nucleares que quase levaram à extinção dos mais famosos stoner-rockers do mundo. Primeiro foi o baixista de sempre, Nick Olivieri, que ao fim de mais de uma dezena de anos a colaborar com Josh Homme (já desde os tempos dos extintos Kyuss) decidiu bater com a porta a meio das sessões de gravação, por supostamente já não conseguir aturar com certos hábitos do colega de lides musicais. Quase logo a seguir, também Mark Lanegan abandonou o barco, centrando atenções na sua já extensa carreira a solo. Entretanto, os restantes QOTSA regressam ao estúdio para terminar um trabalho interrompido a meio e que segundo a banda, apresentava uma forte marca pessoal de Nick Olivieri. Isto colocou um problema: se optassem por manter essa marca o álbum podia sofrer de falta de coerência. Assim, a banda decide regravar todas as pistas de baixo que já tinham sido gravadas pelo ex-membro, bem como trabalhar nos restantes temas por gravar. E a 22 de Março de 2005, o público pôde finalmente conhecer o resultado de tantas convulsões.

"Lullabies to Paralyze" apresenta os QOTSA bem maduros, que à falta da dureza habitual do baixo de Nick Olivieri decidiram mesmo amansar a besta a níveis quase impensáveis. Ainda assim, conseguimos encontrar as marcas de rudeza rock'n'roll a que a banda nos habituou, ainda que servidas em doses perfeitamente pop. Mas isto já Josh Homme tinha feito nos últimos volumes das "suas" Desert Sessions.

Este é mais um álbum de grandes canções, feitas de pequenos pormenores deliciosos e em que nada está fora do sítio. Talvez esta seja a sua maior falha, sobretudo na vertente mais rock, que à vezes soa a sobreproduzida. Ainda assim, "Lullabies to Paralyze" é um digníssimo sucessor de "Songs for the Deaf". Emanuel Botelho

Desenha-se...



Neil Gaiman, Sam Kieth e Mike Dringenberg
"Sandman:
Prelúdios"
Devir, 2004.

9/10

O início de um sonho

"Sandman: Prelúdios" é o primeiro livro da saga Sandman, uma das mais populares e aclamadas séries de sempre no mundo da banda desenhada. O primeiro arco de histórias foi editado a partir de 1989 e durante inícios dos anos 90, e é esse que é agora compilado no volume editado pela Devir.

"Sandman: Prelúdios" parte de um argumento em tons de história clássica: um monarca destronado passa por uma série de desafios para retomar o seu lugar no poder; um argumento aparentemente simples, não fosse o rumo complexo que toma à medida que vai avançando, assumindo um caráter próprio de tragédia grega. Enquanto tenta capturar a personagem Morte (que assume aqui a forma de uma rapariga gótica), um mago captura o Senhor dos Sonhos, irmão daquela, personagem principal do livro, e que surge como personificação do conceito de sonho. Após setenta anos, quando finalmente se liberta, o

Senhor dos Sonhos encontra o seu reino em ruínas, e inicia uma jornada para proceder à sua reconstrução, onde encontra algumas das personagens mais interessantes alguma vez criadas na banda desenhada, bem como personagens de obras distintas de Sandman, como Ethrigan ou John Constantine.

A arte deste volume é algo desactualizada, sobretudo nas cores, mas é ao mesmo tempo brilhante se analisada tendo em conta a época em que foi realizada; talvez o mais interessante seja o contraste estabelecido entre a arte caricatural e surreal de Sam Kieth e a arte realista e leve de Mike Dringenberg, mostrando perspectivas totalmente diferentes das personagens que protagonizam a obra.

Sandman é, sem dúvida, um dos melhores exemplos de literatura figurativa adulta, e veio consagrar o argumentista Neil Gaiman como um dos maiores geníos da bd de sempre.

José Miguel Pereira

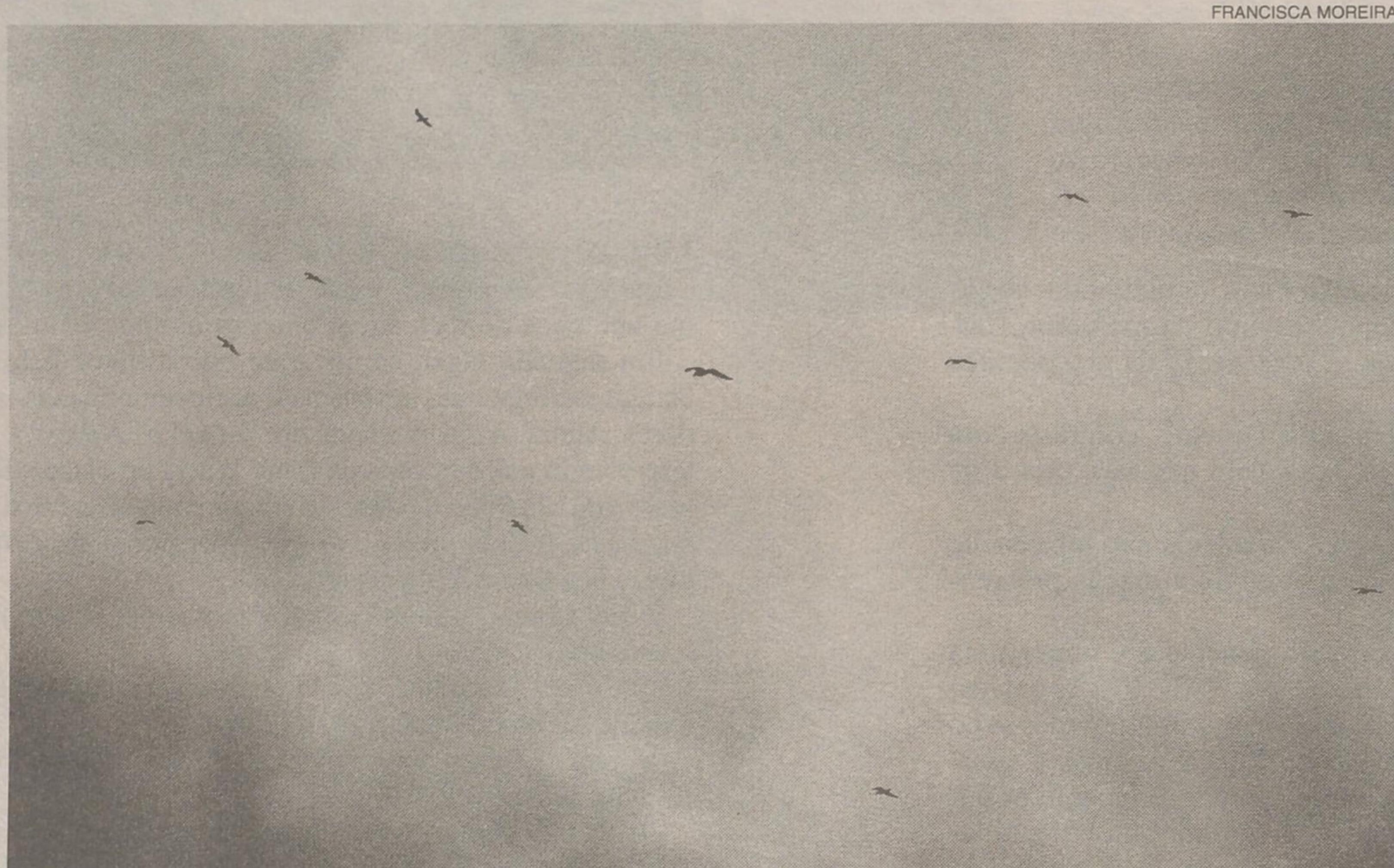
22 ESTÓRIAS

Vida Moderna - 13º Episódio

Grão de areia

Grão de areia. Isso mesmo, um minúsculo grão de areia. Nós pretendemos formar um grão de areia que se introduz na engrenagem da máquina, da grande máquina, subvertendo o seu mecanismo. Um mecanismo imparável e avassalador. Mas não temos medo. Não, não temos receio. Somos um pequeno e insignificante grão de areia, na margem do sistema, longe, muito longe do seu núcleo central, do seu centro de comando, onde se decide tudo. Por isso, como não somos visíveis, como não somos notados, temos boas condições para despoletar um processo de subversão. E quando repararem em nós, na nossa existência, será demasiado tarde. Demasiado tarde para contrariar o desmoronamento de todo este edifício que, hoje, por enquanto, parece tão sólido e inultrapassável.

Sim, mas querem introduzir esse grão de areia na engrenagem através destas conversas infensivas? Onde é que julgam que vão chegar com estes encontros semanais? Na minha perspectiva, conversar não é uma forma de desobediência especialmente corajosa. Há aqui um equívoco. Um grande



FRANCISCA MOREIRA

equívoco. Não que eu esteja em condições de sugerir algo mais eficaz, mais pragmático, mais subversivo. Não faço ideia do que se poderia fazer para sustar o mecanismo da grande máquina. Mas garanto que não são estas conversas joviais de sexta-feira à noite que vão incomodar, sequer, o seu vigoroso andamento. É preciso algo mais sério e arriscado. E não me parece que as pessoas que aqui se encontram, sem desprimo, tenham suficiente coragem para tal. Para pôr em causa a sua própria existência pacífica neste mundo

opressivo e vingativo. K. apresentava assim, cruelmente, todo o seu ceticismo. Escutava o longo discurso de George, serenamente, sem pestanejar, como que acatando as suas risíveis ideias. Pura ilusão óptica. No seu interior, germinava oasco, a revolta perante aquele espetáculo demagógico de falsas intenções, falsas pretensões, falsa coragem. Nada daquilo fazia sentido. Era sobretudo um imenso vazio. Grão de areia, engrenagem da máquina, subversão do mecanismo, meras figuras metafóricas que levavam a

lado nenhum. Uma total ausência de real, de sentido prático, de efectiva vontade de mudar as coisas, os acontecimentos. Mas o que captou, de facto, a atenção de K. foi aquele olhar decidido e confiante de Sarah, enquanto George debatava estúpidas banalidades a um ritmo incessante. Aquele olhar de quem esconde algo de verdadeiramente interessante, no seio de um grupo de pessoas perfeitamente vazias. Sarah era o único elemento de subversão no interior daquela sala basfinta. Por sinal, um belíssimo elemento. **Gustavo Sampaio**

(Na) Primeira Pessoa

Presente

Esplanada de um qualquer café. Peço a habitual "bica" do pós-almoço, enquanto me delicio com as conversas, as brincadeiras e, porque não dizê-lo, as parvozes do grupo que me acompanha.

Este é um dos vários cenários em que a minha vida se desenvolve. Pequenos momentos que me fazem sorrir e sentir que estou a percorrer os trilhos certos, até chegar a um amanhã que faz tanto sentido quanto estou junto de quem gosto, mas que parece tão irreal quanto não estou.

É esse amanhã que me espera, revelando-me quem eu sou, quem me rodeia e o que fica e não fica do que vivo agora. Quem se rei daqui a um ano? Com quem estarei? De quem sentirei falta? Perguntas que me ocorrem, mas que logo esqueço quando regresso ao presente e sinto o momento em que

estou e com quem estou. Cada minuto vale uma vida quando se está com quem vale a pena. E é assim que estou... vivendo cada instante, saboreando cada gole de vida como se estivesse a chegar ao fundo do copo. Não há futuro que resista quando o que se quer é viver o presente.

O presente... a realidade que se me atravessa. A esplanada de um qualquer café, a mesa de um qualquer bar, o escuro de uma qualquer sala de cinema, o verde de um qualquer jardim, e claro... aquela companhia que tanto me diz e com a qual partilho todos estes espaços. Admito que me assusta a sua ausência num fu-

turo próximo. Mas quando ela me faltar, quero sentir que a aproveitei ao máximo, e só a aproveito de uma forma: vivendo o presente. **João Campos**

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.



BRUNO GONÇALVES

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

O homem secreto do caixote de obus

Mukavel nunca gostou da guerra, mas não fugiu. "Fui prá não ficarr à vêrrr o país morreê, parrado, à mingar di genti e di esperança. Antes dirrr, deixei televisão prá genti, prá vêrr à guerra ao longi, prá q'eu não chôrrasse sozinho".

Deixou também uma mulher, Lusa, descasada pela força das armas, com um filho no ventre, sofrimento que não se desce do peito das recordações. "Caiu-me muita lágrima lá no mato. Não ver nascer o filho?? O filho prrróprrioo?? É trristi, faz mágoa, o peito rébenta quas".

Depois, a guerra amainou, choveu tudo. Hoje, guarda na tabanca um caixote a rebentar de obuses que ainda não caíram como estrelas cheias de cura para o fogo: "Há homens cheios de incêndios no peito, párra pôrra fogo à paz. Guardo fogo párra proteger do fogo do outrro".

Amadu teve neto com nome de arma de fogo, soviética. Akapa diz-se A K, nove anos vividos, poucas semanas mais que o primeiro aguaceiro de tiros na capital do país. "Filhú de filhú é filhú ainda maior, é duas vezes nosso cuidadú. Lusa-mae fugiu, não quis saber, abandonou e foi".

A idade de Amadu é de um tamanho que não se pode suspeitar. O "corpu di fora", como diz, não se deitou ao lado do passar dos anos e, por isso, a pele – a de fora – não dormeceu. Amadu sabe que o filho segreda à noite, que reparte memórias com um caixote de obuses. "Não tem maldadé. É um jeito di coragem, Mukavel não quer mal". Explica que as trevas dos tanques, das emboscadas, dos estilhaços de luta lhe roubaram muita família. "U caixoti é uma religião".

Faz hoje quatro dias que Akapa morreu – dizia-se A K – de doença escondida no corpo jovem. Ninguém adiou o espanto. Ninguém percebeu a causa.

Lusa garante que Mukavel nunca chorou por nada, que foi tempo perdido. "Livou tudo o queiu tinha. Prómiteu amar cádá coisa. Voltou di mala di carton, vazía. Não pôsso amar di bárriga cum fomi".

O amor é no desespero coisa de empréstimo, esperança que se reparte. Lusa sempre foi de corpo largo, a vontade serviu-lhe de altar: a Lusa como a Mukavel, a Mukavel como a outros. "Num gárantu qui filho é di Mukavel, pôdi sér, pôdi não, mas deixei pôr nome nele, antes di fugar pró mato dás armas. Amei muito".

Lusa não suspeita da morte do filho: "Não lhi falo e à Amadu-avô à não sei... lá atrás. Lá atrás". São quilómetros de mato cerrado e asfalto de crateras e bandidos com incêndios no peito que a separam da tabanca de Amadu. Talvez um dia saiba, talvez um dia chore, talvez um dia confesse o verdadeiro pai, se algum dia puder.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Telf: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: acabra@gmail.com

Concepção/Produção:
Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra



PUBLICIDADE



Outros rumos...

Por José Manuel Camacho (texto)

outrosrumos.acabra.net

Peniche

A chave do Reino

A designação é da autoria do Conselho de Guerra que no reinado de D. João IV acabou as obras de fortificação da vila piscatória de Peniche. Rodeada actualmente pela muralha e com a presença maciça da fortaleza assente sobre uma península, Peniche ainda mantém uma relação extremamente dependente com o mar. E este domina sob todos os aspectos o ritmo da vila.

O porto de pesca, as traineiras a vogarem nas ondas e as gaivotas

nos seus cantos esganiçados, pintam o quadro que os nossos olhos captam. Noutros tempos, o mar não foi assim tão generoso com esta praia e, desprotegida, Peniche sofreu vagas sucessivas de ataques de corsários franceses e ingleses (daí a decisão de a fortificar, logo em 1557, uma operação que demorou até à Restauração).

A exploração dos recursos marinhos é uma prática desde os tempos romanos. É, aliás, a partir da palavra latina "peninsula" (paene+insula) que Peniche nasce, já que a letra o significa "quase ilha".

Pela costa recortada e ponteada por rochedos imponentes, escondem-se praias de grande extensão. É em alguma delas que os amantes do surf podem encontrar boas condições. Dizem os entendidos, através

dos sítios da Internet, que a melhor é a do Baleal, "em frente à onda conhecida como Lagido" mas com as de Supertubos e Almagreira como alternativas.

Do mar à terra, e voltando ao princípio: a Fortaleza de Peniche. Tirando o facto de ser um bom miradouro sobre a costa, vale por se visitar o seu museu e as condições em que os presos políticos viviam no tempo da ditadura. Transformada em presídio de alta segurança em 1934, foi de lá que Álvaro Cunhal e mais nove camaradas escaparam a 3 de Janeiro de 1960. Existe documentação variada sobre a vida dos prisioneiros e as regras de conduta, sendo possível experimentar o ambiente frio e despidão das celas, uma das quais ornamentada com desenhos do nômeno antigo líder do PCP.



Na próxima semana Cabo Verde é em Coimbra

Os músicos Baú e Voguinha e o bailarino António Tavares, três dos nomes mais marcantes da cultura cabo-verdiana, vão estar presentes na "Semana Cultural do Mindelo"

Começa na próxima segunda-feira na cidade dos estudantes a "Semana Cultural do Mindelo", uma iniciativa organizada pela Câmara Municipal de Coimbra e pela Câmara Municipal de S. Vicente e que tem como objectivo principal promover a cultura cabo-verdiana.

Colóquios, palestras, exposições, concertos e espectáculos de dança são algumas das ações que vão ter lugar em Coimbra, na semana que medeia o 25 de Abril e o 1º de Maio.

Pelo Teatro Académico de Gil Vicente vão passar os espectáculos mais aguardados do

evento: os concertos dos músicos Baú e Voguinha, no dia 29, assim como as performances do bailarino e coreógrafo António Tavares e das "Batucadeiras da Associação do Moinho da Juventude de Lisboa", que sobem ao palco juntos na terça-feira.

Outro dos destaques vai para a participação da Orquestra Clássica do Centro (antiga Orquestra de Câmara de Coimbra) na "Semana Cultural do Mindelo". Um concerto agendado para dia 27 e onde a orquestra promete estrear duas sinfonias e uma peça inédita inspirada num tema de Coimbra que o compositor Vasco Martins fez propostamente para este evento, e que intitulou "Mornamar", uma aproximação da morna, a canção nacional de Cabo Verde, à balada de Coimbra.

A iniciativa, que abre na segunda com um espectáculo de dança de Marlene Freitas, vai também contar com "Mar Alto", uma peça do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo.

"Noite Escura" vence Caminhos do Cinema

A longa-metragem de João Canijo ganhou o prémio de Júri Oficial bem como o galardão do Júri de Imprensa

"Noite Escura" foi o grande vencedor da XII edição do festival "Caminhos do Cinema Português". No encerramento do festival, o filme do realizador João Canijo arrecadou o prémio de Melhor Longa-metragem em Película pelo Júri Oficial e o do Júri de Imprensa.

Outro dos vencedores do festival foi a película "Kiss Me" de António Cunha Telles que levou para casa o Prémio do Público. O realizador voltou a subir ao palco para receber o Prémio Ardent Imagine pela extensa carreira dedicada ao cinema português.

Já a curta-metragem "O Outro Lado do Arco-Íris" de Gonçalo Galvão Teles agradou à Federação Internacional de Cineclubes e venceu o

Prémio D. Quijote.

Ainda nas "curtas", foi "Pastoral" de José Barahona a receber o prémio de melhor Curta-metragem em Película do Júri Oficial. Na categoria de vídeo, o realizador Fernando Lobo Amaral foi premiado pela curta-metragem "Apneia".

Nos documentários, "Marrebentando ou As Histórias que a Minha Guitarra Canta" alcançou dois prémios. O documentário de TV conquistou o prémio do Júri Oficial e os votos do público para a categoria TV.

A revelação desta edição dos "Caminhos" foi para Anna da Palma. A estreia na realização com a longa-metragem "Sem Ela" valeu-lhe o Prémio Revelação atribuído pelo Júri Oficial.

Em jeito de balanço, o director do festival, Vítor Ferreira, mostrou-se satisfeito com uma semana de cinema em Coimbra que contou com 120 filmes e "salas bem compostas". Contudo, o responsável queixa-se da "falta de recursos para conseguir fazer algo mais profissional no futuro". (restantes vencedores em www.acabra.net)

PUBLICIDADE

um tema, um encadeamento, às vezes uma simples palavra... em rota até ao fim



Finisterre

para escutar com calma, Sos, à meio-noite
Rádio Universidade de Coimbra | 107.9FM | www.ruc.pt